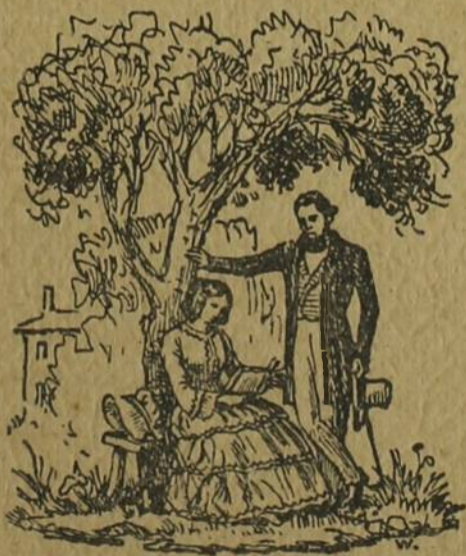


BIBLIOTECA DE LITERATURA BRASILEIRA

VI

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

MARÍLIA
DE DIRCEU



LIVRARIA MARTINS EDITORA
SÃO PAULO

LIVRARIA EDITORA

ZELIO VALVERDE

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27

RIO DE JANEIRO

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

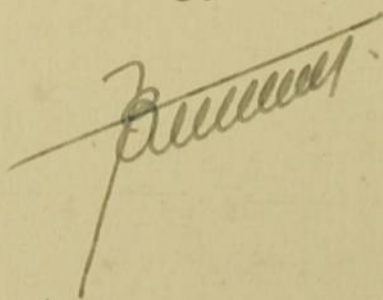
Marília de Dirceu

Dêste volume, o sexto da Biblioteca de Literatura Brasileira, e comemorativo do segundo centenário do nascimento de Tomás Antônio Gonzaga, fizeram-se à parte, em papel Westerledger, cento e vinte exemplares de luxo, sendo:

- nos. 1 a 20 — exemplares numerados e rubricados pelo editor, acompanhados de um dos desenhos originais de Alberto Guignard e de uma “suite” das ilustrações em sépia e destinados a um grupo de bibliófilos;
- nos. 21 a 70 — exemplares numerados e rubricados pelo editor, acompanhados de uma “suite” das ilustrações em sépia;
- nos. 71 a 120 — exemplares numerados e rubricados pelo editor.

A edição comum é constituída de dois mil exemplares em papel especial “bouffant” de primeira.

61



BIBLIOTECA DE LITERATURA BRASILEIRA

VI

Tomás Antônio Gonzaga

Marília de Dirceu



INTRODUÇÃO DE
AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

Ilustrações de GUIGNARD



LIVRARIA MARTINS EDITORA

Rua 15 de Novembro, 135

SÃO PAULO

L
Z
TR

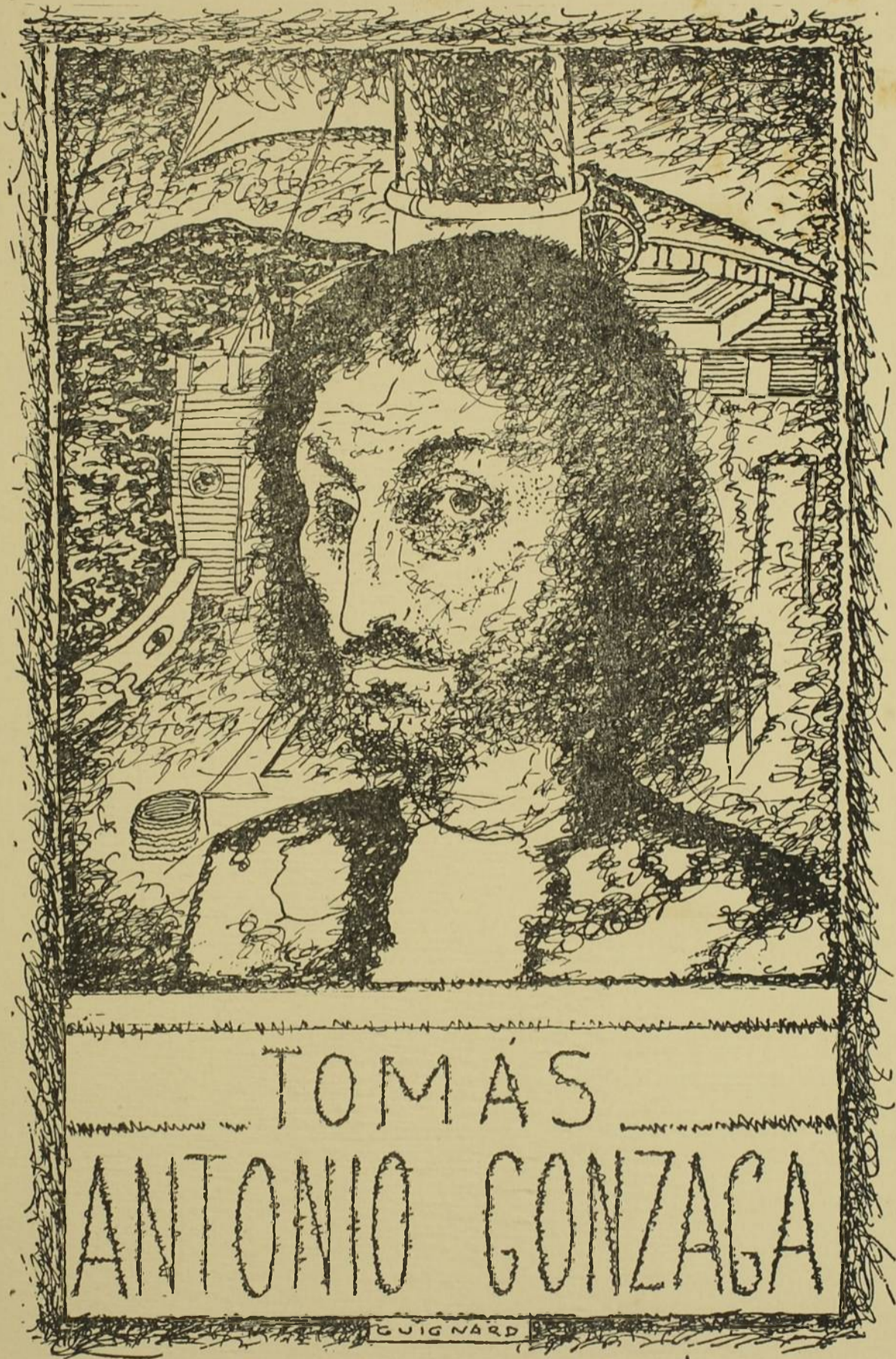
"BIBLIOTECA DE LITERATURA BRASILEIRA"

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA — *MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS*. Introdução de *Mário de Andrade*, ilustrações de F. Acquarone.
- II — JOSÉ DE ALENCAR — *IRACEMA*. Introdução de *Guilherme de Almeida*. Ilustrações de Anita Malfati.
- III — ÁLVARES DE AZEVEDO — *NOITE NA TAVERNA E MACÁRIO*. Introdução de *Edgard Cavalheiro*. Ilustrações de Di Cavalcanti.
- IV — MATIAS AIRES — *REFLEXÕES SÔBRE A VAIDADE DOS HOMENS*. Introdução de *Tristão de Ataíde*. Ilustrações de Santa Rosa.
- V — ALCÂNTARA MACHADO — *VIDA E MORTE DO BANDEIRANTE*. Introdução de *Sérgio Milliet*. Ilustrações de J. Wash Rodrigues.
- VI — TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA — *MARÍLIA DE DIRCEU*. Introdução de *Afonso Arinos de Melo Franco*. Ilustrações de Alberto Guignard.

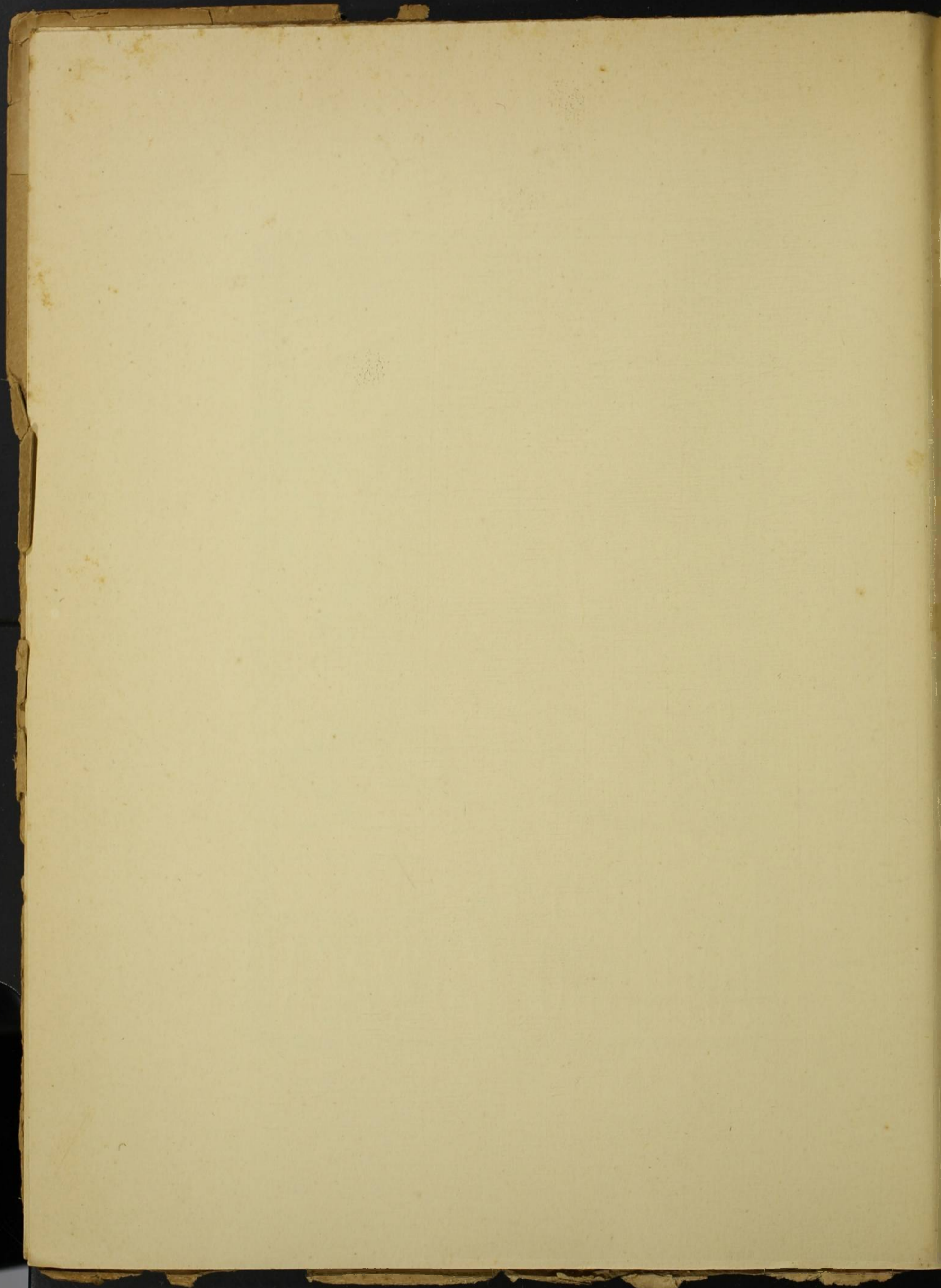
PRÓXIMOS VOLUMES:

- MACHADO DE ASSIS — *CASA VELHA* (romance). Introdução de *Lúcia Miguel Pereira*. Ilustrações de Santa Rosa.
- MONTEIRO LOBATO — *URUPÊS*. Introdução de *Edgard Cavalheiro*. Ilustrações de Paim.



TOMÁS
ANTONIO GONZAGA

GUIGNARD



P R E F Á C I O

Em agosto de 1944 vai passar o segundo centenário de nascimento de Tomás Antônio Gonzaga. Até lá é possível que o fascismo, inimigo dos poetas, tenha deposto as armas e que a guerra esteja terminada, pelo menos na Europa.

Esta hipótese radiosa, ainda que se verifique, transportará apenas para outro plano as dificuldades que enfrentamos agora, brasileiros e portugueses, mas elas aumentarão por ventura, em lugar de decrescer.

Devemos todos esperar que o ano próximo corra tão duro como o que vai findar. Talvez, mesmo, o desgosto da vida seja então mais sensível do que hoje, assim como se dá com os convalescentes de enfermidades graves, que se sentem muito pior, quando transpõem a crise, do que no momento em que a estão atravessando.

A luta feroz pela sobrevivência infunde aos povos, como às pessoas, um entusiasmo que vem da febre, uma vitalidade que a vizinhança da morte estica até o paroxismo, um desamor pelo vulgar e efêmero, e também este prazer profundo do lance total, do risco completo. Os atos decisivos e definitivos são então praticados com fácil desapêgo e sublime imprudência. Os cálculos e previsões são para quando se arrisca pouco. O organismo biológico ou social, que se defende contra uma agressão de morte, não pode se poupar na defesa, nem economizar estultas reservas, e aí está o seu verdadeiro instinto de conservação. E' este esquecimento, esta fusão do lutador com a luta que dão a tais momentos da vida a sua entusiástica e dramática plenitude.

Sòmente depois nos atacam a depressão, o desencanto, a fadiga, lívidos e viscosos assaltantes, cujas frias acometidas nos encontram mais em estado de abandono que de reação.

E' possível que este misto de estupor e tédio seja o estado de espírito dos povos depois de jugulado o nazismo. Mas por isto mesmo — e sempre supondo que a derrota dêle se aproxima — devemos tonificar a alma e a inteligência com o reatamento, a restauração das nobres atividades intelectuais. Elas serão um estímulo para a recuperação gradual do hábito de viver, hábito que representa, afinal, grande parte da felicidade da vida. Sim, viver, simplesmente viver.

Olhar as ondas, os céus, as mulheres, as crianças. E, segundo as necessidades, elevar a alma nas asas das preces ou das poesias.

O culto dos poetas é um dos processos eficazes nesta terapêutica, pela higiene mental, dos males do século. E, se existe poeta que tenha tido um culto permanente e espontâneo no sentimento do povo brasileiro, êle será sem dúvida o desconcertante namorado de Marília.

Muito natural portanto que, atendendo às razões e necessidades invocadas, se dê, no ano próximo, à comemoração de Dirceu um relêvo e uma extensão nacionais e até mesmo internacionais, pois o Brasil poderia bem se articular com Portugal para êste efeito.

Por certo o Govêrno, através dos institutos oficiais de ensino e de cultura, bem como as sociedades literárias e científicas se movimentarão; mas isto não exclue a utilidade de iniciativas particulares, como a presente edição das Liras.

Nosso intuito, ao sermos convidado pelo editor para organizá-la, foi desde logo oferecer aos numerosos amigos de Gonzaga um texto seguro, autêntico e, ao mesmo tempo, livre do aparelho bibliográfico e erudito, que representaria um pêso morto em edição com os objetivos desta.

Afinal de contas, o que pretendemos apresentar ao leitor é o poeta Dirceu, o amante de Marília e o cantor da sua frustrada paixão. Esta é a forma mais viva que a posteridade guardou da sua complexa figura, a que mais de perto fala à curiosidade e ao afeto do maior número de leitores.

O combatente político da Inconfidência; o satírico sangrento das Cartas Chilenas, sob cuja máscara aquêle combatente também se apresenta; o jurista dos estudos de Direito Natural; o homem de fibra, enfim, que, volvida a página mais forte da sua vida, — página de amor pela noiva, de ódio aos agressores do povo e de culto ao ideal humano da liberdade, vivida tôda no Brasil — ainda encontra fôrças para não se abater no exílio africano, para se interessar por tudo o que o cercava, para empreender novas lutas e experimentar, talvez, novos amores; êste homem verdadeiramente grande é mais assunto dos pesquisadores da história política, jurídica, literária, biográfica. Não é a tais especialistas que destinamos esta edição. Ela visa, repetimos, levar a um público muito mais dilatado os versos simples que retratam a magoada história do amor infeliz de um poeta, e isto porque sabemos que os versos, a história e o poeta andam sempre na memória e no coração do nosso povo.

Embora, como já foi indicado, tenhamos tido o intuito de evitar qualquer aparato erudito, o texto desta edição foi cuidadosamente organizado. Àquêles que se interessam por este ponto daremos rapidamente as explicações essenciais.

Como se sabe, as Liras de Gonzaga tiveram três primeiras edições, uma para cada parte em que se divide o livro. A primeira edição da primeira parte é de 1792, Lisboa, tipografia Nunesiana. Compõe-se de 33 liras. Em 1799, a mesma oficina imprime outra edição, que, além de conter as 33 liras já publicadas, oferece uma segunda parte nova, com 32 liras. Esta é, pois, a primeira edição da segunda parte. Em 1811 aparece uma edição básica para as Liras: a chamada Lacerdina, por ter sido impressa na tipografia deste nome. Tal edição, feita depois de aturadas pesquisas, segundo informa o seu prólogo, é básica porque acrescentou 4 liras às já publicadas na primeira parte, elevando, portanto, o número delas a 37, e 6 liras à segunda parte, que passa ao total de 38. Também inclui um soneto. Finalmente, no ano de 1812, aparece em Lisboa a primeira edição da terceira parte, feita pela Impressão Régia, a qual consta de 8 liras, 16 sonetos e 2 odes, sendo que 4 das liras e um dos sonetos por ela publicados já tinham sido insertos na Lacerdina.

Além destas poesias autênticas (não entraremos aqui na difícil questão da autoria duvidosa de um ou outro soneto, discutida por eruditos gonzagueanos mas ainda não esclarecida de todo), existe a terceira parte da edição Bulhões, de 1800, hoje seguramente tida como falsa por todos os que entendem mais ou menos do assunto e cujo inescrupuloso autor já o editor da Lacerdina diz até conhecer pessoalmente. Esta terceira parte falsificada foi várias vezes reimpressa no Brasil, como verdadeira, desde o começo do século passado, inclusive por editores literários de responsabilidade, como Joaquim Norberto e José Veríssimo. Este faz a ressalva de que considerava apócrifas as liras da sua terceira parte, o que nos dá o direito de estranhar ainda mais que êle as tenha deixado publicar junto com as duas partes que sabia autênticas.

O trabalho da presente edição foi feito sob o rigoroso critério de acompanhar escrupulosamente, para cada parte, o texto das respectivas primeiras edições. Assim, neste livro, a primeira parte é reprodução exata da edição de 1792, a segunda parte da de 1799 e a terceira da de 1812. A numeração das liras, isto é, a posição delas no texto, que freqüentemente difere, conforme as edições foi também mantida rigorosamente a mesma que a das edições "princeps".

Assim, as 4 liras que a Lacerdina incluiu na primeira parte mantivemo-las na terceira, conforme a ordem da edição de 1812, que foi a primeira completa

desta terceira parte. E as 6 liras com que a Lacerdina aumentou a segunda parte publicamo-las em último lugar, nesta mesma parte, para manter intacta a numeração da edição de 1799, que é a original, enquanto a Lacerdina as tinha incluído no meio, alterando, portanto, a posição inicial. Os sonetos e odes da terceira parte saem com título em vez de números, tal como na edição original de 1812.

Ainda um pormenor: Serviu também de base à comparação dos textos, para as poesias acrescentadas pela Lacerdina, não só um exemplar impresso dessa edição, como também o próprio manuscrito que serviu à impressão, gentilmente cedido pelo historiador mineiro sr. Augusto de Lima Júnior, que o comprou em Portugal e com êle enriqueceu a invejável coleção de livros, manuscritos, mapas e gravuras que possui sobre Minas-Gerais.

Todo o trabalho de organização do texto dentro das diretrizes citadas, bem como o da sua revisão, ficou a cargo da escritora Eneida, do Instituto Nacional do Livro, a quem apresentamos aquí os nossos agradecimentos.



Não nos alongaremos sobre a biografia de Gonzaga, a propósito da qual tanto se tem escrito, incluindo muita fantasia.

Apenas, para servir aos que, como o escritor português professor Rodrigues Lapa, mais desveladamente se ocupam em esclarecer de vez todos os fatos daquela vida, transmitiremos interessante informação que nos foi dada pelo sr. Augusto de Lima Júnior. Copiou êle, no Arquivo da família do Marquês de Lavradio, um trecho em que um dos membros dessa ilustre casa diz ter sido discípulo de um filho de Tomaz Antônio Gonzaga. Era homem ilustrado, algo taciturno, muito chegado às opiniões e idéias políticas por que tanto havia sofrido o pai. Ainda vivia em Lisboa no ano de 1826.

O sr. Augusto de Lima Júnior, com autorização de quem publicamos esta nota, pensa que a mãe dêste filho de Gonzaga era uma senhora de Beja, em cujo rastro anda, com fundadas esperanças de esclarecer-lhe a identidade.

Tenho para mim que ela seria aquela traïdora a quem o poeta se refere, mais de uma vez, em versos que tudo indica terem sido escritos no Reino, antes que o seu autor viesse para o Brasil. A esta misteriosa mulher Gonzaga chama ora Laura (vejam só que pouca modéstia, dar tal nome à sua musa!), ora Lidora, Ormia, Albina.

Como Albina, sua ingratidão é responsável pela partida do poeta, "por causa de uma infame desterrado" da doce terra lusitana:

"Adeu, cabana, adeus; adeus ó gado;
"Albina ingrata, adeus, em paz te deixo;
"Adeus, doce rabil; neste alto freixo
"Te fica, ao meu destino consagrado."

Seria este mal de amor a causa da vinda do poeta para o Brasil?

A ligação devia ter sido longa e pouco conveniente. Provavelmente não era mulher para aquêle burguês orgulhoso, cheio de preconceitos de família, acentuados pela natural retidão moral e pelo hábito da judicatura.

"Assim vivia, quando a falsidade
"De Laura me tornou num breve dia
"Quanto a razão não pôde em longa idade.

"Quebrei o vil grilhão que me oprimia!
"O' feliz de quem goza a liberdade
"Bem que venha por mãos da aleivosia!"

Traído pela amante, de quem tinha um filho, o poeta solteirão e já entrando em anos teria abandonado uma e outro e embarcado para a colônia americana, onde viria recuperar o tempo perdido num amor absorvente e menos digno, com a pura paixão por uma noiva mal saída da meninice.

Será demasiada conjectura? Talvez, mas ela se compõe com o trecho copiado pelo escritor mineiro sobre o filho de Gonzaga e também com alusões bem claras contidas em versos dêste.

Quanto às líras de Marília de Dirceu, dispensamo-nos de fazer sobre elas qualquer apreciação crítica.

E' inútil, além de ingênuo, criticar o consagrado. E não existe poema de amor na nossa rude e saborosa língua que tenha merecido consagração igual à que cerca o de Tomaz Antônio Gonzaga.

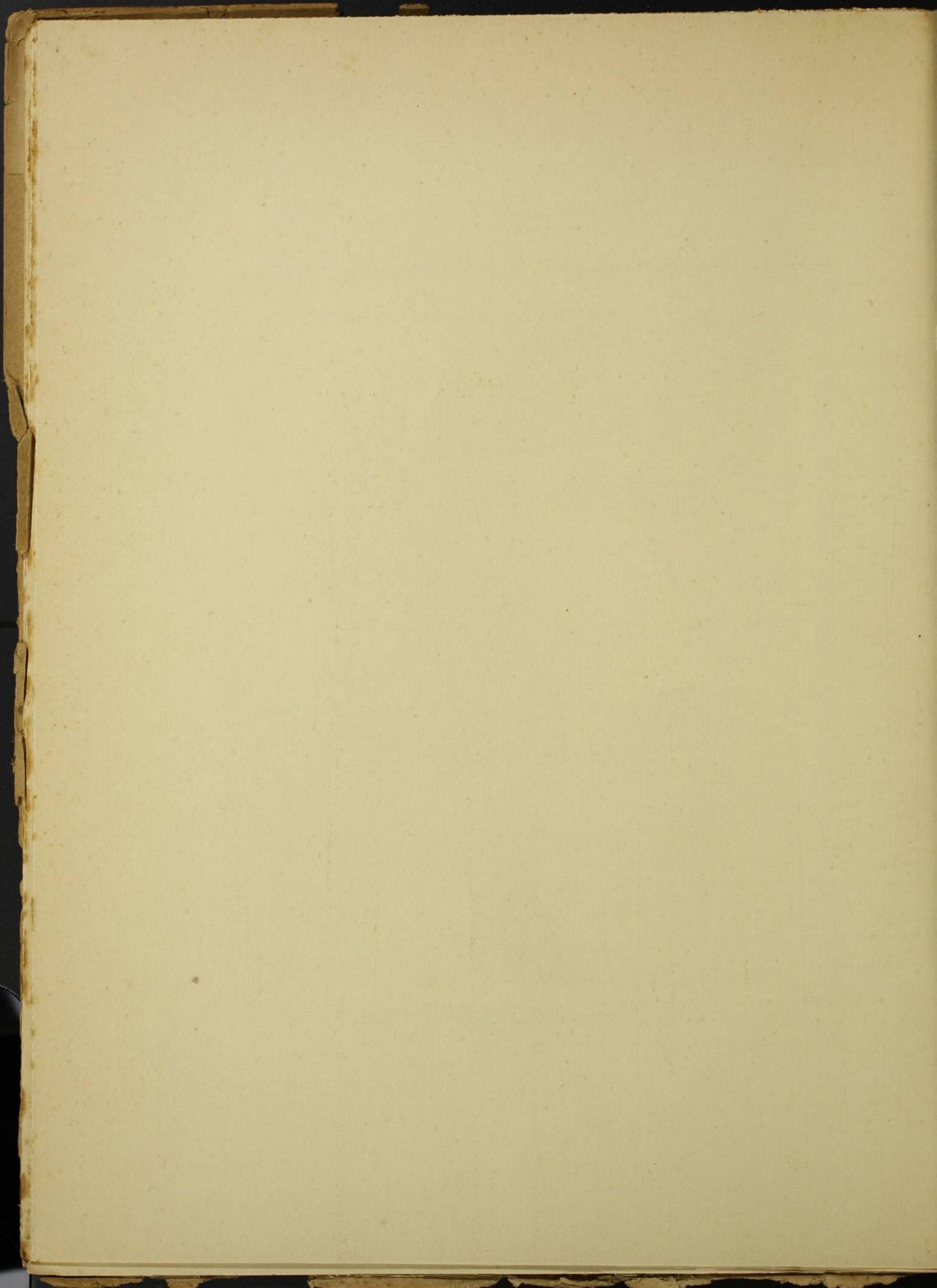
Augusto Emílio Zaluar, escrevendo em 1862, nos conta como, desde menino, ouvia na sua casa de província portuguesa o amor do poeta inconfidente e da moreninha de Vila-Rica ser tratado como assunto de família. E, no Brasil-Reino, Martius se deleita numa fazenda mineira com certo rapaz que cantava ao violão, transformadas em modinhas populares, as queixas doridas de Dirceu.

Versos assim, que entram na intimidade do sentimento popular, dispensam elogios e críticas. Estão acima de uns e de outras. Basta-nos conhecer que, em matéria de canto de amor, nenhum poema ultrapassou ainda em glória, no Brasil ou em Portugal, êstes simples ecos de uma humilde paixão provinciana, engrandecida pela desventura a ponto de tornar-se o tema lírico por excelência para os dois povos.

Copacabana, 1 de novembro de 1943.

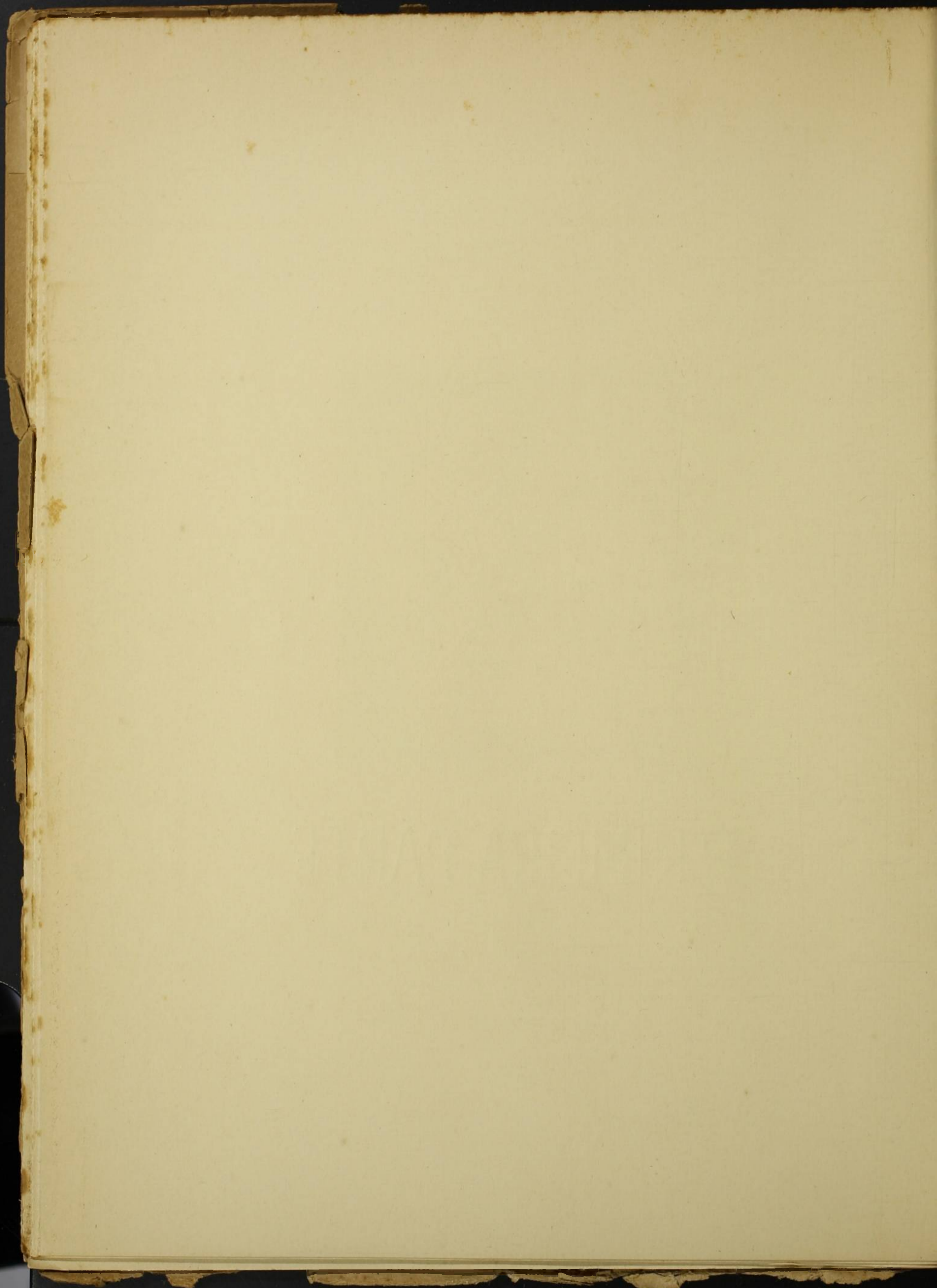
AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO.







PRIMEIRA PARTE



Lira I



u, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tôsko trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nêle assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrêla!

Eu vi o meu semblante numa fonte:
Dos anos inda não está cortado;
Os Pastores, que habitam êste monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a santoninha,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste
Nem canto letra, que não seja minha.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrêla!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só aprêço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que o teu afeto me segura
Que queres do que tenho ser Senhora.
E' bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte e prado;

Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais que um rebanho e mais que um trono.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrêla!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do sol em vão se atreve;
Papoila ou rosa delicada e fina
Te cobre as faces, que são côr da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! não, não fêz o Céu, gentil Pastora,
Para glória de amor igual Tesouso!
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrêla!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio, sôbre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rês, o nédio gado.
Já dêstes bens, Marília, não preciso
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marília, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrêla!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marília, no meu braço;
Aqui descansarei a quente sesta,
Dormindo um leve sono em teu regaço;
Enquanto a luta jogam os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabelos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrêla!



GOUGHARD

Depois que nos ferir a mão da Morte,
Ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa, rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os Pastores:
"Quem quiser ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos, que nos deram êstes".
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrêla!

Lira II

Pintam, Marília, os Poetas
A um menino vendado,
Com uma aljava de setas,
Arco empunhado na mão;
Ligeiras asas nos ombros,
O terno corpo despido,
E de Amor ou de Cupido
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,
Que assim seja Amor, pois êle
Nem é moço nem é cego,
Nem setas nem asas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Um retrato mais perfeito,
Que êle já feriu meu peito;
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabelos,
Que sôbre as costas ondeiam,
São que os de Apolo mais belos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marília, um composto
Da mais formosa união.

Tem redonda e lisa testa,
Arqueadas sobancelhas,
A voz meiga, a vista honesta,

E seus olhos são uns sóis.
Aqui vence Amor ao Céu:
Que no dia luminoso
O Céu tem um sol formoso,
E o travêso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marília, estão misturadas
Purpúreas fôlhas de rosa,
Branças fôlhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beijos são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito,
Dei logo um suspiro, e êle
Conheceu haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava;
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formoso;
Êle, ouvindo os seus louvores,
Com um modo desdenhoso
Se sorriu e não falou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta;
Não me deu também resposta,
Constrangeu-se e suspirou.

Conheço os sinais; e logo,
Animado da esperança,
Busco dar um desafôgo

Ao cansado coração.
Pego em seus dedos nevados,
E querendo dar-lhe um beijo,
Cobriu-se todo de pejo
E fugiu-me com a mão.

Tu, Marília, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Contigo estarás dizendo
Que é êste o retrato teu.
Sim, Marília, a cópia é tua,
Que Cupido é Deus suposto:
Se há Cupido, é só teu rosto,
Que êle foi quem me venceu.

Lira III

De amar, minha Marília, a formosura
Não se podem livrar humanos peitos.
Adoram os Heróis, e os mesmos brutos
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
Quem, Marília, despreza uma beleza
A luz da razão precisa;
E se tem discurso, pisa
A lei, que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no céu. O grande Jove
Uma vez se mudou em chuva de ouro;
Outras vezes tomou as várias formas
De General de Tebas, velha e touro.
O próprio Deus da Guerra, deshumano,
Não viveu de amor ileso;
Quis a Venus e foi prêso
Na rêde, que lhe armou o Deus Vulcano.

Se amar uma beleza se desculpa
Em quem ao próprio céu a terra move,
Qual é a minha glória, pois igualo,
Ou excedo no amor ao mesmo Jove?
Amou o Pai dos Deuses Soberano
Um semblante peregrino;
Eu adoro o teu divino,
O teu divino rosto e sou humano.

Lira IV

Marília, teus olhos
São réus e culpados
Que sofra e que beije
Os ferros pesados
De injusto senhor.

Marília, escuta
Um triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A língua prendeu-se,
Tremí e mudou-se
Das faces a côr.

Marília, escuta
Um triste Pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda e maior.

Marília, escuta
Um triste Pastor.

Dispús-me a servir-te;
Levava o teu gado
À fonte mais clara,
À vargem e prado
De relva melhor.

Marília, escuta
Um triste Pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia nos ninhos
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Se alguém te louvava,
De gosto me enchia;
Mas sempre o ciúme
No rosto acendia
Um vivo calor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Se estavas alegre,
Dirceu se alegrava;
Se estavas sentida,
Dirceu suspirava
À força da dor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Falando com Laura,
Marília dizia;
Sorria-se aquela,
E eu conhecia
O erro de amor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Movida, Marília,
De tanta ternura,
Nos braços me deste

Da tua fé pura
Um doce penhor.

Marília, escuta
Um triste Pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura,
Mas nunca seria
Teu peito traidor.

Marília, escuta
Um triste Pastor.

Tu já te mudaste;
E a Olaia frondosa,
Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.

Marília, escuta
Um triste Pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tirano
Te obriga a deixar-me,
Pois busca o meu dano
Da sorte que fôr.

Marília, escuta
Um triste Pastor.

Lira V

Acaso são êstes
Os sítios formosos,
Aonde passava
Os anos gostosos?
São êstes os prados,
Aonde brincava,
Enquanto pastava
O manso rebanho,
Que Alceu me deixou?

São êstes os sítios?
São êstes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Daquele penhasco
Um rio caía;
Ao som do sussurro
Que vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas:
Parece que o rio
O curso voltou.

São êstes os sítios?
São êstes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Meus versos, alegres,
Aqui repetia;
O Eco as palavras
Três vezes dizia.
Se chamo por êle,
Já não me responde;
Parece se esconde,
Cansado de dar-me
Os ais, que lhe dou.

São êstes os sítios?
São êstes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Aquí um regato
Corria sereno
Por margens cobertas
De flores e feno;
À esquerda se erguia
Um bosque fechado,
E o tempo apressado,
Que nada respeita,
Já tudo mudou.

São êstes os sítios?
São êstes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Mas como discorro?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de um dia?
Existem as fontes
E os freixos copados;

Dão flores os prados,
E corre a cascata,
Que nunca secou.

São êstes os sítios?
São êstes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor e saudade.
Os sítios formosos,
Que já me agradaram,
Ah! não se mudaram!
Mudaram-se os olhos,
De triste que estou.

São êstes os sítios?
São êstes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Lira VI

Oh! quanto pode em nós a vária Estrêla!
Que diversos que são os gênios nossos!
Qual solta a branca vela,
E afronta sôbre o pinho os mares grossos;
Qual cinge com a malha o peito duro,
E, marchando na frente das coortes,
Faz a tôrre voar, cair o muro.

O sórdido avarento em vão trabalha
Que possa o filho entrar no seu Tesouro:
Aquí, fechado, estende
Sôbre a tábua, que verga, as barras de ouro;
Sacode o jogador do copo os dados;
E numa noite só, que ao sono rouba,
Perde o resto dos bens, do pai herdados.

O que da voraz gula o vício adora,
Da lauta mesa os seus prazeres fia;
E o terno Alceste chora
Ao som dos versos, a que o gênio o guia.
O sábio Galileu toma o compasso,
E, sem voar ao Céu, calcula e mede
Das Estrêlas e sol o imenso espaço.

Enquanto pois, Marília, a vária gente
Se deixa conduzir do próprio gôsto,
Passo as horas contente
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cansar-me a saber se o Sol se move,

Ou se a terra volteia, assim conheço
Aonde chega a mão do grande Jove.

 Noto, gentil Marília, os teus cabelos;
E noto as faces de jasmims e rosas;

 Noto os teus olhos belos,
Os brancos dentes e as feições mimosas:
Quem fêz uma obra tão perfeita e linda,
Minha bela Marília, também pode
Fazer os Céus e mais, se há mais ainda.

Lira VII

Vou retratar a Marília,
A Marília, meus amores;
Porém como? se eu não vejo
Quem me empreste as finas côres:
Dar-mas a terra não pode;
Não, que a sua côr mimosa
Vence o lírio, vence a rosa,
O jasmim e as outras flores.

Ah! socorre, Amor, socorre
Ao mais grato empenho meu!
Voa sôbre os Astros, voa,
Traze-me as tintas do Céu.

Mas não se esmoreça logo;
Busquemos um pouco mais;
Nos mares talvez se encontrem
Côres, que sejam iguais.
Porém não, que em paralelo
Da minha ninfa adorada
Pérolas não valem nada,
Não valem nada os corais.

Ah! socorre, Amor, socorre
Ao mais grato empenho meu!
Voa sôbre os Astros, voa,
Traze-me as tintas do Céu.

Só no céu achar-se podem
Tais belezas como aquelas,
Que Marília tem nos olhos,

E que tem nas faces belas;
Mas às faces graciosas,
Aos negros olhos, que matam,
Não imitam, não retratam
Nem auroras nem Estrêlas.

Ah! socorre, Amor, socorre
Ao mais grato empenho meu!
Voa sôbre os Astros, voa,
Traz-me as tintas do Céu.

Entremos, Amor, entremos,
Entremos na mesma Esfera;
Venha Palas, venha Juno,
Venha a Deusa de Citera.
Porém não, que se Marília
No certame antigo entrasse,
Bem que a Paris não peitasse,
A tôdas as três vencera.

Vai-te, Amor, em vão socorres
Ao mais grato empenho meu:
Para formar-lhe o retrato
Não bastam tintas do céu.

Lira VIII

Marília, de que te queixas ?
De que te roube Dirceu
O sincero coração ?
Não te deu também o seu ?
E tu, Marília, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão ?

Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção ?

Em tórno das castas pombas,
Não rulam ternos pombinhos ?
E rulam, Marília, em vão ?
Não se afagam c'os biquinhos ?
E as provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão ?

Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção ?

Já viste, minha Marília,
Avezinhas que não façam
Os seus ninhos no verão ?
Aqueles, com quem se enlaçam,
Não vão cantar-lhes defronte
Do mole pouso, em que estão ?

Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção ?

Se os peixes, Marília, geram
Nos bravos mares e rios,
Tudo efeitos de amor são.
Amam os brutos ímpios,
A serpente venenosa,
A Onça, o Tigre, o Leão.

Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

As grandes Deusas do Céu
Sentem a seta tirana
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endimião?

Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

Desiste, Marília bela,
De uma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chama é inspirada
Pelo céu, pois nela assenta
A nossa conservação.

Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

Lira IX

Eu sou, gentil Marília, eu sou cativo;
Porém não me venceu a mão armada
De ferro e de furor;
Uma alma sôbre tôdas elevada
Não cede a outra fôrça que não seja
À tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora
Cadeias nas bigornas trabalhadas
Com pesados martelos;
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Que são os teus cabelos.

Oculto nos teus meigos, vivos olhos,
Cupido a tudo faz tirana guerra,
Sacode a seta ardente;
E sendo despedida cá da terra,
As nuvens rompe, chega ao alto Empíreo,
E chega ainda quente.

As abelhas, nas asas suspendidas,
Tiram, Marília, os sucos saborosos
Das orvalhadas flores:
Pendientes dos teus beijos graciosos,
Ambrósias chupam, chupam mil feitiços
Nunca fartos Amores.

O vento, quando parte em largas fitas
As fôlhas, que meneia com brandura;
A fonte cristalina,
Que sôbre as pedras cai de imensa altura,
Não forma um som tão doce, como forma
A tua voz divina.

Em tórno dos teus peitos, que palpitam,
Exalam mil suspiros desvelados
Enxames de desejos;
Se encontram os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropelem, voam, chegam,
E dão furtivos beijos.

O Cisne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas asas e o pescoço;
A Nau, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuna o pano grosso,
O teu garbo não tem, minha Marília,
Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade;
Eu prezo o cativoiro, sim, nem chamo
À mão de Amor impia;
Honro a virtude e os teus dotes amo:
Também o grande Aquiles veste a saia,
Também Alcides fia.

Lira X

Se existe um peito,
Que isento viva
Da chama ativa,
Que acende Amor,
 Ah! não habite
Neste montado,
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra, que o Ímpio
Aquí se esconde,
Não sei aonde,
Mas sei que o vi.
 Traz novas setas,
Arco robusto;
Tremí de susto,
Em vão fugí.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortais,
Quantos sinais
O ímpio tem.
 Oh! como é justo
Que todo o humano
Um tal tirano
Conheça bem!

No corpo ainda
Menino existe;
Mas quem resiste
Ao braço seu ?

Ao negro Inferno
Levou a guerra;
Venceu a terra,
Venceu o Céu.

Jamais se cobrem
Seus membros belos;
E os seus cabelos
Que lindos são !

Vendados olhos,
Que tudo alcançam,
E jamais lançam
A seta em vão !

As suas faces
São côr da neve;
E a bôca breve
Só risos tem.

Mas, ah! respira
Negros venenos,
Que nem ao menos
Os olhos vêem.

Aljava grande,
Dependurada,
Sempre atacada
De bons farpões.

Fere com estas
Agudas lanças
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a seta falta,
Tem outra pronta,
Que a dura ponta
Jamais torceu.

Ninguém resiste

Aos golpes dela:
Marília bela
Foi quem lha deu.

Ah! não sustente
Dura que seja
O que deseja
Ser vencedor!

Fuja e não olhe,
Que só fugindo
De um rosto lindo
Se vence Amor.

Lira XI

Não toques, minha Musa, não, não toques
Na sonora Lira,
Que às almas, como a minha, namoradas,
Doces canções inspira;
Assopra no clarim, que, apenas soa,
Enche de assombro a terra,
Naquele, a cujo som cantou Homero,
Cantou Vergílio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,
Emprêsa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que forma
Cupido o seu tesouro,
Vivos olhos e faces côr da neve,
Com crespos fios de ouro:
Meus olhos só vêem gramas e loureiros;
Vêem carvalhos e palmas;
Vêem os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,
Emprêsa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o Herói, que já no berço
As Serpes despedaça;

Que fere os Cacos, que destronca as Hidras,
Mais os leões, que abraça.
Cantemos, se isto é pouco, a dura guerra
Dos Titães e Tifeus,
Que arrancam as montanhas e atrevidos
Levam armas aos céus.

Busquemos, ó Musa,
Emprêsa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento,
Que a voz também levanto;
Porém tu deste muito acima o ponto,
Dirceu não pode tanto.
Mas, ah! vou a dizer *Herói e Guerra*,
E só *Marília* digo.

Deixemos, ó Musa,
Emprêsa maior
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim, agora
Meu canto já se afina,
E a humana voz parece que ao som delas
Se faz também divina.
O mesmo, que cercou de muro a Tebas,
Não canta assim tão terno;
Nem pode competir comigo aquêlé,
Que desceu ao negro Inferno.

Deixemos, ó Musa,
Emprêsa maior
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Mal repito *Marília*, as doces aves
Mostram sinais de espanto;
Erguem os colos, voltam as cabeças,
Param o ledó canto;
Move-se o tronco, o vento se suspende,
Pasma o gado e não come.
Quanto podem meus versos! Quanto pode
Só de *Marília* o nome!

Deixemos, ó Musa,
Emprêsa maior
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Lira XII

Topei um dia
Ao Deus vendado,
Que, descuidado,
Não tinha as setas
Na ímpia mão.

Mal o conheço,
Me sobe logo
Ao rosto o fogo,
Que a raiva acende
No coração.

Morre, tirano,
Morre, inimigo!
Mal isto digo,
Raivoso o aperto
Nos braços meus.

Tanto que o moço
Sente apertar-se,
Para salvar-se
Também me aperta
Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto;
Ah! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão!
Pôde suster-se
A vez primeira;
Mas à terceira,

Nos pés, que alarga,
Se firma em vão.

Mal o derrubo,
Ferro aguçado
No já cansado
Peito, que arqueja,
Mil golpes deu.

Suou seu corpo;
Tremeu gemendo;
E a côr perdendo,
Bateu as asas
Enfim, morreu.

Qual bravo Alcides,
Que a hirsuta pele
Vestiu daquele
Grenhoso bruto,
A quem matou,

Para que prove
A emprêsa honrada
Co' a mão manchada,
Recolho as setas,
Que me deixou.

Ouviu Marília
Que Amor gritava,
E como estava
Vizinha ao sítio,
Valer-lhe vem.

Mas quando chega
Espavorida,
Nem já de vida
O fero monstro
Indício tem.

Então Marília,
Que o vê de perto,
De pó coberto,
E todo envolto
No sangue seu,
As mãos aperta
No peito brando,
E aflita dando
Um ai, os olhos
Levanta ao Céu.

Chega-se a êle
Compadecida;
Lava a ferida
C'o pranto amargo,
Que derramou.

Então o monstro
Dando um suspiro,
Fazendo um giro,
Co'a baça vista,
Ressuscitou.

Respira a Deusa;
E vem o gôsto
Fazer no rosto
O mesmo efeito,
Que fêz a dor.

Que louca idéia
Foi a que tive!
Enquanto vive
Marília bela,
Não morre Amor.

Lira XIII

Oh! quantos riscos,
Marília bela,
Não atropela
Quem cego arrasta
Grilhões de Amor!
 Um peito forte,
De acôrdo falto,
Zomba do assalto,
Do vil traidor.

 O amante de Hero
Da luz guiado,
C'o peito ousado
Na escura noite
Rompe o mar.

 Se o Helesponto
Se encapelava,
Ah! não deixava
De lhe ir falar.

Do Cantor Trácio
A heroicidade
Esta verdade,
Minha Marília,
Prova também:
 Cheio de esforço
Vai ao Cocito
Buscar aflito
Seu doce bem.

Que ação tão grande,
Nunca intentada !
Ao pé da entrada
Já tudo assusta
O coração:
 Pendientes rochas
Campos adustos,
Que nem arbustos,
Nem ervas dão.

 Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Aqueronte,
Rio de ardente,
Mortal licor.

 Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflamada,
Que mete horror.

 Que seguranças !
Que fechaduras !
As portas duras
Não são de lenhos,
De ferro são.

 Por três gargantas,
Quando alguém bate,
Raivoso late
O negro cão.

 Dentro da cova
Soam lamentos;
E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz !

 Minos a pena
Manda se intime

Igual ao crime,
Que alí conduz.

Grande penedo
Êste carrega;
E apenas chega
Do monte ao cume,
O faz rolar.

A pedra sempre
Ao vale desce,
Sem que êle cesse
De a ir buscar.

Nas limpas águas
Habita aquêlé;
Por cima dêle
Verdejam ramos,
Que pomos dão.

Debalde a bôca
Molhar pretende;
Debalde estende
Faminta mão.

Tem outro o peito
Despedaçado:
Monstro esfaimado
Jamais descansa
De lho roer.

A roxa carne,
Que o abutre come,
Não se consome,
Torna a crescer.

Mas, bem que tudo
Pavor inspira,
Tocando a lira
Desce ao Averno
O bom Cantor.

Não se entorpece
A língua e braço;

Não treme o passo,
Não perde a côr.

Ah ! também quanto
Dirceu obrara,
Se precisara
Marília bela
Do esforço seu !
Rompera os mares
C'o peito terno,
Fôra ao Inferno,
Subira ao céu.

Aos dois amantes
De Trácia e Abido
Não deu Cupido
Do que aos mais todos
Maior valor.
Por seus vassalos
Fôrças reparte,
Como lhes parte
Os graus de Amor.

Lira XIV

Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte dêste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deuses
Sujeitos ao poder do ímpio Fado:
Apolo já fugiu do Céu brilhante,
Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem, que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte:
Qual fica no Sepulcro,
Que seus avós ergueram, descansado;
Qual no campo e lhe arranca os frios ossos
Ferro do torno arado.

Ah! enquanto os Destinos impiedosos
Não voltam contra nós a face irada,
Façamos, sim, façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos.

Um coração, que, frouxo,
A grata posse de seu bem difere
A si, Marília, a si próprio rouba,
E a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores
E façamos de feno um brando leito
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,

Gozemos do prazer de sãos Amores.
Sôbre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que passa,
Também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gôsto falta,
E se entorpece o corpo já cansado;
Triste, o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.
A mesma formosura
É dote, que só goza a mocidade:
Rugam-se as faces, o cabelo alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar, Marília bela?
Que vão passando os florescentes dias?
As glórias, que vêm tarde, já vêm frias;
E pode enfim mudar-se a nossa estrêla.
Ah! não, minha Marília,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as fôrças,
E ao semblante a graça.

Lira XV

A minha bela Marília
Tem de seu um bom tesouro
Não é, doce Alceu, formado
Do buscado
Metal louro;

É feito de uns alvos dentes,
É feito de uns olhos belos,
De umas faces graciosas,
De crespos, finos cabelos,
E de outras graças maiores,
Que a natureza lhe deu:
Bens, que valem sôbre a terra,
E que têm valor no Céu.

Eu posso romper os montes,
Dar às correntes desvios,
Pôr cercados espaçosos
Nos caudosos,
Turvos rios.

Posso emendar a ventura
Ganhando, astuto, a riqueza;
Mas, ah! caro Alceu, quem pode
Ganhar uma só beleza
Das belezas, que Marília
No seu tesouro meteu?
Bens, que valem sôbre a terra,
E que têm valor no Céu.

Da sorte que vive o rico,
Entre o fausto, alegremente,

Vive o guardador do gado.
Apoucado,
Mas contente.

Beije pois tôrpe avarento
As arcas, de barras, cheias;
Eu não beijo os vis tesouros;
Beijo as douradas cadeias,
Beijo as setas, beijo as armas
Com que o cego Amor venceu:
Bens, que valem sôbre a terra,
E que têm valor no Céu.

Ama Apolo, o fero Marte,
Ama, Alceu, o mesmo Jove:
Não é, não, a vã riqueza,
Sim beleza,
Quem os move.

Pôsto ao lado de Marília,
Mais que mortal me contemplo;
Deixo os bens, que aos homens cegam.
Sigo dos Deuses o exemplo:
Amo virtudes e dotes;
Amo, enfim, prezado Alceu,
Bens, que valem sôbre a terra,
E que têm valor no Céu.

Lira XVI

Eu, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada
 Pastora formosa,
 Pastora engraçada,
Vejo a sua côr de rosa,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpúreos beiços.
Vejo o peito cristalino;
Nem há cousa, que assemelhe
Ao crêspo cabelo louro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale um imenso tesouro!

 Ela vence muito e muito
À laranjeira copada.
 Estando de flores
 E frutos ornada.

É, Glauceste, os teus Amores
E nem por outra Pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bela fôra,
O meu Glauceste cansara
As divinas cordas de ouro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale um imenso tesouro!

 Sim, Eulina é uma Deusa
Mas anima a formosura
 De uma alma de fera
 Ou ainda mais dura.
Ah! quando Alceu pondera

Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o sofrimento,
E qual enfêrmo delira!
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro,
A tua Eulina não vale,
Não vale imenso tesouro.

O fuzil, que imita a cobra,
Também aos olhos é belo;
Mas quando alumeia,
Tu tremes de vê-lo.

Que importa se mostre cheia
De mil belezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura, que mata.
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago e desdouro;
A tua Eulina não vale,
Não vale imenso tesouro.

A minha Marrília quanto
À natureza não deve!

Tem divino rosto
E tem mãos de neve.

Se mostro na face o gôsto,
Ri-se Marília, contente:
Se canto, canta comigo;
E apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabelo louro.
A minha Marília vale,
Vale um imenso tesouro.

Lira XVII

Minha Marília,
Tu enfadada?
Que mão ousada
Perturbar pode
A paz sagrada
Do peito teu?

 Porém que muito
Que irado esteja
O teu semblante!
Também troveja
O claro céu.

 Eu sei, Marília,
Que outra Pastora
A tôda a hora,
Em tôda a parte,
Cega namora
Ao teu Pastor.

 Há sempre fumo
Aonde há fogo:
Assim, Marília,
Há zelos, logo
Que existe amor.

 Olha, Marília,
Na fonte pura
A tua alvura,
A tua bôca
E a compostura
Das mais feições,

Quem tem teu rosto
Ah! não receia
Que terno amante
Solte a cadeia,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas
No seu cabelo,
Sem peles finas
No seu jubão.
Porém que importa?
O rico asseio
Não dá, Marília,
Ao rosto feio
A perfeição.

Lira XVIII

Não vês aquêlo velho respeitável,
Que, à muleta encostado,
Apenas mal se move e mal se arrasta?
Oh! quanto estrago não lhe fêz o tempo,
O tempo arrebatado,
Que o mesmo bronze gasta!

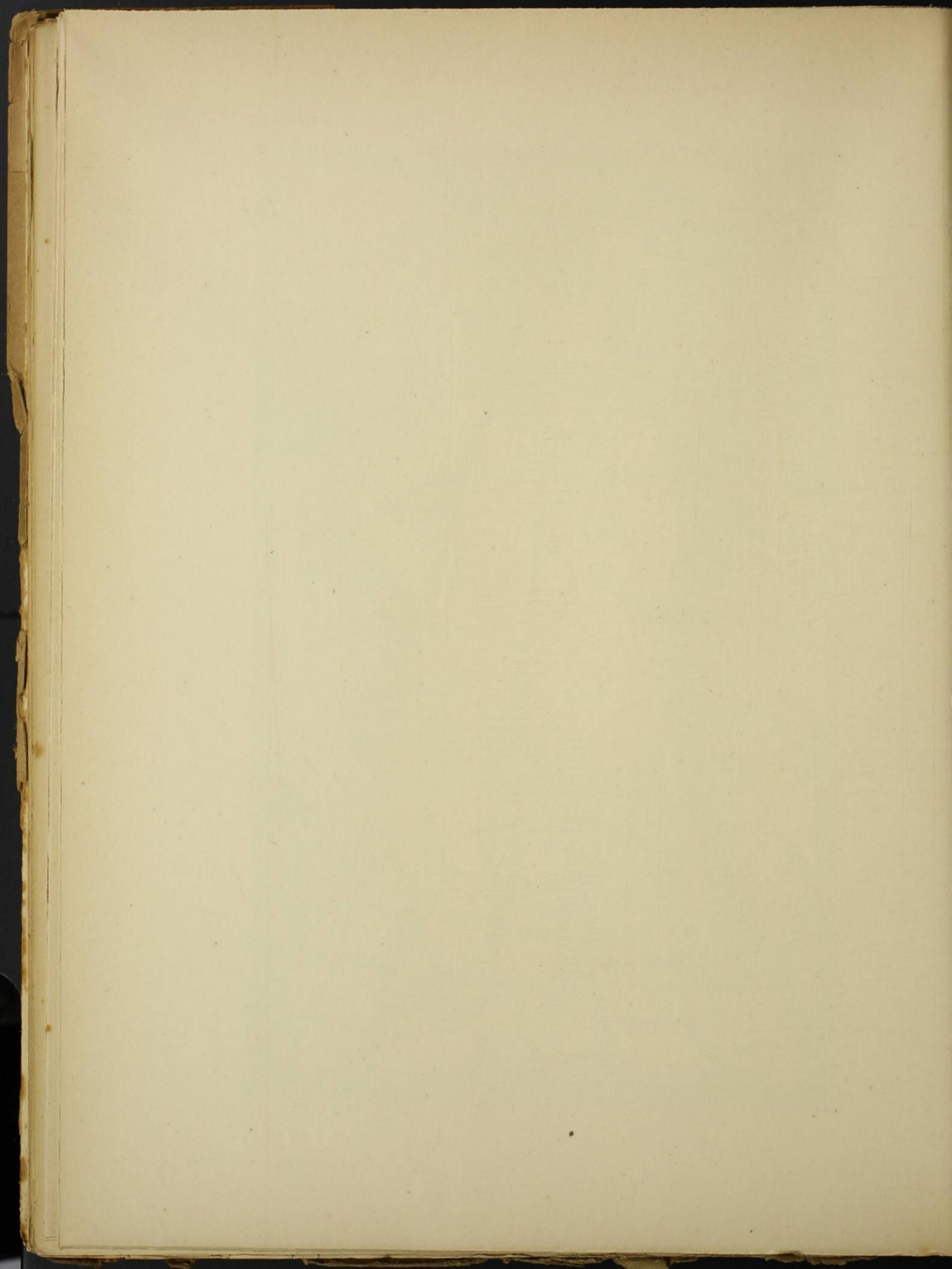
Enrugaram-se as faces e perderam
Seus olhos a viveza:
Voltou-se o seu cabelo em branca neve
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,
Nem tem uma beleza
Das belezas que teve.

Assim também serei, minha Marília,
Daquí a poucos anos,
Que o ímpio tempo para todos corre.
Os dentes cairão e os meus cabelos.
Ah! sentirei os danos,
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei uma velhice
Muito menos penosa.
Não trarei a muleta carregada,
Descansarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada.

As frias tardes, em que negra nuvem
Os chuveiros não lance,





Irei contigo ao prado florescente:
Aqui me buscarás um sítio ameno,
Onde os membros descanse,
E ao branco Sol me aquente.

Apenas me sentar, então, movendo
Os olhos por aquela
Vistosa parte, que ficar fronteira,
Apontando direi: *Alí falámos,*
Alí, ó minha bela,
Te vi a vez primeira.

Verterão os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria;
Farão teus olhos ternos outro tanto;
Então darei, Marília, frios beijos
Na mão formosa e pia,
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marília, docemente
Meu corpo suportando
Do tempo deshumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marília
Quem, sentida, chorando
Meus baços olhos cerra.

Lira XIX

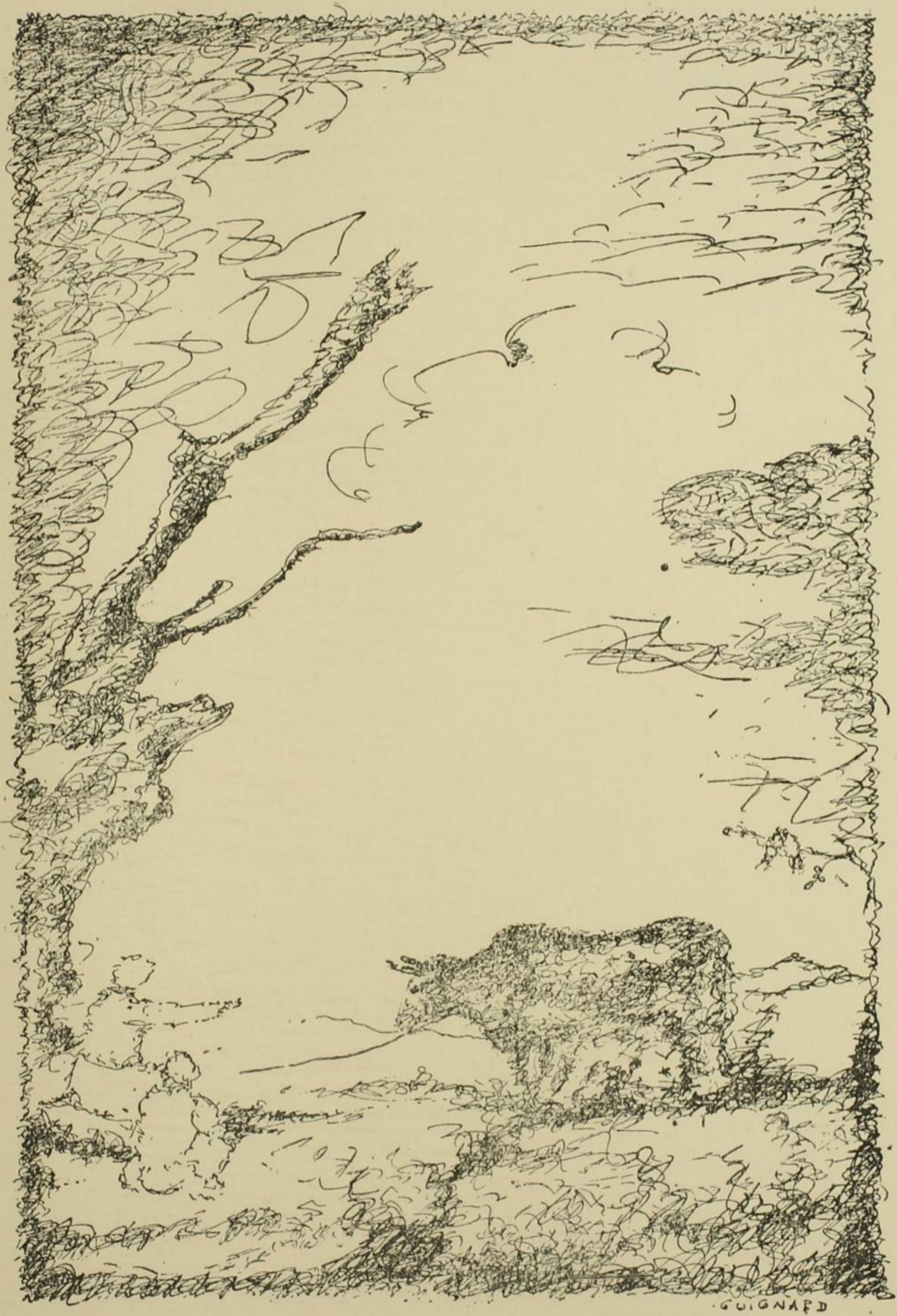
Enquanto pasta alegre o manso gado,
Minha bela Marília, nos sentemos
À sombra dêste cedro levantado.

Um pouco meditemos
Na regular beleza,
Que em tudo quanto vive nos descobre
A sábia Natureza.

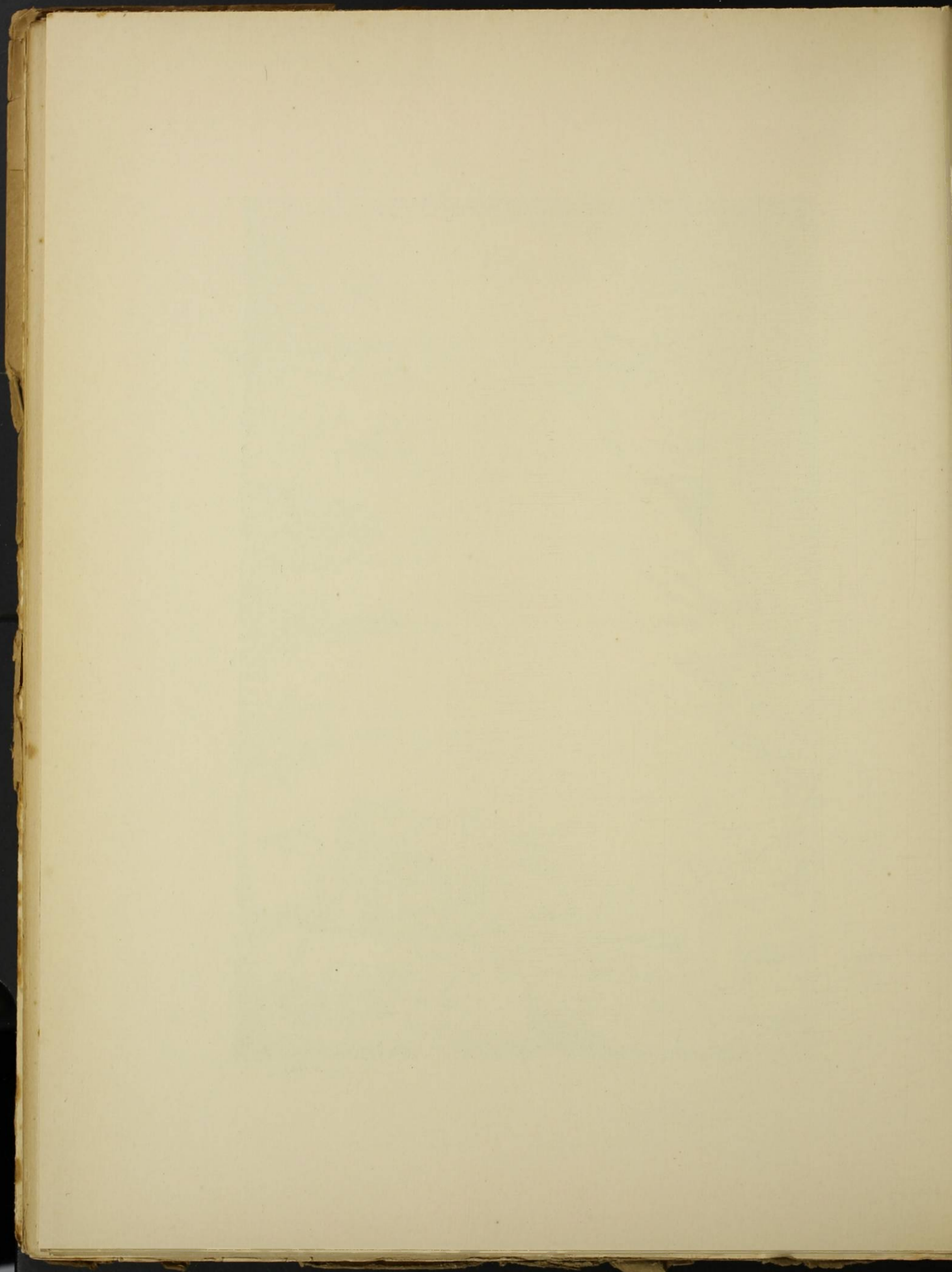
Atende como aquela vaca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, enquanto chupa a lisa teta.
Atende mais, ó cara,
Como a ruiva cadela
Suporta que lhe morda o filho o corpo,
E salte em cima dela.

Repara como, cheia de ternura,
Entre as asas ao filho essa ave aqueita,
Como aquela esgravata a terra dura,
E os seus assim sustenta;
Como se encoleriza,
E salta sem receio a todo o vulto,
Que junto dêle pisa,

Que gôsto não terá a espôsa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando,
E refletir então no seu semblante!
Quando, Marília, quando
Disser consigo: *É esta*
De teu querido pai a mesma barba,
A mesma boca e testa.



GUIGNARD



Que gôsto não terá a mãe, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'ô dedinho
Nas faces graciosas e na bôca
Do inocente filhinho!
Quando, Marília bela,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la!

Que prazer não terão os pais, ao verem
Com as mães um dos filhos abraçados;
Jogar outros a luta, outros correrem
Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura:
Que até naquilo, que de pêso serve,
Inspira Amor doçura!

Lira XX

Em uma frondosa
Roseira se abria
Um negro botão.
Marília adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

Nas fôlhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeu.
Tocou-lhe Marília,
Na mão descuidada
A fera mordeu.

Apenas lhe morde,
Marília, gritando,
C'o dedo fugiu.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudiu.

Mal viu a rotura
E o sangue espargido,
Que a Deusa mostrou,
Risonho, beijando
O dedo ofendido,
Assim lhe falou:

— *Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah! dá-me atenção:
E como daquele
Que feres e matas
Não tens compaixão?*

Lira XXI

Não sei, Marília, que tenho,
Depois que vi o teu rosto,
Pois quanto não é Marília
Já não posso ver com gôsto.

Noutra idade me alegrava
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro:
Hoje, ó bela, me aborrece
Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?

Saio da minha cabana
Sem reparar no que faço;
Busco o sítio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.

Fito os olhos na janela;
Aonde, Marília bela,
Tu chegas ao fim do dia;
Se alguém passa e te saúda,
Bem que seja cortesia,
Se acende na face a côr.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?

Se estou, Marília, contigo,
Não tenho um leve cuidado;
Nem me lembra se são horas
De levar à fonte o gado.



Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante
Finge um dia o meu desgosto;
Jamais, Pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?

Ando já com o juízo,
Marília, tão perturbado,
Que no mesmo aberto sulco
Meto de novo o arado.

Aquí no centeio pego,
Noutra parte em vão o sego;
Se alguém comigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
Noutra coisa tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro,
Só Marília me desvela,
Enche-se o peito de mágoa,
E não sei a causa dela.

Mal durmo, Marília, sonho
Que fero leão medonho
Te devora nos meus braços:
Gela-se o sangue nas veias,
E solto de sono os laços
À fôrça da imensa dor.
Ah! que os efeitos, que sinto,
Só são efeitos de Amor!

Lira XXII

Muito embora, Marília, muito embora
Outra beleza, que não seja a tua,
Com a vermelha roda, a seis puxada,
Faça tremer a rua;

As paredes da sala, aonde habita,
Adorne a sêda e o tremó dourado;
Pendam largas cortinas, penda o lustre
Do teto apainelado,

Tu não habitarás Palácios grandes,
Nem andarás nos coches voadores;
Porém terás um Vate que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;
E da pálida morte a mão tirana
Arrasa os edifícios dos Augustos,
E arrasa a vil choupana.

Que belezas, Marília, floresceram,
De quem nem sequer temos a memória!
Só podem conservar um nome eterno
Os versos, ou a história.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarca,
Por mais que qualquer delas fôsse linda,
Já não sabia o mundo se existiram
Nem Laura, nem Clorinda.

É melhor, minha bela, ser lembrada
Por quantos hão-de vir sábios humanos,
Que ter urcos, ter coches e tesouros,
Que morrem com os anos.

Lira XXIII

Num sítio ameno,
Cheio de rosas,
De brancos lírios,
Murtas viçosas,

Dos seus amores
Na companhia,
Dirceu passava
Alegre o dia.

Em tom de graça
Ao terno amante
Manda Marília
Que toque e cante.

Pega na lira,
Sem que a tempere,
A voz levanta,
E as cordas fere.

C'os doces pontos
A mão atina,
E a voz iguala
À voz divina.

Ela, que teve
De rir-se a idéia,
Nem move os olhos,
De assombro cheia.

Então Cupido
Aparecendo,
À bela fala,
Assim dizendo:

— *Do teu amado*
A lira fias,
Só por que dêle
Zombando rias?

Quando num peito
Assento faço,
Do peito subo
À língua e braço.

Nem creias que outro
Estilo tome,
Sendo eu o mestre,
A ação teu nome.

Lira XXIV

Encheu, minha Marília, o grande Jove
De imensos animais de tôda a espécie
 As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobres rios,
 Dos negros, fundos mares.
 Para sua defesa,
A todos deu as armas, que convinha,
 À sábia Natureza.

 Deu as asas aos pássaros ligeiros,
Deu ao peixe escamoso as barbatanas;
 Deu veneno à serpente,
Ao membrudo Elefante a enorme tromba,
 E ao Javalí o dente.
 Coube ao Leão a garra;
Com leve pé saltando o Cervo foge;
 E o bravo Touro marra.

 Ao homem deu as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas;
 Deu-lhe dedos ligeiros,
Que podem converter em seu serviço
 Os ferros e os madeiros;
 Que tecem fortes laços,
E forjam raios, com que aos brutos cortam
 Os vôos, mais os passos.

 Às tímidas donzelas pertenceram
Outras armas, que têm dobrada fôrça:
 Deu-lhes a Natureza,

Além do entendimento, além dos braços,
As armas da beleza.
Só ela ao Céu se atreve,
Só ela mudar pode o gêlo em fogo,
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto
Quem pôs em campo armada
Tôda a fôrça da Grécia.
E quem tirou o Cetro aos Reis de Roma,
Só foi, só foi Lucrecia.

Se podem lindos rostos, mal suspiram,
O braço desarmar do mesmo Aquiles;
Se êstes rostos irados
Podem soprar o fogo da discórdia
Em povos aliados;
Ês árbitra da terra:
Tu podes dar, Marília, a todo o mundo
A paz e a dura guerra.

Lira XXV

O cego Cupido um dia
Com os seus Gênios falava
Do modo, que lhe restava,
De cativar a Dirceu.

Depois de larga disputa,
Um dos Gênios mais sagazes
Êste conselho lhe deu:

As setas mais aguçadas,
Como se em rocha batessem,
Dão nos seus peitos e descem
Tôdas quebradas ao chão.

Só as graças de Marília
Podem vencer um tão duro,
Tão isento coração.

A fortuna desta emprêsa
Consiste em armar-se o laço,
Sem que sinta ser o braço,
Que lho prepara, de Amor:

Que êle vive como as aves,
Que já deixaram as penas
No visco do Caçador.

Na fôrça dêste conselho
O raivoso Deus sossega,
E à tropa a honra entrega
De o fazer executar.

Todos pretendem ganhá-la;
Batem as asas ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se ocultaram
Da Deusa nos olhos belos;
Qual se enlaçou nos cabelos,
Qual às faces se prendeu.

Um amorinho cansado
Caíu dos lábios ao seio,
E nos peitos se escondeu.

Outro Gênio mais astuto
Êste novo ardil alcança:
Muda-se numa criança
De divino parecer;
Esconde as asas e a venda;
Esconde as setas e quanto
Pode dá-lo a conhecer.

Ela que vê um menino
Todo de graças coberto,
Tão risonho e tão esperto
Alí sòzinho brincar,
A êle endireita os passos;
Finge Amor ter mêdo e a Deusa
Mais se empenha em lhe pegar.

Ela corria chamando;
Êle fugia e chorava:
Assim foram onde estava
O descuidado Pastor.

Êste, mal viu a beleza
E o gentil menino, entende
A malícia do traidor.

Põe as mãos sôbre os ouvidos,
Cerra os olhos e, constante,
Não quer ver o seu semblante,
Não o quer ouvir falar.

Qual Ulisses noutra idade
Para iludir as Sereias
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a emprêsa via,
Julga o intento frustrado,
E de raiva transportado
O corpo no chão lançou.

Traçou a língua nos dentes;
Meteu as unhas no rosto
E os cabelos arrancou.

O Gênio, que se escondia
Entre os peitos da Pastora,
Ergueu a cabeça fora,
E o sucesso conheceu.

Deixa o sossêgo em que estava,
E vai ligeiro meter-se
No peito do bom Dirceu.

Apenas c'ò brando peito
Lhe tocou a neve fria,
Com o calor, que trazia,
Lhe abrasou o coração.

Dá o Pastor um suspiro,
Abre os seus olhos e solta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que viram os Gênios
Ao triste Pastor disposto
Para ver o lindo rosto,
Para as palavras ouvir,

Cada um as armas toma,
Cada um com elas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabelos da Deusa
Lhe forma um Cupido laços,
Que lhe seguram os braços,
Como se fôsem grilhões.

O Pastor já não resiste;
Antes beija satisfeito
As suas doces prisões.

Lira XXVI

O destro Cupido um dia
Extraiu mimosas côres
De frescos lírios e rosas,
De jasmins e de outras flores.

Com as mais delgadas penas
Usa de uma e de outra tinta,
E nos ângulos do cobre
A quatro belezas pinta.

Por fazer pensar a todos,
No seu liso centro escreve
Um letreiro, que pergunta:
Êste espaço a quem se deve?

Venus, que viu a pintura,
E leu a letra engenhosa,
Pôs por baixo: *Eu dêle cedo;*
Dê-se a Marília formosa.

Lira XXVII

Alexandre, Marília, qual o rio,
Que engrossando no inverno tudo arrasa,
Na frente das cohortes
Cerca, vence, abrasa
As Cidades mais fortes;
Foi na glória das armas o primeiro;
Morreu na flor dos anos e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas êste bom Soldado, cujo nome
Não há poder algum que não abata,
Foi, Marília, sòmente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande César, cujo nome voa,
À sua mesma Pátria a fé quebranta;
Na mão a espada toma,
Oprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.
Consegue ser herói por um delito;
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscrito.

O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os Impérios: move a guerra,

Espalha o sangue humano,
E despova a terra
Também o mau tirano.
Consiste o ser herói em viver justo:
E tanto pode ser herói o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou herói, Marília bela,
Seguindo da virtude a honrosa estrada:
Ganhei, ganhei um trono,
Ah! não manchei a espada,
Não o roubei ao dono!
Erguí-o no teu peito e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Uns tão ditosos laços.

Aos bárbaros, injustos vencedores
Atormentam remorsos e cuidados;
Nem descansam seguros
Nos Palácios, cercados
De tropa e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sábia História,
A quem mudou o fado em negro opróbrio
A mal ganhada glória!

Eu vivo, minha bela, sim, eu vivo
Nos braços do descanso e mais do gosto:
Quando estou acordado,
Contemplo no teu rosto,
De graças adornado;
Se durmo, logo sonho e alí te vejo.
Ah! nem desperto nem dormindo sobe
A mais o meu desejo!

Lira XXVIII

Cupido, tirando
Dos ombros a aljava,
Num campo de flores
Contente brincava.

E o corpo tenrinho
Depois, enfadado,
Incauto reclina
Na relva do prado.

Marília formosa,
Que ao Deus conhecia,
Oculta espreitava
Quanto êle fazia.

Mal julga que dorme
Se chega contente,
As armas lhe furta,
E o Deus a não sente.

Os Faunos, mal viram
As armas roubadas,
Saíram das grutas
Soltando risadas.

Acorda Cupido,
E a causa sabendo,
A quantos o insultam
Responde, dizendo:

*Teméis as setas
Nas minhas mãos cruas ?
Vereis o que podem
Agora nas suas.*

Lira XXIX

O tirano Amor risonho
Me aparece e me convida
Para que seu jugo aceite;
E quer que eu passe em deleite
O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte
(Astuto o moço dizia)
Já perto da morte estava,
Inda de amores cantava;
Por isso alegre vivia.*

*Aos negros, duros pesares
Não resiste um peito fraco,
Se Amor o não fortalece;
O mesmo Jove carece
De Cupido e mais de Baco.*

Eu lhe respondo: — *Perjuro,
Nada creio do que dizes,
Porque já te fui sujeito,
Inda conservo no peito
Estas frescas cicatrizes.*

Amor, vendo que da oferta
Algum aprêço não faço,
Me diz afoito que trate
De ir com êle a combate,
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas;
Cinjo primeiro que tudo
A brilhante arnês; e à pressa
Ponho um elmo na cabeça,
Tomo a lança e o grosso escudo.

Mal no Campo me apresento,
Marília (oh! céus!) me aparece:
Logo que os olhos me fita,
O meu coração palpita,
A minha mão desfalece.

Então me diz o tirano:
— *Confessa, louco, o teu erro;*
Contra as armas da beleza
Não vale a externa defesa
Dessa armadura de ferro.

Lira XXX

Junto a uma clara fonte
A mãe de Amor se sentou;
Encostou na mão o rosto,
No leve sono pegou.

Cupido, que a viu de longe,
Contente ao lugar correu;
Cuidando que era Marília,
Na face um beijo lhe deu.

Acorda Venus irada:
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede o perdão:

*Foi fácil, ó mãe formosa,
Foi fácil o engano meu;
Que o semblante de Marília
É todo o semblante teu.*



Lira XXXI

Minha Marília,
Se tens beleza,
Da Natureza
É um favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
É só por graça
Do Deus de amor,
Que, terno, inflama
A mente, o peito
Do teu Pastor.

Em vão se viram
Perlas mimosas,
Jasmins e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrêlas
E as tranças belas,
Que o Céu te deu,
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceu.

O voraz tempo
Ligeiro corre;
Com êle morre
A perfeição.

Essa, que o Egito
Sábia modera,
De Marco impera
No coração;
Mas já Otávio
Não sente a força
Do seu grilhão.

Ah! vem, ó bela,
E o teu querido,
Ao Deus Cupido
Louvores dar!
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo e morte
Possam zombar:
Tu por formosa,
E êle, Marília,
Por te cantar.

Mas ai! Marília,
Que de um amante,
Por mais que cante,
Glória não vem!
Amor se pinta
Menino e cego;
No doce emprêgo
Do caro bem
Não vê defeitos,
E aumenta quantas
Belezas tem.

Nenhum dos Vates,
Em teu conceito,
Nutriu no peito

Néscia paixão ?
Tôdas aquelas,
Que vês cantadas,
Foram dotadas
De perfeição ?
Foram queridas;
Porém formosas
Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceu ?
Tu tens, Marília,
Cantor celeste;
O meu Glauceste
A voz ergueu:
Irá teu nome
Aos fins da Terra,
E ao mesmo Céu.

Quando nas asas
Do leve vento
Ao Firmamento
Teu nome fôr,
Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a Espôsa
De inveja a côr;
De todos há-de,
Voltando o rosto,
Sorrir-se Amor.

Ah ! não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito

Da ingratidão:
Os versos beija,
Gentil Pastora,
A pena adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,
Que te segura
A duração.

Lira XXXII

Numa noite, sossegado,
Velhos papéis revolvía,
E por ver de que tratavam
Um por um a todos lia.

Eram cópias emendadas
De quantos versos melhores
Eu compús na tenra idade
A meus diversos amores.

Aquí leio justas queixas,
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal aceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões tamanhas,
Eu exclamo, transportado:
— *Que finezas tão mal feitas,*
Que tempo tão mal passado!

Junto pois num grande monte
Os soltos papéis, e logo,
Por que relíquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deus cego,
Com semblante carregado,
Assim me fala e crimina
O meu intento acertado:

— *Queres queimar êsses versos ?*
Dize, Pastor atrevido,
Essas Liras não te foram
Inspiradas por Cupido ?

Achas que de tais amores
Não deve existir memória ?
Sepultando êsses triunfos,
Não roubas a minha glória ?

Disse Amor; e mal se cala,
Nos seus ombros a mão pondo,
Com um semblante sereno
Assim à queixa respondo:

Depois, Amor, de me dares
A minha Marília bela,
Devo guardar umas Liras,
Que não são em honra dela ?

E que importa, Amor, que importa
Que a êstes papéis destrua ?
Se é tua esta mão, que os rasga,
Se a chama, que os queima, é tua ?

Apenas Amor me escuta,
Manda que os lance nas brasas;
E ergue a chama c'ò vento,
Que formou, batendo as asas.

Lira XXXIII

Pega na lira sonora,
Pega, meu caro Glauceste;
E ferindo as cordas de ouro,
Mostra aos rústicos Pastores
A formosura celeste
De Marília, meus amores.

Ah ! pinta, pinta
A minha bela !
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso !
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino;
E o teu canto sonoro
Também do seu rosto é dino.

Ah ! pinta, pinta
A minha bela !
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta Natureza
Que providência não teve !
Criou no jardim as rosas,
Fêz o lírio e fêz a neve.

Ah ! pinta, pinta
A minha bela !
E em nada a cópia
Se afaste dela.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te desveles,
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando;
Uns tecendo cordas dêles,
Outros com êles brincando.

Ah ! pinta, pinta
A minha bela !
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beijos graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada,
E para os olhos formosos
A Estrêla da madrugada.

Ah ! pinta, pinta
A minha bela !
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa a outros dotes, passa:
Pinta da vista e do riso
A modéstia, mais a graça.

Ah ! pinta, pinta
A minha bela !
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas;
Aos seus pés, quando passeiam,
Pisando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.

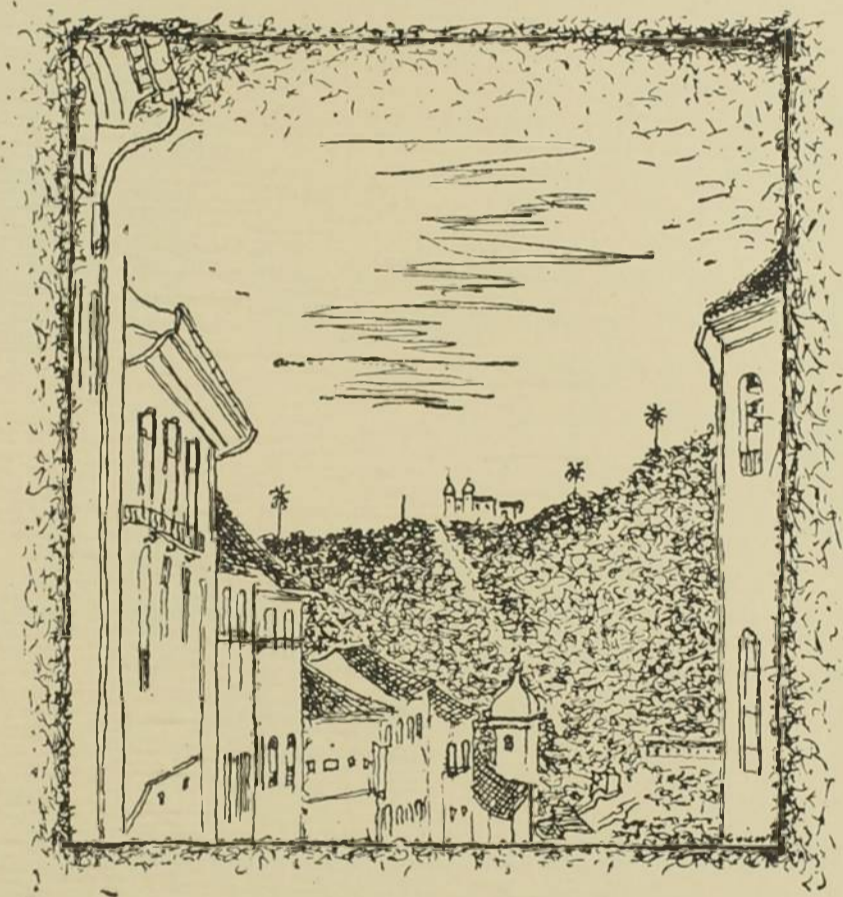
Ah ! pinta, pinta
A minha bela !
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Pinta mais, prezado amigo,
Um terno amante beijando
Suas doiradas cadeias;
E em doce pranto desfeito,
Ao monte e vale ensinando
O nome, que tem no peito.

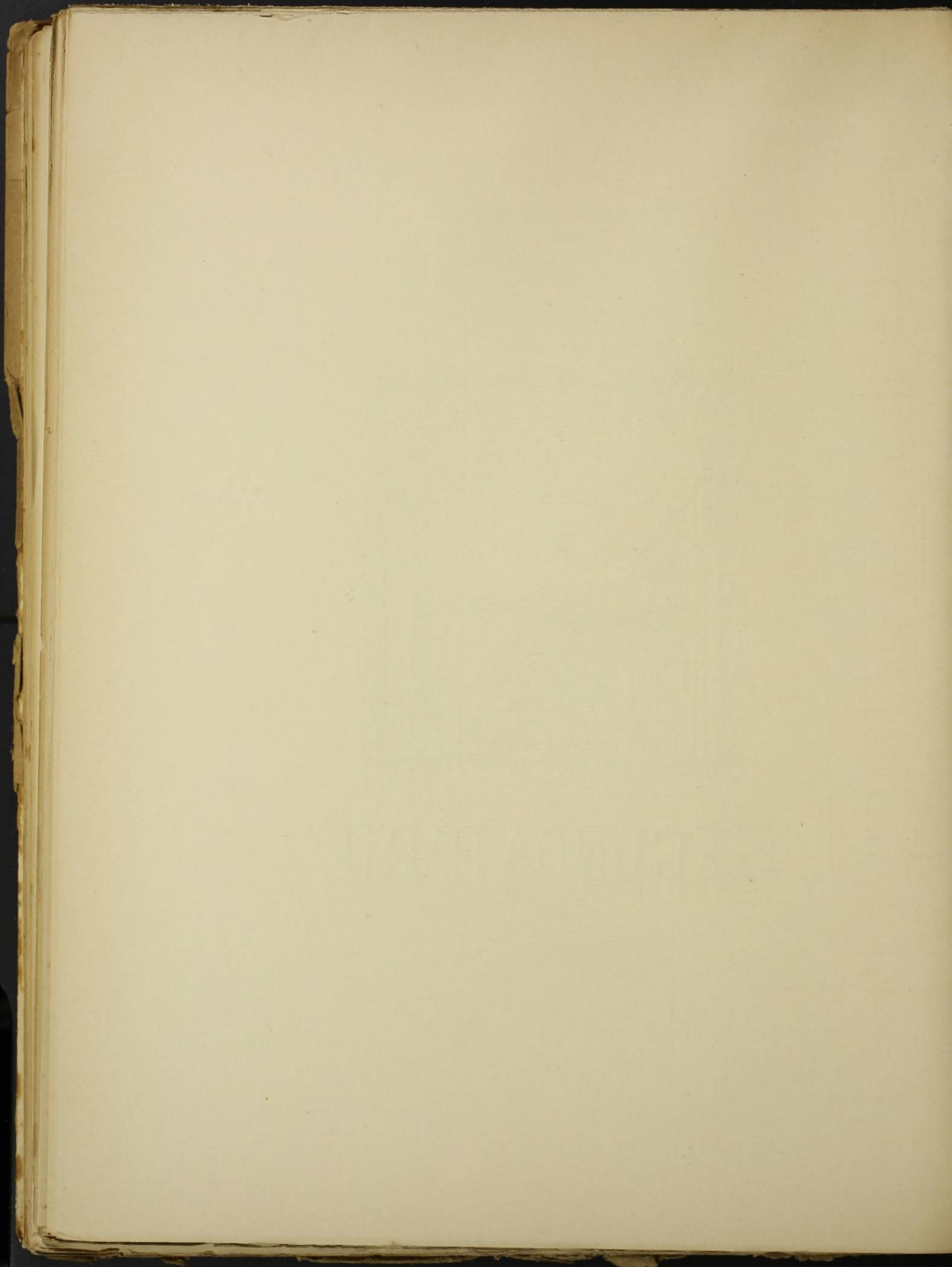
Ah ! pinta, pinta
A minha bela !
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, Pastor, se veja
Que a minha bôca suspira,
Que se banha em pranto o rosto;
Que os outros choram de inveja,
E chora Dirceu de gôsto.

Ah ! pinta, pinta
A minha bela !
E em nada a cópia
Se afaste dela.



SEGUNDA PARTE



Lira I



á não cinjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras Canções o Deus me inspira.
Ah! que nem me resta
Uma já quebrada,
Mal sonora Lira!

Mas neste mesmo estado, em que me vejo,
Pede, Marília, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão e a arte.

A fumaça, Marília, da candeia,
Que a molhada parede ou suja ou pinta,
Bem que tôsca e feia,
Agora me pode
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:
Ele me diz que faça no pé de uma
Má laranja ponta,
E dêle me sirva
Em lugar de pluma.

Perder as úteis horas não, não devo;
Verás, Marília, uma idéia nova:
Sim, eu já te escrevo
Do que esta alma dita,
Quanto amor aprova.

Quem vive no regaço da ventura
Nada obra em te adorar, que assombro faça;
Mostra mais ternura
Quem te estima e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos belos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabelos.

Vejo, Marília, sim; e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentos
Dessa boca linda,
Nos ares espalham
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,
Responderei — no peito — que uns Amores
De casto desejo
Aqui te pintaram,
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te viram, ah! nessa hora
Teu retrato fizeram e tão forte,
Que entendo que agora
Só pode apagá-lo
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, oh! Céus, que pejo!
Descubro a ler-me os versos o Deus loiro:
Ah! dá-lhes um beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de oiro!

Lira II

Esprema a vil calúnia muito embora,
Entre as mãos denegridas e insolentes,
Os venenos das plantas
E das bravas serpentes;

Chovam raios e raios, no meu rosto
Não hás-de ver, Marília, o mêdo escrito,
O mêdo perturbado,
Que infunde o vil delito.

Podem muito, conheço, podem muito,
As Fúrias infernais, que Pluto move;
Mas pode mais que tôdas
Um dedo só de Jove.

Êste Deus converteu em flor mimosa,
A quem seu nome deram, a Narciso;
Fêz de muitos os Astros,
Qu'inda no Céu diviso.

Êle pode livrar-me das injúrias
Do néscio, do atrevido, ingrato povo;
Em nova flor mudar-me,
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céus, por fins ocultos,
Em tão tirano mal me não socorrem,
Verás então que os sábios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo,
Tu, formosa Marília, bem o sabes:
Um coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

Lira III

Sucede, Marília bela,
À medonha noite o dia;
A estação chuvosa e fria
À quente, sêca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos nas Primaveras
Brotam em flores, viçosos;
Nos Invernos escabrosos
Largam as fôlhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marília, cortam
Armadas rêdes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gôsto,
Depois do gôsto aflição.
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos Deuses moveram
Soberbos Gigantes guerra;

No mais tempo o Céu e a Terra
Lhes tributa adoração.
Muda-se a sorte dos Deuses;
Só a minha sorte não?

Há-de, Marília, mudar-se
Do destino a inclemência;
Tenho por mim a inocência,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bela, que gasta
Os troncos, pedras e o cobre,
O véu rompe, com que encobre
À verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!
Não há-de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não!

Lira IV

Já, já me vai, Marília, branquejando
Loiro cabelo, que circula a testa;
Êste mesmo, que alveja, vai caindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sôbre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;
As fôrças dos meus membros já se gastam;
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés e arrastam.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôs a mão dos anos:
Os trabalhos, Marília, os sentimentos
Fazem os mesmos danos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gôsto;
Veras brunir-se a pele, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso Verão as plantas secam;
Na Primavera, que aos mortais encanta,
Apenas cai do Céu o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença fêz seu t rmo,
Torna, Marília, a ser quem era dantes,
O definhado enfêrmo.

Supõe-me qual doente, ou qual a planta,
No meio da desgraça, que me altera:
Eu também te suponho qual saúde,
Ou qual a Primavera.

Se dão  esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos Astros luz e vida às flores,
Que efeitos não farão em quem por êles
Sempre morreu de amores?

Lira V

Os mares, minha bela, não se movem;
O brando Norte assopra, nem diviso
Uma nuvem sequer na Esfera tôda;
O destro Nauta aquí não é preciso;
Eu só conduzo a nau, eu só modero
Do seu govêrno a roda.

Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empola
Rasga-se a vela, o mastaréu se parte!
Qualquer varão prudente aquí já teme;
Não tenho a necessária fôrça e arte.
Corra o sábio Pilôto, corra e venha
Reger o duro leme.

Como sucede à nau no mar, sucede
Aos homens na ventura e na desgraça;
Basta ao feliz não ter total demência;
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudência.

Todo o Céu se cobriu, os raios chovem;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar confôrto.
Ah! não, não tardes, vem, Marília amada,
Toma o leme da nau, mareia o pano,
Vai-a salvar no pôrto!

Mas ouço já de Amor as sábias vozes:
Êle me diz que sofra, se não, morro;
E perco então, se morro uns doces laços.
Não quero já, Marília, mais socorro;
Oh! ditoso sofrer, que lucrar pode
A glória dos teus braços!

Lira VI

De que te queixas,
Língua importuna?
De que a Fortuna
Roubar-te queira
O que teu deu?
 Êste foi sempre
 O gênio seu.

Levou, Marília,
A ímpia sorte
Catões à morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
 Êste foi sempre
 O gênio seu.

A outros muitos,
Que vis nasceram,
Nem mereceram,
A grandes tronos
A ímpia ergueu.
 Êste foi sempre
 O gênio seu.

Espalha a cega
Sôbre os humanos
Os bens e os danos,
E a quem se devam
Nunca escolheu.

Êste foi sempre
O gênio seu.

A quanto é justo
Jamais se dobra;
Nem igual obra
C'os mesmos Deuses
Do caro Céu.

Êste foi sempre
O gênio seu.

Sobe ao Céu Venus
Num carro ufano;
E cai Vulcano
Da pura esfera,
Em que nasceu.

Êste foi sempre
O gênio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra e virtude:
Que o mais é dela,
Mas isto é meu.

Êste foi sempre
O gênio seu.

Lira VII

Meu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que, bem que réu, abrigo
A cândida Virtude no meu peito;
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão socorro;
Ah! vem dar-mo agora,
Agora, sim, que morro!

Não quero que, montado
No Pégaso feroso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso.
Deixa que viva a pérfida calúnia,
E forje o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lira doirada,
E toca um pouco nela:
Levanta a voz celeste
Em parte que te escute a minha bela;
Enche todo o contorno de alegria;
Não sofras que o desgosto
Afogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que um bom Cantor havia,
Que os brutos amansava;

Que os troncos e os penedos atraía.
De outro destro Cantor também afirma
A sábia Antiguidade
Que as muralhas erguera
De uma grande Cidade.

Orfeu as cordas fere;
O som delgado e terno
Ao Rei Plutão abranda,
E o deixa que penetre o fundo Averno.
Ah! tu a nenhum cedés, meu Glauceste;
Na lira e mais no canto
Podes fazer prodígios,
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola um peito aflito,
Que é menos inda que domar as feras.
Com isto me darás no meu tormento
Um doce lenitivo;
Que enquanto a bela vive,
Também, Glauceste, vivo.

Lira VIII

Eu vejo, ó minha bela, aquêle Númen,
A quem o nome deram de Fortuna;
 Pega-me pelo braço,
 E com voz importuna
 Me diz que mova o passo:
Que entre no grande Templo, em que se encerra
 Quanto o destino manda
 Que ela obre sôbre a terra.

 Que cousas portentosas nêle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;
 Vejo-a queimar Cartago;
 Vejo que as gentes doma;
 E vejo o seu estrago.
Lá floresce o poder do Assírio Povo;
 Aquí os Medos crescem,
 E os perde um braço novo.

 Então me diz a Deusa: *E que pretendes?*
Tôdas estas Medalhas ver agora?
 Ah! não, não sejas louco!
 Espaço de anos fôra
 Para isso ainda pouco.
Deixa estranhos sucessos, vem comigo;
 Verás quanto inda deve
 Acontecer contigo.

 Levou-me aonde estava a minha história,
Que tôda me explicou com mêdo e arte.

*Tirei-te libras de oiro,
Me diz, e quero dar-te
Todo aquêlé tesouro.
Não suspira por bens um peito nobre,
Severo lhe respondo
Vivo afeito a ser pobre.*

Aquí me enruga a Deusa, irada, a testa,
E fica sem falar um breve espaço.
*Alegra, alegre o rosto,
Prossegue, alí te faço
Restituir o pôsto.*
Respondo com ar de mofa e tom sereno:
*Conheço-te, Fortuna,
Posso morrer pequeno.*

Aquí te dou, me diz, a tua amada.
Então me banho todo de alegria.
*Cuidei, me torna a cega,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.*
*É êsse o bem, respondo, que me move,
Mas êste bem é santo,
Vem só da mão de Jove.*

Queria mais falar; eu, insofrido,
Desta maneira rompo os seus acentos:
*Basta, Fortuna, basta,
Êstes breves momentos
Lá noutras cousas gasta;*
Da minha sorte nada mais contemplo.
E, chamando Marília,
Suspiro e deixo o Templo.

Lira IX

A estas horas
Eu procurava
Os meus Amores;
Tinham-me inveja
Os mais Pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos belos,
Sem flor, nem fita
Nos seus cabelos.

Ah! que assim mesmo
Sem compostura,
É mais formosa
Que a estrêla d'alva,
Que a fresca rosa!

Mal eu a via,
Um ar mais leve
— que doce efeito! —
Já respirava
Meu terno peito.

Do cêrco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquela ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio e fonte,
No prado e selva,
Água mais clara,
Mais branda relva.

No colo a punha;
Então, brincando,
A mim a unia;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Marília, vendo
Que eu só com ela
É que falava,
Ria-se a furto
E disfarçava.

Desta maneira,
Nos castos peitos
De dia em dia
A nossa chama
Mais se acendia.

Ah! quantas vezes,
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rocas,
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que à sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho,

Na quente sesta,
Dela defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ela, por dar-me
De ouvir o gôsto,
Mais se chegava;
Então, vaidoso,
Assim cantava:

Não há Pastora,
Que chegar possa
À minha bela,
Nem quem me iguale
Também na estrêla.

Se Amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito.

Ornam seu peito
As sãs virtudes,
Que nos namoram;
No seu semblante
As graças moram.

Assim vivia;
Hoje em suspiros
O canto mudo:
Assim, Marília,
Se acaba tudo!

Lira X

Arde o velho barril, arde a cabeça,
Em honra de João na larga rua;
O crédulo Mortal agora indaga
Qual seja a sorte sua.

Eu não tenho alcachofra, que à luz chegue,
E nela orvalhe o Céu de madrugada,
Para ver se rebentam novas fôlhas
Aonde foi queimada.

Também não tenho um ovo que despeje
Dentro de um cópo d'água e possa nela
Tingir Palácios grandes, altas Tôrres,
E uma Nau à vela.

Mas, ah! em bem me lembre: eu, tenho ouvido
Que na bôca um bochecho d'água tome,
E atrás de qualquer porta atento esteja,
Até ouvir um nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, é êsse
O nome, que há-de ter a minha amada;
Pode verdade ser; se fôr mentira,
Também não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouví dizer o nome de Filena:
Despejo logo a bôca: ah! não sei como
Não morro alí de pena!

Aparece Cupido; então soltando
Em ar de zombaria uma risada:
E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não foi bem pregada?

Eu já te disse que Marília é tua;
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vais acreditar o que te ensina
Velha mulher já tonta?

Humilde lhe respondo: Quem debaixo
Do açoite da Fortuna aflito geme,
Nas mesmas cousas, que só são brinquedos,
Se agoiram males, teme.

Lira XI

Se acaso não estou no fundo Averno,
Padece, ó minha bela, sim, padece

O peito amante e terno
As aflições tiranas, que aos Precitos
Arbitra Radamanto em justa pena
Dos bárbaros delitos.

As Fúrias infernais, rangendo os dentes,
Com a mão descarnada não me aplicam

As raivosas serpentes;
Mas cercam-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil e mil cuidados.

Eu não gasto, Marília, a vida tôda
Em lançar o penedo da montanha

Ou em mover a roda;
Mas tenho ainda mais cruel tormento:
Por coisas que me afligem, roda e gira
Cansado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
Às tépidas entranhas, não me come

Um abutre esfaimado;
Mas sinto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração, que mal palpita,
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as águas vejo,
Que de mim se retiram, quando busco

Fartar o meu desejo;
Mas quer, Marília, o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo
Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marília bela;
E numa cousa só é mais humana
A minha dura estrêla:
Uns não podem mover do Inferno os passos;
Eu pretendo voar e voar cedo
À glória dos teus braços.

Lira XII

Ah! Marília, que tormento
Não tens de sentir, saudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma Aldeia,
Que tiranos não proponham
À inda inquieta idéia
Uma imagem de aflição.
Mandarás aos surdos Deuses
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marília,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu dirás: Aquí trazia
Dirceu também o seu gado.
Verás os sítios ditosos
Onde, Marília, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
Mandarás aos surdos Deuses
Novos suspiros em vão.

Quando à janela saíres,
Sem querer, descuidada,
Tu verás, Marília, a minha,
E minha pobre morada.
Tu dirás então contigo:
Alí Dirceu esperava

Para me levar consigo;
E alí sofreu a prisão.

Mandarás aos surdos Deuses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
Do caro Glauceste a choça,
Onde alegres se juntavam
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás de mágoa cheia:
Todo o congresso alí anda,
Só o meu Amado não.

Mandarás aos surdos Deuses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com êle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: Não foi tirana
Sòmente comigo a sorte;
Também cortou deshumana
A mais fiel união.

Mandarás aos surdos Deuses
Novos suspiros em vão.

Numa masmorra metido,
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados, roxos olhos,
Estão, que é mais, retratadas
No fundo do coração.

Também mando aos surdos Deuses
Tristes suspiros em vão.

Lira XIII

Vês, Marília, um cordeiro
De flores enramado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?
O Povo para o Templo já concorre;
A Pira sacrossanta já se acende;
O Ministro o fere: êle bala e morre.

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço?
No chão as mãos especia,
Nem quer mover um passo.
Não conhece que sai de um mau terreno,
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver num campo ameno.

Ignora o bruto como
Lhe dispomos a sorte;
Um vai forçado à vida,
Vai outro alegre à morte.
Nós temos, minha bela, igual demência:
Não sabemos os fins, com que nos move
A sábia, oculta Mão da Providência.

De Jacó ao bom filho
Os maus matar quiseram;
De conselho mudaram:
Como escravo o venderam.
José não corre a ser um servo aflito:
Vai subindo os degraus, por onde chega
A ser um quase Rei no grande Egito.

Quem sabe se o Destino
Hoje, ó bela, me prende,
Só porque nisto de outros
Mais danos me defende?
Pode ainda raiar um claro dia:
Mas quer raie, quer não, ao Céu adoro
E beijo a santa mão, que assim me guia.

Lira XIV

Alma digna de mil Avós Augustos!
Tu sentes, tu soluças,
Ao ver cair os justos;
Honras as santas leis da Humanidade:
E aos teus exemplos deve
Gravar com letras de oiro no seu Templo
A cândida Amizade.

Não é, não é de Herói uma alma forte,
Que vê com rosto enxuto
No seu igual a morte.
Não é também de Herói um peito duro,
Que a sua glória firma
Em que lhe não resiste ao ferro e fogo
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeu e chora!
É grande para mim quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar pudera,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Enéias, Capitão piedoso,
Entre os heróis do mundo
Um nome glorioso,
Não é, porque levanta uma cidade;
É, sim, porque nos ombros

Salvou do incêndio ao Pai, a quem detinha
A mão da branca idade.

Ah! se ao meu contrário entre as chamas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos ombros o remira;
Inda por êle muito mais obrara;
E, se nada servisse,
Fizera então, Amigo, o que fizeste:
Gemera e suspirara.

Oh! quanto são duráveis as cadeias
De uma amizade, quando
Se dão iguais idéias!
Se, apesar dos estorvos, se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma igual à tua,
E a tua igual à minha.

Se ó caro Amigo te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu falo, és tu, Marília bela.
Ah! sim, honrado Amigo,
Se enxugar não puderes os seus olhos,
Pranteia então com ela.

Lira XV

Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro,
Fui honrado Pastor da tua Aldeia;
Vestia finas lãs e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mor rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabelos
Ainda muito mais que um grande Trono.
Agora que te oferte já não vejo,
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuízo,
Eu alegre ficava, apenas via
Na tua breve bôca um ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gôsto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sesta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoilas na floresta.
Julgou o justo Céu que não convinha
Que a tanto grau subisse a glória minha.

Ah! minha bela, se a Fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço e provo,
Por essas brancas mãos, por essas faces

Te juro renascer um homem novo,
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
Amar no céu a Jove e a ti na terra!

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de um bom rebanho.
Para o contágio lhe não dar, sobeja
Que as afague Marília, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs e peles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As peles dos cordeiros mal curtidas,
E os panos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cosido.

Nós iremos pescar na quente sesta
Com canas e com cêstos os peixinhos:
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o verão sábio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, à fogueira:
Entre as falsas histórias, que contares,
Lhes contarás a minha, verdadeira:
Pasmados te ouvirão; eu, entretanto,
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostrarão c'o dedo os mais Pastores,
Dizendo uns para os outros: Olha os nossos
Exemplos da desgraça e são amores.
Contentes viveremos desta sorte,
Até que chegue a um dos dois a morte.

Lira XVI

Vejo, Marília,
Que o nédio gado
Anda disperso
No monte e prado;
Que assim sucede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Mas inda soffro
A viva dor.

Também conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavam
Os meus cordeiros,
Darão suspiros,
E verdadeiros,
Porque perderam
Um pai no amor.
Mas inda soffro
A viva dor.

Eu mais alcanço
Que a minha herdade,
Estando eu prêso,
Sofrer não há-de
Nem a charrua
E nem a grade,

Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dor.

Mas quando sobe
A minha idéia,
Que tu ficaste
Já nessa Aldeia,
De mil cuidados
E mágoa cheia,
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dor.

A quanto chega
A pena forte!
Pesa-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove acuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido
Por um traidor.
Eu já não soffro
A viva dor.

Mas êste excesso
Perdão merece,
E dêle Jove
Se compadece:
Que Jove, ó bela,
Mui bem conhece
Aonde chega
Paixão de amor.
Eu já não soffro
A viva dor.

Lira XVII

Dirceu te deixa, ó bela,
De padecer cansado;
Frio suor já banha
Seu rosto descorado;
O sangue já não gira pela veia;
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se baceia:
A lágrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira e morre.

Seu espírito chega
Onde se pune o êro:
Late o cão e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos Juizes se apresenta,
E com sentidas vozes
Tôda a sua tragédia representa:
Enche-se de ternura e novo espanto
O mesmo inexorável Radamanto.

Abre um, pasmado, a bôca,
E a pedra não despede;
Outro já não se lembra
Da fome e mais da sêde;
Descansa o curvo bico e a garra impia
Negro abutre esfaimado;
Nem na roca medonha a Parca fia.
Até as mesmas Fúrias inclementes
Deixam cair das unhas as serpentes.

Já votam os Juízes;
E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sítio, em que ficam
Almas dignas de pena.
Já sai do escuro Reino e da memória
Lhe passa tudo quanto
Ou pode dar-lhe mágoa, ou dar-lhe glória;
Só, bem que o gôsto às turvas águas tome,
Inda, Marília, inda diz teu nome.

Entra já nos Elísios,
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortam,
Que cobrem sempre as rosas.
Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as águas puras,
Que o mel e do que o leite mais suaves.
Aqui, diz êle, espero a minha bela,
Aqui contente viverei com ela.

Aquí... porém aonde
Me leva a dor ativa?
É ilusão desta alma;
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo, sim, gozar teus doces laços;
E em paga de meus males,
Devo morrer, Marília, nos teus braços;
Então eu passarei ao Reino amigo,
E tu irás despois lá ter comigo.

Lira XVIII

Não molho, Marília,
De pranto a masmorra
Que o terno Cupido
Não voe e não corra
A í-lo apanhar.
Estende-o nas asas,
Sôbre êle suspira,
Por fim se retira,
E vai-to levar.

Se o moço não mente,
Aos tristes gemidos,
Aos ais lastimosos
Não guardes unidos,
Marília, c'os teus;
As lágrimas nossas
No seio amontoa,
Forma asas e voa,
Vai pô-las nos céus.

A Deusa formosa,
Que amava aos Troianos,
Livrá-los querendo
De riscos e danos,
A Jove buscou.
As águas, que o rosto
Da Deusa banharam,
A Jove abrandaram,
E assim os salvou.

Confia-te, ó bela,
Confia-te em Jove;
Ainda se abranda,
Ainda se move
Com ânsias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Aprêço maior.

Lira XIX

Nesta triste masmorra,
De um semi-vivo corpo sepultura,
Inda, Marília, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéia te retrata;
Busca, extremoso, que eu assim resista
À dor imensa, que me cerca e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto e escuto
A tua voz e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos;
Eu beijo a tibia luz em vez de face,
E aperto sôbre o peito em vão os braços.

Conheço a ilusão minha;
A violência da mágoa não suporto;
Foge-me a vista e caio,
Não sei se vivo ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto;
Reclina-me no peito, e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
Por largo espaço a imagem de um defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem consigo;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo:

Se queres ser piedoso,
Procura o sítio em que Marília mora,
Pinta-lhe o meu estrago,
E vê, Amor, se chora,
Se, a lágrimas verter, a dor a arrasta.
Uma delas me traze sôbre as penas,
E para alívio meu só isto basta.

Lira XX

Se me visses com teus olhos
Nesta masmorra metido,
De mil idéias funestas
E cuidados combatido,
Qual seria, ó minha bela,
Qual seria o teu pesar ?

À fôrça da dor cedera,
E nem estaria vivo,
Se o menino Deus vendado,
Extremoso e compassivo,
Com o nome de Marília
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio-dia tem dado,
E o cabelo ainda flutua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: E Marília
Não estima êsse cabelo ?
Se o deixas perder de todo,
Não se há-de enfadar ao vê-lo ?
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabelo atar.

Vem um tabuleiro entrando
De vários manjares cheio;
Põe-se na mesa a toalha,
E eu pensativo passeio;
De todo o comer esfria,
Sem néle poder tocar.

Eu entendo que matar-te,
Diz Amor, te tens proposto.
Fazes bem; terá Marília
Desgosto sôbre desgosto.
Qual enfermo c'o remédio,
Me aflijo, mas vou jantar.

Chegam as horas, Marília,
Em que o Sol já se tem pôsto;
Vem-me à memória que nelas
Via à janela o teu rosto;

Diz-me Cupido: Já basta,
Já basta, Dirceu, de pranto;
Em obséquio de Marília
Vai erguer teu doce canto.
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado acender-me
A velha, suja candeia;
Fica, Marília, a masmorra
Inda mais triste e mais feia.
Nem mais canto, nem mais posso
Uma só palavra dar.

Diz-me Cupido: São horas
De escrever-se o que está feito.
Do azeite e da fumaça
Uma nova tinta ajeito;
Tomo o pau, que pena finge,
Vou as Liras copiar.

Sem que chegue o leve sono,
Canta o Galo a vez terceira;
Eu digo ao Amor que fico
Sem deitar-me a noite inteira;
Faço mimos e promessas
Para êle me acompanhar.

Êle diz que em dormir cuide,
Que hei-de ver Marília em sonho;
Não respondo uma palavra;
À dura cama componho,
Apago a triste candeia,
E vou-me logo deitar.

Como pode a tais cuidados
Resistir, ó minha Bela,
Quem não tem de Amor a graça?
Se eu, que vivo à sombra dela,
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar ?

Lira XXI

Que diversas que são, Marília, as horas,
Que passo na masmorra imunda e feia,
Dessas horas felices, já passadas
Na tua pátria Aldeia !

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E à sombra de alto Cedro na Campina
Eu versos te compunha e êle os compunha
À sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
De exceder um ao outro qualquer trata;
O eco agora diz: *Marília terna*;
E logo: *Eulina ingrata*.

Deixam os mesmos Sátiros as grutas:
Um para nós ligeiro move os passos,
Ouve-nos de mais perto e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

Dirceu (clama um pastor), ah! bem merece
Da terníssima Marília a formosura.
E aonde, clama o outro, quer Eulina
Achar maior ventura ?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,
Enquanto em nós durava esta porfia;
E ela, ó minha amada, só findava
Depois de acabar-se o dia.

À noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito;
Mal tos dava e os lias, os guardavas
No casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lágrimas do gôsto,
Jurava não cantar mais outras graças
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento;
Eu agora, Marília, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

Lira XXII

Por morto, Marília,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

A chave lá soa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

Eu vejo, Marília,
A mil inocentes
Nas cruces pendentas,
Por falsos delitos,
Que os homens lhes dão.
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

Se penso que posso
Perder o gozar-te,
A glória de dar-te

Abraços honestos
E beijos na mão,
Marília, já treme,
Já treme de susto
O meu coração!

Repara, Marília,
O quanto é mais forte
Ainda que a morte,
Num peito esforçado,
De amor a paixão.
Marília, já treme,
Já treme de susto
O meu coração!

Lira XXIII

Não praguejes, Marília, não praguejes
A justiceira mão, que lança os ferros;
Não traz de balde a vingadora espada;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se deram e em seu peito moram.
Manda prender ao Réu, austera a bôca,
Porém seus olhos choram.

Se à inocência denigre a vil calúnia,
Que culpa aquêle tem, que aplica a pena?
Não é o Julgador, é o processo
E a lei, quem nos condena

Só no Averno os Juízes não recebem
Acusação, nem prova de outro humano;
Aquí todos confessam suas culpas,
Não pode haver engano.

Eu vejo as Fúrias aflagindo aos tristes:
Uma o fogo chega, outra as serpes move;
Todos maldizem sim a sua estrêla,
Nenhum acusa a Jove.

Eu também inda adoro ao grande Chefe,
Bem que a prisão me dá, que eu não mereço.
Qual eu sou, minha bela, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marília, quando pune
Ao vassalo, que julga delinqüente,
Que gôsto não terá, podendo dar-lhe
As honras de inocente?

Lira XXIV

Eu vou, Marília, vou brigar co'as feras !
Uma soltaram, eu lhe sinto os passos;
Aquí, aquí a espero
Nestes despidos braços.

É um malhado tigre; a mim já corre,
Ao peito o aperto, estalam-lhe as costelas,
Desfalece, cai, urra, treme e morre.

Vem agora um Leão: sacode a grenha,
Com faminta paixão a mim se lança;
Venha embora, que o pulso
Ainda não se cansa.

Oprimo-lhe a garganta, a língua estira,
O corpo lhe fraqueia, os olhos incham,
Açoita o chão convulso, arqueja e expira.

Mas que vejo, Marília? Tu te assustas?
Entendes que os destinos, inhumanos,
Expõem a minha vida
No cêrco dos Romanos?

Com ursos e com onças eu não luto:
Luto c'ò bravo monstro, que me acusa,
Que os tigres e leões mais fero e bruto.

Embora contra mim, raivoso, esgrima
Da vil calúnia a cortadora espada,
Uma alma, qual eu tenho,
Não se receia a nada.

Eu hei-de, sim, punir-lhe a insolência,
Pisar-lhe o negro colo, abrir-lhe o peito
Co'as armas invencíveis da inocência.



Ah ! quando imaginar que vingativo
Mando que desça ao Tártaro profundo,
Hei-de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo imundo.
Eu então lhe direi: — Infame, indino,
Obras como costuma o vil humano;
Faço o que faz um coração divino.

Lira XXV

Minha Marília,
O passarinho,
A quem roubaram
Ovos e ninho,
Mil vezes pousa
No seu raminho;
Piando finge
Que anda a chorar.
 Mas logo voa
Pela espessura,
Nem mais procura
Êste lugar.

Se acaso a vaca
Perde a vitela,
Também nos mostra
Que se desvela:
O pasto deixa,
Muge por ela,
Até na estrada
A vem buscar.

 Em poucos dias,
Ao que parece,
Dela se esquece,
E vai pastar.

O voraz Tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos Reinos
Devora o nome,

Também, Marília.
Também consome
Dentro do peito
Qualquer pesar.

Ah ! só não pode
Ao meu tormento
Por um momento
Alívio dar !

Também, ó bela,
Não há quem viva
Instantes breves
Na chama ativa;
Derrete ao bronze,
Sendo excessiva,
Ao mesmo seixo
Faz estalar.

Mas do amianto
A fêbra dura
Na chama atura
Sem se queimar.

Também, Marília,
Não há quem negue
Que, bem que o fogo
Nos óleos pegue,
Que, bem que em línguas
Às nuvens chegue,
À fôrça d'água
Se há-de apagar.

Se a negra pedra
Nós acendemos,
Com água a vemos
Mais s'inflamar.

O meu discurso,
Marília, é reto;
A pena iguala
Ao meu afeto;
O amor, que nutro
Ao teu aspeto
E o teu semblante,
É singular.

Ah! nem o tempo,
Nem inda a morte
A dor tão forte
Pode acabar!

Lira XXVI

Aquêlé, a quem fêz cego a Natureza,
C'o bordão apalpa e aos que vêem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dois remédios junta !

De ser cega a Fortuna eu não me queixo;
Sim me queixo de que má cega seja:
Cega, que nem pergunta nem apalpa,
E porque errar deseja.

A quem gastar não sabe nem se anima
Entrega as grossas chaves de um tesoiro;
E lança na miséria a quem conhece
Para que serve o oiro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa
Que atrás do vício em liberdade corra;
Eu honro as leis do Império, ela me oprime
Nesta vil masmorra.

Mas ah ! minha Marília, que esta queixa
Co'a sólida razão se não coaduna !
Como me queixo da Fortuna tanto,
Se sei não há Fortuna ?

Os Fados, os Destinos, essa Deusa,
Que os Sábios fingem que uma roda move,
É só a oculta mão da Providência,
A sábia mão de Jove.



Nós é que somos cegos, que não vemos
A que fins nos conduz por êstes modos;
Por torcidas estradas, ruins varedas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas,
C'o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bela,
É muito mais honroso.

Lira XXVII

A minha amada
É mais formosa
Que branco lírio,
Dobrada rosa,
Que o cinamomo,
Quando matiza
C'ó a fólha a flor.
Venus não chega
Ao meu amor.

Vasta campina,
De trigo cheia,
Quando na sesta
C'ó vento ondeia,
Ao seu cabelo,
Quando flutua,
Não é igual.
Tem a côr negra,
Mas quanto val !

Os astros, que andam
Na esfera pura,
Quando cintilam
Na noite escura,
Não são, humanos,
São lindos como
Seus olhos são,
Que ao Sol excedem
Na luz, que dão.

Às brancas faces

Ah! não se atreve
Íasmim de Itália,
Nem inda a neve,
Quando a desata
O sol brilhante
Com seu calor.
São neve e causam
No peito ardor.

Na breve bôca

Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas;
A par dos beijos,
Rubins da Índia
Tem preço vil.
Nêles se agarram
Amores mil.

Se não lhe desse,

Compadecido,
Tanto socorro
O Deus Cupido;
Se não vivera
Uma esperança
No peito seu,
Já morto estava
O bom Dirceu.

Vê quanto pode

Teu belo rosto,
E de gozá-lo
O vivo gôsto!
Que, submergido
Em um tormento
Quase infernal,
Porqu'inda espero,
Resisto ao mal.

Lira XXVIII

Detém-te, vil humano,
Não espremas cicutas
Para fazer-me dano.
O sumo, que elas dão, é pouco forte;
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta aí venenos,
Que nunca visse o mundo;
Traze o negro licor, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que pôs a Natureza
Dentro no Mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta,
Bem que uma onda e outra onda
Sobre êle em flor rebenta.

Árvore, que na terra
As robustas raízes,
Buscando o centro, aferra,
Não teme ao furacão mais violento;
E menos, se se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco e rocha, ó bela,
Que açoita o Sul, que brama,

E o Mar, que se encapela:
Não temas que do rosto a côr se mude;
Vence as rochas e os troncos
A sólida virtude.

A maior desventura
É sempre a que nos lança
No horror da sepultura;
O cobarde a morrer também caminha;
Com que males não pode
Uma alma como a minha?

Lira XXIX

Eu descubro procurar-me
Gentil mancebo e loiro;
Trazia a testa adornada
Com fôlhas de verde loiro.
Vejo ser o Pai das Musas,
E me entrega a lira d'oiro.

Já basta, me diz, ó filho,
Já basta de sentimento;
O cansado peito exige
Um breve contentamento:
Louva a formosa Marília
Ao som do meu instrumento.

Firo as cordas; mas que importa?
A dor não sossega em tanto.
Ergo a voz; então reparo
Que, quanto mais corre o pranto,
É mais doce e mais sonoro
Meu terno e saudoso canto.

Apolo fitou os olhos
Na mão, que regia o braço;
E, depois de estar suspenso,
De me ouvir um largo espaço,
Assim diz: *O deus Cupido*
Faz inda mais do que eu faço.

*Eu te dou a minha lira:
Louva, louva a tua Bela;
Porém vê que ta concedo
Com condição e cautela...
Eu lhe corto a voz, dizendo
Que só canto em honra dela.*

Lira XXX

O Pai das Musas,
O Pastor loiro
Deu-me, Marília,
Para cantar-te
A lira de oiro.

As cordas firo;
O brando vento
Teus dotes leva
Nas brancas asas
Ao firmamento:

O teu cabelo
Vale um tesoiro;
Um só me adorna
A sábia frente
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos
Amor assiste;
Dêles faz guerra;
Ninguém lhe foge,
Ninguém resiste.

Algumas vezes
Eu o diviso,
Também oculto
Nas lindas covas,
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos
Tem os seus ninhos
Destros amores;
Nêles se geram
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,
Quando com arte
As armas toma,
Por que mais prenda
Ao fero Marte.

Eu produzia
Estas idéias,
Quando, Marília,
O som escuto
Das vis cadeias.

Dou um suspiro,
Corre o meu pranto;
E, inda bebendo
Lágrimas tristes,
De novo canto:

Sou da constância
Um vivo exemplo;
E vós, ó ferros,
Honrareis inda
De Amor o Templo.

Lira XXXI

Roubou-me, ó minha Amada, a sorte impia
Quanto de meu gozava
Num só funesto dia:

Honras de maioral, manada grossa,
Fértil, extensa herdade,
Bem reparada choça.

Meteu-me nesta infame sepultura,
Que é sepulcro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aquí, ó minha Amada, nem consigo
Venha outro desgraçado
Sentir também comigo.

Mas se esta companhia não mereço,
Os Deuses me dão outra,
Inda de mais aprêço.

Não é, não, ilusão o que te digo;
Tu mesma me acompanhas;
Peno, mas é contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabelos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,
Bem que subira ao Potro,
Bem que na Cruz pendera.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
Às vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras belas;
Uma por uma beijo,
E choro então sôbre elas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor, na ausência,
Será leal e fino.

De novo a carta ao coração aperto,
De novo a molha o pranto,
Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado
A tudo, quanto tenho
Com meu suor ganhado!

Eu juro que do roubo nem me queixe,
Contanto, ó minha cara,
Que êste só bem me deixe.

Que males voluntários não subiram
Os que te amam, sômente
Por que menos te ouviram?

Dê pois aos mais seus bens a Deusa cega;
Que eu tenho aquela glória,
Que a mil felizes nega.

Lira XXXII

Se o vasto mar se encapela,
E na rocha em flor rebenta,
Grossa nau, que não tem leme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga e corre
À discrição da tormenta.

Quem não tem uma Beleza,
Em que ponha o seu cuidado,
Se o Céu se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças, que resistam
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marília, vivo,
Encosto na mão o rosto,
Fico às vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pesar ativo!

Parece que vejo a honra,
Marília, tôda enlutada;
A face de um pai, rugosa,
Num mar de pranto banhada;
Os amigos macilentos,
E a família consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado;
Vejo numa grande Praça



60.6522

Um teatro levantado;
Vejo as Cruzes, vejo os Potros,
Vejo o Alfange afiado.

Um frio suor me cobre,
Lassam-se os membros, suspiro;
Busco alívio às minhas ânsias,
Não o descubro, deliro.
Já, meu Bem, já me parece,
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes cristalinos,
A tua bôca engraçada.

Qual, Marília, a estrêla d'alva,
Que a negra noite afugenta;
Qual o Sol, que a névoa espalha,
Apenas a terra aqueça;
Ou qual Iris, que o Céu limpa,
Quando se vê na tormenta:

Assim, Marília, desterro
Triste ilusão e demência;
Faz de novo o seu ofício
A razão e a prudência;
E firmo esperanças doces
Sôbre a cândida inocência.

Restauro as fôrças perdidas,
Sobe a viva côr ao rosto,
Gira o sangue pela veia
E bate o pulso composto.
Vê, Marília, o quanto pode
Contra os meus males teu rosto!

Lira XXXIII

Morri, ó minha Bela,
Não foi a Parca impia,
Que na tremenda roca
Sem ter descanso fia.

Não foi, digo, não foi a morte feia,
Quem o ferro moveu, e abriu no peito
A palpitante veia.

Eu, Marília, respiro.
Mas o mal, que suporte,
É tão tirano e forte,
Que já me dou por morto.
A insolente calúnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da língua
A venenosa espada.

Inda, ó bela, não vejo
Cadafalso enlutado,
Nem de tórpe verdugo
Braço de ferro armado.
Mas vivo neste mundo, ó sorte impia,
E dêle só me mostra a estreita fresta
O quando é noite ou dia.

Olhos baços e sumidos,
Macilento e descarnado,
Barba crescida e hirsuta,
Cabelo desgrenhado.
Ah! que imagem tão digna de piedade!
Mas é, minha Marília, como vive
Um Réu de Majestade.

Venha o processo, venha!
Na inocência me fundo.
Mas não morreram outros,
Que davam honra ao mundo?
O tormento, minha alma, não recuses,
A quem sábio cumpriu as leis sagradas.
Servem de sólio as cruces.

Tu, Marília, se ouvires,
Que ante o teu rosto aflito
O meu nome se ultraja
C'o suposto delito,
Dize severa assim, em meu abono:
*Não toma as armas contra um cetro justo,
Alma digna de um trono.*

Lira XXXIV

Vou-me, ó bela, deitar na dura cama,
De que nem sequer sou o pobre dono.
Estende sôbre mim Morfeu as asas,
E vem ligeiro o sono.

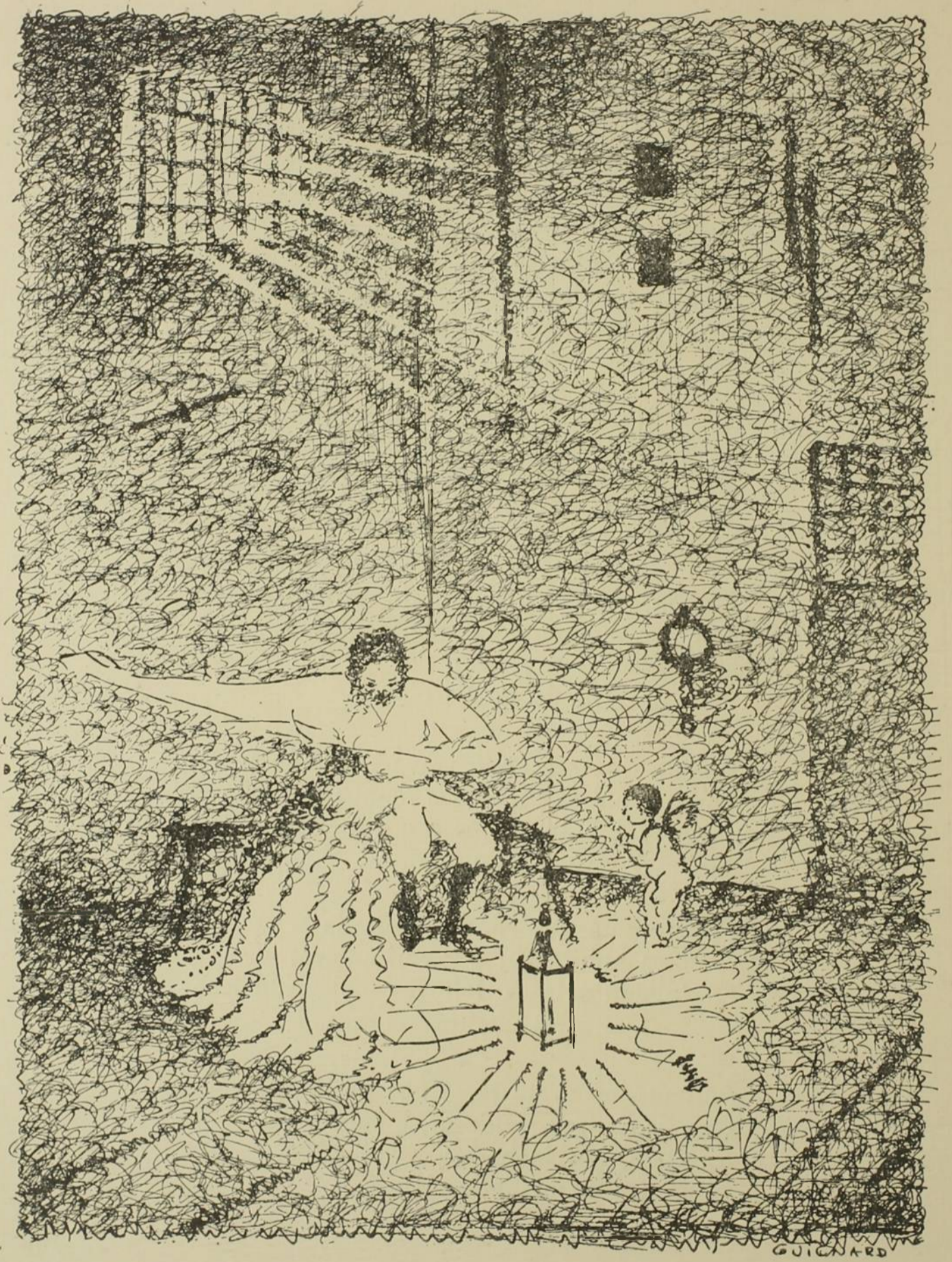
Os sonhos, que rodeiam a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha idéia;
Não pintam cada falsos, não, não pintam
Nenhuma imagem feia.

Pintam que estou bordando um teu vestido.
Que um menino com asas, cego e loiro,
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de oiro.

Pintam que entrando vou na grande Igreja;
Pintam que as mãos nos damos e aquí vejo
Subir-te à branca face a côr mimosa,
A viva côr do pejo.

Pintam que nos conduz doirada sege
À nossa habitação; que mil amores
Desfolham sôbre o leito as moles fôlhas
Das mais cheirosas flores.

Pintam que desta terra nos partimos,
Que os amigos saudosos, e suspensos
Apertam, nos inchados, roxos olhos,
Os já molhados lenços.



Pintam que os mares sulco da Baía,
Onde passei a flor da minha idade.
Q'descubro as palmeiras, e em dois bairros
Partida a grã Cidade.

Pintam leve escaler, e que na prancha
O braço já te of'reço reverente.
Que te aponta c'o dedo, mal te avista,
Amontoada gente.

Aquí, *alerta*, grita o mau soldado,
E o outro, *alerta estou*, lhe diz, gritando.
Acordo com a bulha, então conheço
Que estava aquí sonhando.

Se o meu crime não fôsse só de amores,
A ver-me delinqüente, réu de morte,
Não sonhara, Marília, só contigo,
Sonhara de outra sorte.

Lira XXXV

Se lá te chegarem
Aos ternos ouvidos
Uns tristes gemidos,
Repara, Marília,
Verás que são meus.

Ah! dá-lhes abrigo,
Marília, nos peitos,
Aqui os conserva
Em laços estreitos,
Unidos aos teus.

O vento ligeiro,
De ouvi-los movido,
Os pede a Cupido,
Que a todos apanha,
E lá tos vai pôr.

Ah! não os desprezes!
Porque se conspira
O Céu em meu dano,
E a glória me tira
De honrado Pastor.

Têm êstes suspiros
Motivo dobrado:
Perdí o meu gado,
Perdí, que mais vale,
O bem de te ver.

Se os não receberes,
Amante por ora,
Por serem de um triste,
Os debes, Pastora,
Por honra acolher.

Virá, minha bela,
Virá uma idade,
Que vista a verdade,
Gostosa me entregues
O teu coração.

Os crimes deshonram
Se são existentes.
Os ferros, q'oprimem
As mãos inocentes,
Infames não são.

Chegando êste dia,
Os braços daremos.
Então mandaremos
De gôsto e ternura
Suspiros aos Céus.
Pôr-me-ão no sepulcro
A honrosa inscrição:
Se teve delito,
Só foi a paixão
Que a todos faz réus.

Lira XXXVI

Não hás de ter horror, minha Marília,
De tocar pulso que sofreu os ferros?
Infames impostores mos lançaram
E não puníveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi uma vez, não foi só uma,
Que em defesa dos bens que são do Estado,
Moveu a sábia pluma.

É certo, minha amada, sim é certo
Q'eu aspirava a ser de um cetro o dono.
Mas êste grande império, que eu firmava,
Tinha em teu peito o trono.

As fôrças que se opunham não batiam
Da grossa peça e do mosquete os tiros.
Só eram minhas armas os soluços,
Os rogos e os suspiros.

De cuidados, desvelos e finezas
Formava, ó minha bela, os meus guerreiros.
Não tinha no meu campo estranhas tropas,
Que amor não quer parceiros.

Mas pode ainda vir um claro dia,
Em que estas vis algemas, êstes laços,
Se mudem em prisões de alívio cheias
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: *Eu sou Monarca!*
Dou leis que é mais, num coração divino
Sólio que ergueu o gôsto, e não a fôrça
É que é de aprêço dino.

Lira XXXVII

Meu sonoro Passarinho
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,
Se me queres ser propício.
Eu te dou em que me faças
Muito maior benefício.

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o Pôrto da Estrêla,
Sobe à serra, e se cansares,
Descansa num tronco dela.

Toma de Minas a estrada,
Na Igreja nova, que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Vila-Rica.

Entra nesta grande terra,
Passa uma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem um palácio defronte.

Êle tem ao pé da porta
Uma rasgada janela,
É da sala, aonde assiste
A minha Marília bela.

Para bem a conheceres,
Eu te dou os sinais todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições e modos.

O seu semblante é redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros e finos cabelos
Carnes de neve formadas.

A bôca risonha e breve,
Suas faces côm-de-rosa,
Numa palavra: a que vires
Entre tôdas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize que sou quem te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mas sem alívio penando.

Lira XXXVIII

Eu vejo aquela Deusa,
Astréia pelos Sábios nomeada.
Traz nos olhos a venda,
Balança numa mão, na outra espada.
O vê-la não me causa um leve abalo,
Mas antes, atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe falo:

Qual é o povo, dize,
Que comigo concorre no atentado?
Americano Povo!
O Povo mais fiel e mais honrado!
Tira as Praças das mãos do injusto dono,
Ele mesmo as submete
De novo à sujeição do Luso Trono.

Eu vejo nas histórias
Rendido Pernambuco aos Holandeses,
Eu vejo saqueada
Esta ilustre Cidade dos Franceses,
Lá se derrama o sangue brasileiro.
Aqui não basta, supre
Das roubadas famílias o dinheiro...

Enquanto assim falava,
Mostrava a Deusa não me ouvir com gosto.
Punha-me a vista tesa,
Enrugava o severo e aceso rosto.

Não suspendo com tudo no que digo,
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo e assim prossigo:

Acabou-se tirana
A honra, o zêlo dêste Luso Povo?
Não é aquêlê mesmo,
Que estas ações obrou, é outro novo?
E pode haver direito que te mova
A supor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Há em Minas um homem,
Ou por seu nascimento ou seu tesouro
Que aos outros mover possa
À fôrça de respeito, à fôrça de oiro?
Os bens de quantos julgas rebelados
Podem manter na guerra,
Por um ano sequer, a cem soldados?

Ama a gente assizada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco?
Que ponha uma ação destas
Nas mãos dum pobre, sem respeito e louco?
E quando a comissão lhe confiasse
Não tinha pobre soma
Que por paga ou esmola lhe mandasse?

Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia;
Ir-se-iam buscar sócios
Na Colônia também, ou na Baía?
Está voltada a Côrte brasileira
Na terra dos Suíços,
Onde as Potências vão erguer bandeira?

O mesmo autor do insulto
Mais a riso do que a terror me move.
Deu-lhe nesta loucura,
Podia-se fazer Netuno ou Jove.
A prudência é tratá-lo por demente,
Ou prendê-lo, ou entregá-lo,
Para dêle zombar a moça gente.

Aquí, aquí a Deusa
Um extenso suspiro aos ares solta.
Repete outro suspiro,
E sem palavra dar, as costas volta.
Tu te irritas! lhe digo, e quem te ofende?
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim, sossega, atende!

E tinha que ofertar-me
Um pequeno abatido e novo Estado,
Com as armas de fora,
Com as suas próprias armas consternado!
Achas também que sou tão pouco esperto,
Que um bem tão contingente,
Me obrigasse a perder um bem já certo?

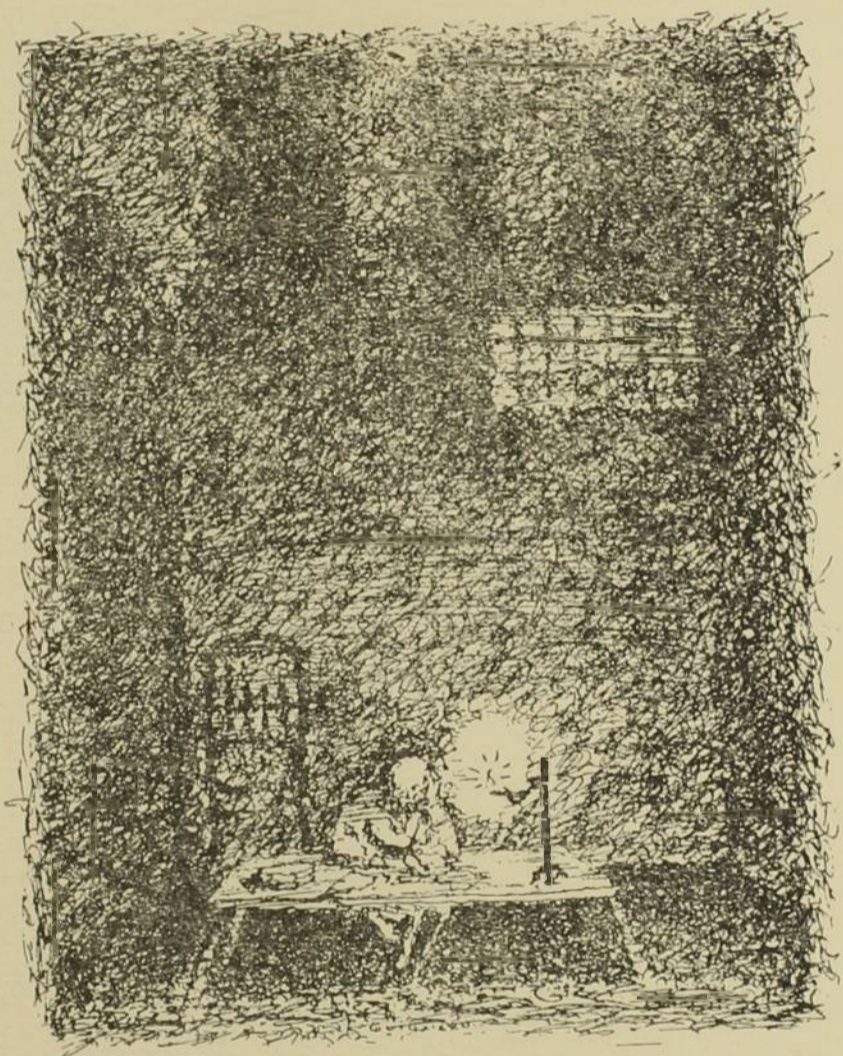
Não sou aquêle mesmo,
Que a extinção do débito pedia?
Já viste levantado
Quem à sombra da paz alegre ria?
Um direito arriscado eu busco e feio,
E quero que se evite
Tôda a razão do insulto, e todo o meio?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha,
A mais formosos campos me convida?

Não me unira, se os houvesse, aos vis traidores;
Daquí nem oiro quero!
Quero levar sòmente os meus amores.

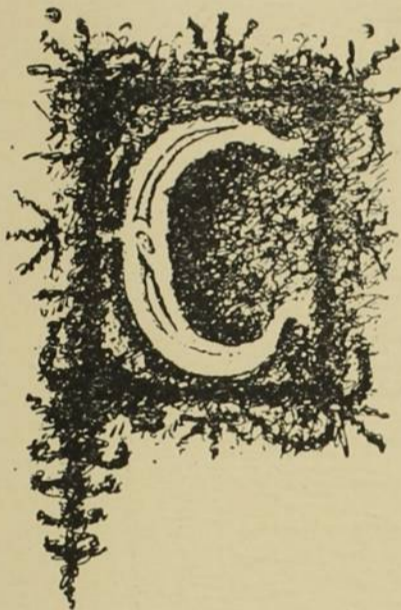
Eu, ó cega, não tenho
Um grosso cabedal dos pais herdado.
Não o recebí no emprêgo
Nem tenho as instruções dum bom Soldado.
Far-me-iam os rebeldes o primeiro
No Império, que se erguia
À custa do seu sangue e seu dinheiro!

Aquí, aquí de todo
A Deusa se perturba, e mais se altera.
Morde o seu próprio beijo
O sítio deixa, nada mais espera.
Ah! vai-te, então lhe digo, vai-te embora!
Melhor, minha Marília,
Eu gastasse contigo mais esta hora.



TERCEIRA PARTE

Lira I



Convidou-me a ver seu Templo
O cego Cupido um dia;
Encheu-se de gôsto o peito,
Fiz dêste Deus um conceito,
Como dêle não fazia.

Aquí vejo, descorados,
Os terníssimos amantes
Entre as cadeias gemerem;
Vejo nas piras arderem
As entranhas palpitantes.

*A quem ama, quanto avista
(Diz Cupido) não aterra;
Quem quer cingir o loureiro
Também vai sofrer primeiro
Todo o trabalho da guerra.*

*Contudo, que te dilates
Neste sítio não convenho;
Deixa a estância lastimosa,
Vem ver a Sala formosa
Aonde o meu Sólido tenho.*

Entro noutro grande Templo:
Que perspectiva tão grata!
Tudo quanto nêle vejo
Passa além do meu desejo,
E o discurso me arrebatá.

É de mármore e de jaspe
O soberbo frontispício;
É todo por dentro de oiro;
E a um tão rico tesouro
Inda excede o artifício.

As janelas não se adornam
De sêdas de finas côres:
Em lugar de cortinados,
Estão presos e enlaçados
Fastões de mimosas flores.

Em tórno da Sala Augusta
Ardem doirados braseiros,
Queimam resinas que estalam,
E, postas em fumo, exalam
Da Pancaia os gratos cheiros.

Ao pé do Trono os seus Gênios,
Alegres hinos entoam;
Dansam as Graças formosas,
E aquí as horas gostosas
Em vez de correrem, voam.

Estão sôbre o pavimento
Igualmente reclinados
Nos colos de seus amores,
Os grandes Reis e Pastores,
De frescas rosas coroados.

Mal o acôrdo restauro,
(Me diz o Moço risonho):
*Como ainda não reparas
Em tantas cousas tão raras,
De que este Templo componho?*

*Sabes a história de Jove?
Aqui tens o manso Touro,
Tens o Cisne decantado,
A Velha em que foi mudado,
Com a grossa chuva d'ouro.*

*Aplica, Dirceu, agora
Os olhos para esta parte:
Aqui tens o verde Louro
Que inda estima o Pastor louro,
E a Rêde que enlaça a Marte.*

*Vês este Arco destramente
De branco marfim ornado?
À Casta Deusa servia,
E o perdeu, quando dormia
Do gentil Pastor ao lado.*

*Vês esta Lira? Com ela
Tira Orfeu ao bem querido
Dos infernos aonde estava.
Vês este Farol? Guiava
Ao meu nadador de Abido.*

*Vês estas duas Espadas
Ainda de sangue cheias?
A Tisbe e a Dido mataram;
E os fortes pulsos armaram
De Píramo e mais de Enéias.*

*Sabes quem vai no Navio,
Que nesse mar se levanta?
É Teseu. Vês esse Pomo?
É de Cidipe, assim como
São aquêles de Atalanta.*

Vê agora êstes retratos,
Que destros pincéis fizeram.
Ah! que pinturas divinas!
Todos são das Heroínas,
Que mais vitórias me deram.

Repara nesse semblante,
É o semblante de Helena;
Lá se avista a Grega Armada,
E aquí de Tróia abrasada
Se mostra a funesta cena.

Vês estoutra formosura?
É a bela Deidamia;
Lá tem Aquiles ao lado,
De uma saia disfarçado,
Como com ela vivia.

Cleópatra é quem se segue:
Alí tens lançando a linha
Marco Antônio sossegado,
Ao tempo em que Augusto, irado,
Com armada nau caminha.

Aquí Hermes se figura;
Vê um Sábio dos maiores,
Qual infame delinqüente,
Ir desterrado, sòmente
Por contar os seus amores.

Êste é de Ônfale o retrato;
Aquí tens (quem o diria!)
Ao grande Hércules sentado
Com as mais damas no estrado,
Onde em seu obséquio fia.

*Anda agora a estoutra parte:
Conheces, Dirceu, aquela?
— Onde vais? (lhe digo) explica
Que beleza aquí nos fica,
Sem fazeres caso dela?*

*Ergo os olhos, ponho a vista
Na imagem não explicada,
Oh! quanto é digna de aprêço!
Mal exclamo assim, conheço
Ser a minha doce amada.*

*O coração pelos olhos
Em terno pranto saía
E no meu peito saltava;
Disfarçado, Amor olhava
Para mim a furto e ria.*

*Depois de passado tempo,
A mim se chega e me abala;
Desperto de tanto assombro,
Êle bate no meu ombro,
E assim afável me fala:*

*— Sim, caro Dirceu, é esta
A divina formosura,
Que te destina Cupido;
Aquí tens o laço urdido
Da tua imortal ventura.*

*O Númen, Dirceu, o Númen,
Que aos trabalhos de um humano
Desta sorte felicita,
Não é como se acredita,
Não é um Númen tirano.*

*Olha se a cega Fortuna,
De tudo quanto se cria,
Ou nos mares ou na terra,
Em o seu tesouro encerra
Outro bem de mais valia?*

*Lisas faces côr-de-rosa,
Branços dentes, olhos belos,
Grossos beiços encarnados,
Pescoço e peitos nevados,
Negros e finos cabelos,*

*Não vale mais que cingires,
C'o braço de sangue imundo,
Na cabeça o verde loiro?
Do que teres montes d'ouro?
Do que dares leis ao mundo?*

*Ah! ensina, sim, ensina
Ao vil mortal atrevido
E ao peito que adora terno
Que tem, para um Inferno,
Para o outro um Céu, Cupido.*

*Ao resto, Amor me convida;
Eu chorando a mão lhe beijo,
E lhe digo: — Amor, perdoa
Não seguir-te, pois não voa
A ver mais o meu desejo.*

Lira II

Em vão do amado
Filho que foge,
Venus quer hoje
Notícias ter.

Sagaz e astuto
Êle se esconde
Em parte aonde
Ninguém o vê.

Dos sinais dados
Bem se conhece
Que êle aborrece
A Mãe que tem.

Se os seus defeitos
Ela publica,
Razão lhe fica
De se ofender.

Foge o Menino
E, disfarçado,
Vive abrigado
Numa cruel.

Com mil carícias
A ímpia o trata;
Nem o desata
Do peito seu.

Se a semelhança
Sempre amor gera,
Deve uma fera
Outra acolher.

Ah! se o teu nome,
Marília, calo,
Que de ti falo
Bem podes crer.

Lira III

Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada Serra.

Não verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras inda novas,
Servir de adubo à terra a fértil cinza,
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas fôlhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-ás folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Enquanto revolver os meus Consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fastos da sábia, mestra História,
Os Cantos da Poesia.



QUIGNARD

Lerás em alta voz, a imagem bela;
Eu, vendo que lhe dás o justo aprêço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma beleza,
Marília, não lhe envejes a ventura,
Que tens quem leve à mais remota idade
A tua formosura.

Lira IV

Amor por acaso
A um pouso chegava,
Aonde acolhida
A Morte se achava.

Risonhos e alegres
Os braços se deram,
E as armas unidas
Num sítio puseram.

De emprêsas tamanhas
Cansados já vinham,
E em larga conversa
A noite entretinham.

Um conta que há pouco
A seta aguçada
Em uma beleza
Deixara empregada.

Diz outro que as flechas
Cravara no peito
De um grande, que teve
O Mundo sujeito.

Enquanto das fôrças
Cada um presumia,
Seus membros já lassos
O sono rendia.



Dormindo tranqüilos,
A noite passaram,
E inda antes da Aurora
Com ânsia acordaram.

*É tempo que o leito
Deixemos, ó Morte*
Amor, já erguido,
Falou desta sorte.

É tempo, em resposta
A Morte repete,
*Que à nossa fadiga
Dormir não compete.*

*As armas colhamos,
Voltemos ao giro:*
*Cada um a seu gôsto
Empregue o seu tiro.*

Vão inda, c'os olhos
Em sono turbados,
Ao sítio em que os ferros
Estão pendurados.

Amor para as setas
Da Morte se enclina;
De Amor logo a Morte
C'os flechas atina.

Oh! golpes tiranos!
Oh! mãos homicidas!
São tiros da Morte
De Amor as feridas.

De um sonho, que pinto,
Marília, conhece
Se amor, ou se morte
Esta alma padece.

Lira V

Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva de guardar alheio gado;
Nem sou pastor grosseiro,
Dos frios gelos e do Sol queimado,
Que veste as pardas lãs do seu cordeiro.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrêla!

A Cresso não igualo no tesouro;
Mas deu-me a Sorte com que honrado viva.
Não cinjo coroa d'ouro;
Mas Povos mando e na testa altivo
Verdeja a Coroa do Sagrado Louro.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrêla!

Maldito seja aquêle, que só trata
De contar, escondido, a vil riqueza,
Que, cego, se arrebatava
Em buscar nos Avós a vã nobreza,
Com que aos mais homens, seus iguais, abata.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrêla!

As fortunas, que em tôrno de mim vejo,
Por falsos bens que enganam, não reputo;
Mas antes mais desejo:
Não para me voltar soberbo em bruto,
Por ver-me grande, quando a mão te beijo.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrêla!



GUIENARD

Pela Ninfa que jaz vertida em Louro,
O grande Deus Apolo não delira?
Jove, mudado em Touro
E já mudado em Velha não suspira?
Seguir aos Deuses nunca foi desdouro.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrêla!

Pretendam Anibais honrar a História,
E cinjam com a mão, de sangue cheia,
Os louros da vitória.
Eu revolvo os teus dons na minha idéia:
Só dons que vêm do céu são minha glória.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrêla!

Lira VI

Tradução

Amor, que seus passos
Ligeiro movia
Por mil embaraços,
Que um bosque tecia,

Nos ombros me acena
Com brando raminho;
E logo me ordena
Que siga o caminho.

Por entre a espessura
Do bosque me avanço;
E atrás da ventura
Incauto me lanço.

Já tinha calcado
Os montes mais duros;
C'o peito rasgado
Os rios escuros.

Eis que uma serpente,
A língua vibrando,
Me crava o seu dente,
Me deixa expirando.

Então, surpreendida
Da dor, que a traspassa,
Minha alma ferida
Aos beijos se passa.

As iras detesta
Amor. Isto vendo,
E as asas na testa
Me bate dizendo:

– *Tu choras, tu gemes,
Da Serpe tocado,
E o braço não temes
De um Númen irado?*

Lira VII

Tu, formosa Marília, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo Ribeirão em que nasceste.

Deixa, Marília, agora
As já lavradas terras.
Anda, afoita, romper os grossos mares,
Anda encher de alegria estranhas terras;
Ah! que por ti suspiram
Os meus saudosos lares!

Não corres como Safo sem ventura,
Em seguimento de um cruel ingrato,
Que não cede ao encantos da ternura;
Segues um fino amante,
Que, a perder-te, morria.
Quebra os grilhões do sangue e vem, ó bela;
Tu já foste no Sul a minha guia,
Ah! debes ser no Norte
Também a minha Estrêla.

Verás ao Deus Netuno sossegado,
Aplainar c'ò tridente as crêspas ondas;
Ficar como dormindo o mar salgado;
Verás, verás d'alheta
Soprar o brando vento;
Mover-se o leme, desrinzar-se o linho,
Seguirem os Delfins o movimento,
Que leva na carreira
O empavesado pinho.

Verás como o Leão, na proa arfando,
Converte em branca espuma as negras ondas,
E as talha e corta com murmúrio brando;
Verás, verás, Marília,
Da janela doirada,
Que uma comprida estrada representa
A linfa cristalina, que, pisada
Pela pôpa que foge,
Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo imenso
Tornar ao torto anzol, depois de o terem
Pela rasgada bôca ao ar suspenso;
Os pequenos peixinhos
Quais pássaros voarem;
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas,
Que forma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta,
Um repuxo formando com as águas,
Que ao ar espalha da robusta venta;
Verás, enfim, Marília,
As nuvens levantadas,
Umas de côr azul ou mais escuras,
Outras de côr-de-rosa ou prateadas,
Fazerem no Horizonte
Mil diversas figuras.

Mal chegares à foz do claro Tejo,
Apenas êle vir o teu semblante,
Dará no leme do baixel um beijo.
Eu lhe direi vaidoso:
Não trago, não, comigo
Nem pedras de valor, nem montes d'ouro;
Roubei as áureas Minas e consigo
Trazer para os teus cofres
Êste maior Tesouro.

Lira VIII

Em cima dos viventes fatigados
As verdes dormideiras espremia;
Os mentirosos sonhos me cercavam;
Na vaga fantasia
Ao vivo me pintavam
As glórias, que, desperto,
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a Nau possante,
Nos braços conduzindo a minha bela;
Volteia a grande roda e a grossa amarra
Se enleia em tórno dela;
Já ponho a proa à barra,
Já cai ao som do apito
Ora uma ora outra vela.

Os arvoredos já se não distinguem;
A longa praia ao longe não branqueja;
E já se vão sumindo os altos montes,
Já não há que se veja
Nos claros Horizontes,
Que não sejam vapores,
Que Céu e mar não seja.

Parece vão correndo as negras ondas
E o pinho, qual rochedo, estar parado;
Ergue-se a onda, vem à Nau direita,
E quebra no costado;

O Navio se deita,
E ela finge a ladeira
Saindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes,
Cair do Lais a linha que os engana;
Um, doirado, no anzol está pendente,
Sofre morte tirana;
Entretanto que a sente,
Ao tombadilho açouta
A cauda e a barbatana.

Sôbre as ondas descubro uma Carroça,
De formosas conchinhas enfeitada;
Delfins a movem e vem Tetis nela;
Na pôpa está parada;
Nem pode a Deusa bela
Tirar os brandos olhos
Da minha doce amada.

Nas costas dos Golfinhos vêm montados
Os nus Tritões, deixando a Esfera cheia
Co' rouco som dos búzios retorcidos.
Recreia, sim, recreia
Meus atentos ouvidos
O canto sonoro
Da música Sereia.

Já sobe ao grande mastro o bom gageiro,
Descobre arrumação e grita "Terra!"
À murada caminha, alegre, a gente;
Alguns entendem que erra;
Pelo imóvel sòmente
Conheço não ser nuvem,
Sim o cume de alta serra.

De Mafra já descubro as grandes tórres
(E que nova alegria me arrebatam!)
De Cascais a muleta já vem perto;
 Já de abordar-nos trata;
 Já o pilôto esperto,
 Inda debaixo manda
 Soltar mezena e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra,
A grossa artilheria já me atoa;
Já ficam Paço de Arcos e a Junqueira;
 Já corre pela proa
 Uma amarra ligeira;
 E a Nau já fica surta
 Diante da grã Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amizade antigos laços.
Eu vejo ao velho Pai, que lentamente
 Arrasta a mim os passos.
 Ah! como vem contente!
 De longe mal me avista,
 Já vem abrindo os braços.

Dobro os joelhos, pelos pés o aperto,
E manda que dos pés ao peito passe.
Marília, quanto eu fiz, fazer intenta;
 Antes que os pés lhe abrace,
 Nos braços a sustenta;
 Dá-lhe de filha o nome,
 Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada (oh! céus), acordo!
Conheço não estar no claro Tejo;
Abro os olhos, procuro a minha amada,
 E nem sequer a vejo.
 Venha a hora afortunada,
 Em que não fique em sonhos
 Tão ardente desejo!

A uma despedida

Chegou-se o dia mais triste
Que o dia da morte feia;
Caí do trono, Dirceia,
Do trono dos braços teus.

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

Ímpio Fado, que não pôde
Os doces laços quebrar-me,
Por vingança quer levar-me
Distante dos olhos teus.

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

Parto, enfim, e vou sem ver-te,
Que neste fatal instante
Há-de ser o teu semblante
Mui funesto aos olhos meus.

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

E crês, Dirceia, que devem
Ver meus olhos penduradas
Tristes lágrimas salgadas
Correrem dos olhos teus?

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

De teus olhos engraçados,
Que puderam, piedosos,
De tristes em venturosos
Converter os dias meus ?

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

Dêsses teus olhos divinos,
Que, ternos e sossegados,
Enchem de flores os prados
Enchem de luzes os Céus ?

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

Dêsses teus olhos, enfim,
Que domam Tigres valentes,
Que nem rígidas Serpentes
Resistem aos tiros seus ?

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

Da maneira que seriam
Em não ver-te criminosos,
Enquanto foram ditosos,
Agora seriam réus.

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

Parto, enfim, Dirceia bela,
Rasgando os ares cinzentos;
Virão nas asas dos ventos
Buscar-te os suspiros meus.

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

Talvez, Dirceia adorada,
Que os duros fados me neguem
A glória de que êles cheguem
Aos ternos ouvidos teus.

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

Mas se ditosos chegarem,
Pois os solto a teu respeito,
Dá-lhes abrigo no peito,
Junta-os c'os suspiros teus.

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

E quando tornar a ver-te,
Ajuntando rosto a rosto,
Entre os que dermos de gôsto,
Restitue-me então os meus.

Ah ! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus !

Canção

Dês que vi, formosa Elvira,
Os teus divinos cabelos,
Êsses vivos olhos belos,
Que inveja dos astros são,
Foi-se, Elvira, foi-se embora
Tôda a paz do coração.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Enquanto, Elvira, se oculta
A meus olhos teu semblante,
Um minuto, um breve instante
Parece que fim não tem.
Se alcanço de ver-te a glória,
Então voa o tempo bem.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando te ris por acaso
Para outro qualquer sujeito,
Estala dentro do peito
De ciúme o coração;

Se me pões os olhos, julgo
Que zombas de mim então.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando há brinco na floresta,
E a divina Olaia canta,
O mesmo gado levanta
A cabeça para ouvir.
Só, por mais que Alceu forceje,
Não pode o prazer fingir.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando levo à clara fonte
O rebanho do meu gado,
Cai-me da mão o cajado,
E com ela à testa vou:
Fico pasmado, e ignoro
O lugar aonde estou.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando eu vou segar o trigo,
(Olha bem como ando cego!)
Numa parte nêle pego,
Meto noutra a fouce em vão;



Dos que vêm, alguns se riem,
Outros mostram compaixão.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando me deito no colmo,
Sempre sonho que te vejo,
Que te falo, e que te beijo
A branca, nevada mão.
Acordo, Pastora, e foges:
Eu fico mais triste, então.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando alguém meu mal pergunta,
Bem que seja a vez primeira,
Rompo, ainda que não queira,
O segrêdo, sem saber:
O teu nome, Elvira, digo,
Quando devo o seu dizer.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Fujo ao trato dos pastores,
Para um bosque me retiro;
Com desafôgo suspiro,
E chamo por ti, meu bem.

Os vales, que se enternecem,
Chamam-te ao longe também.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando escuto o triste mocho
A gemer no meu telhado,
Qualquer mal excogitado
Não me deve algum temor:
Só receio que me agoure
Mau sucesso ao meu amor.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Os pastores que me avistam
Com o dedo já me apontam,
E à roda do fogo contam
Da maneira que me vêem.
Sou o exemplo dos amantes,
Que esta nossa Aldeia tem.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Soneto I

É gentil, é prendada a minha Alteia;
As graças, a modéstia do seu rosto
Inspiram no meu peito maior gôsto
Que ver o próprio trigo quando ondeia.

Mas, vendo o lindo gesto de Dirceia
A nova sujeição me vejo exposto;
Ah! que é mais engraçado, mais composto
Que a pura Esfera, de mil astros cheia !

Prender as duas com grilhões estreitos
É uma ação (ó Deuses) inconstante.
Indigna de sinceros, nobres peitos.

Cupido, se tens dó de um triste amante,
Ou forma de Lorino dous sujeitos,
Ou forma dêses dous um só semblante.

Soneto II

Num fértil campo do soberbo Douro,
Dormindo sôbre a relva descansava,
Quando vi que a Fortuna me mostrava
Com alegre semblante o seu Tesouro.

De uma parte, um montão de prata e ouro
Com pedras de valor o chão curvava;
Aquí um cetro, alí um trono estava,
Pendiam coroas mil de grama e louro.

*Acabou-se (diz-me então) a desventura:
De quantos bens te exponho qual te agrada,
Pois benigna os concedo, vai, procura.*

Escolhí, acordei, e não vi nada:
Comigo assentei logo que a ventura
Nunca chega a passar de ser sonhada.

Soneto III

Enganei-me, enganei-me, paciência !
Acreditei as vozes, cri, Ormia,
Que a tua singeleza igualaria
À tua mais que angélica aparência.

Enganei-me, enganei-me, paciência !
Ao menos conheci que não devia
Pôr nas mãos de uma externa galhardia
O prazer, o sossêgo e a inocência.

Enganei-me, Cruel, com teu semblante,
E nada me admiro de faltares,
Que êsse teu sexo nunca foi constante.

Mas tu perdeste mais em me enganares:
Que tu não acharás um firme amante,
E eu posso de traidoras ter milhares.

Soneto IV

Ainda que de Laura esteja ausente,
Há-de a chama durar no peito amante;
Que existe retratado o seu semblante,
Se não nos olhos meus, na minha mente.

Mil vezes finjo vê-la e eternamente
Abraço a sombra vã; só nesse instante
Conheço que ela está de mim distante;
Que tudo é ilusão que esta alma sente.

Talvez que ao bem de a ver Amor resista;
Porque minha paixão, que aos Céus é grata,
Por inocente assim melhor persista;

Pois quando só na idéia ma retrata,
Debuxa os dotes com que prende, vista,
Esconde as obras com que ofende, ingrata.

Soneto V

Ao Templo do Destino fui levado:
Sôbre o Altar um Cofre se firmava,
Em cujo seio cada qual buscava,
Tremendo, anúncio do futuro estado.

Tiro um papel e leio — Céu Sagrado,
Com quanta causa o coração pulsava !
Êste duro Decreto escrito estava
Com negra tinta pela mão do Fado:

*Adore Polidoro a bela Ormia,
Sem dela conseguir a recompensa,
Nem quebrar-lhe os grilhões a tirania.*

Das mãos Amor mo arranca, e sem detença
Três vezes o levando à bôca impia,
Jurou cumprir à risca a tal sentença.

Soneto VI

*À Ilustríssima e Excelentíssima Senhora
Condessa de Cavaleiros, D. Maria José
de Eça e Bourbon.*

Ergue-te, ó Pedra, e desde a margem fria,
Que os muros banha à Lusitana Atenas,
Mostra-me as desmaiadas açucenas
Do rosto, que me ocupa a fantasia.

Deixa que eu beije a mão, que pôde um dia
Ceder de amor às lastimosas cenas;
Q'entre as ânsias, a dor, a mágoa, as penas
Renove a saüdosa idolatria.

Solto do véu mortal, ó Feliz Astro,
Une ao cadáver a truncada testa,
Levanta o belo colo de alabastro:

Uma alma grande junto a ti protesta
Fazer a glória da defunta Castro;
A ilustre neta vês: Maria é esta.

Soneto VII

Quantas vezes Lidora me dizia,
Ao terno peito minha mão levando:
— Conjurem-se em meu mal os Astros, quando
Achares no meu peito aleivosia.

Então que não chorasse lhe pedia,
Por firme seu amor acreditando.
Ah! que em movendo os olhos suspirando
Ao mais acautelado enganaria!

Um ano assim viveu. Oh! céus! agora
Mostrou que era mulher: a natureza
Só por não se mudar a fêz traidora.

Não, não darei mais cultos à beleza,
Que, depois de faltar à fé Lidora,
Nem creio que nas Deusas há firmeza.

Soneto VIII

*Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor
Visconde de Barbacena, Francisco Fur-
tado de Mendonça.*

O Númen Tutelar da Monarquia,
Que fêz do grande Henrique a invicta espada,
Procurou dos Destinos a morada,
Por consultar a idade que viria.

A mil e mil heróis descritos via,
Que exaltam de Furtado a estirpe honrada,
É na série, que adora, dilatada,
O nome de Francisco descobria.

Contempla uma por uma as letras d'ouro;
Êste penhor, que o tempo não consome,
Promete ao Reino seu maior tesouro.

Prostra-se o Gênio; e sem que a empresa tome
De lhe buscar sequer mais outro agoiro,
O sítio beija, e lhe mostra o nome.

Soneto IX

Ao mesmo excelentíssimo Visconde.

Nascer no berço da maior grandeza,
De palmas e de louros rodeado,
Deve-se aos grandes Pais, ao Tronco honrado,
Que ilustra desde longe a natureza.

Se porém muito mais se adora e preza
O dom que o nobre sangue traz herdado,
Pela própria virtude sustentado,
Feliz o objeto da presente emprêsa.

De mil heróis, no Tejo vencedores,
Um ramo nasce, um ramo que a memória
Faz imortal de seus Progenitores.

Eu leio em vaticínio a sua história:
Une Francisco, a par de seus maiores,
Ao herdado esplendor a própria glória.

Soneto X

Mudou-se enfim Lidora, essa Lidora
Por quem mil vezes fé me foi jurada.
Que vos detém (ó céus) que castigada
Ainda não deixais tão vil traidora ?

Não haja piedade: sinta agora
A dita sem remédio em mal trocada;
Pois, se assim não sucede, fica ousada
Para ser outra vez enganadora.

Vingai, ó justos céus..., mas ah ! que digo ?
Que maltrateis Lidora ? — o sentimento
Privou-me do discurso; eu me desdigo.

Não, não vibreis o raio violento;
Pois sei que a compaixão do seu castigo
Há-de aumentar depois o meu tormento.

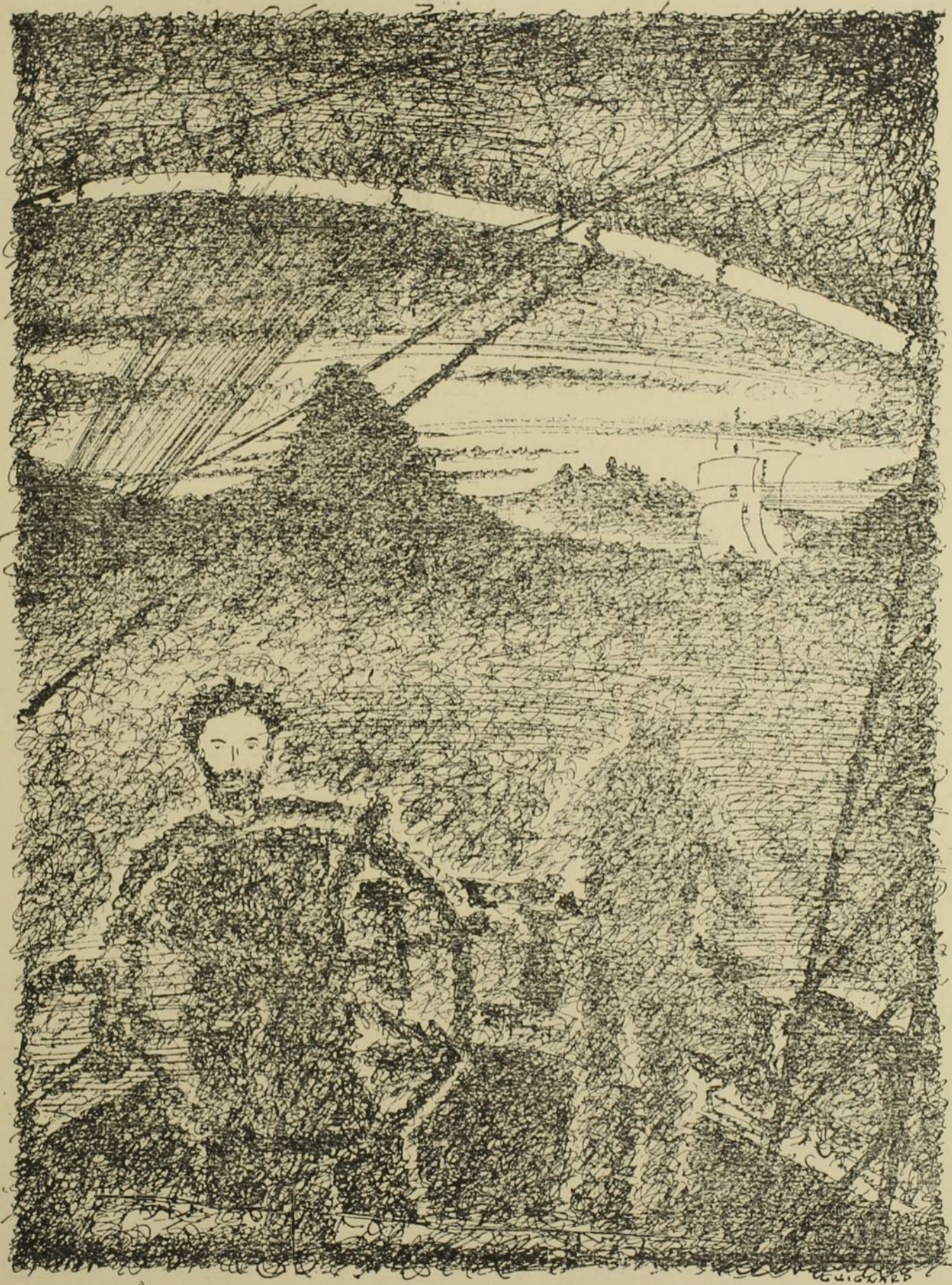
Soneto XI

Adeus, cabana, adeus; adeus, ó gado;
Albina ingrata, adeus, em paz te deixo;
Adeus, doce rabil; neste alto freixo
Te fica, ao meu destino consagrado.

Se te fôr meu sucesso perguntado,
Não declares, rabil, de quem me queixo;
Não quero que se saiba vive Aleixo
Por causa de uma infame desterrado.

Se vires a Pastor desconhecido,
Lhe dize então piedoso: Ah! vai-te embora,
Atalha os danos, que outros têm sentido.

Habita nesta Aldeia uma Pastora,
De rosto belo, coração fingido,
Umás vezes cruel, e as mais traidora.



Soneto XII

Com pesadas cadeias maniatado,
Às vozes da razão ensurdecido,
Dos Céus, de mim, dos homens esquecido,
Me vi de amor nas trevas sepultado.

Alí aliviava o meu cuidado
C'o dar de quando em quando algum gemido.
Ah! tempo! que sòmente refletido
Me fazes entre as ditas desgraçado.

Assim vivia, quando a falsidade
De Laura me tornou num breve dia
Quanto a razão não pôde em longa idade:

Quebrei o vil grilhão que me oprimia!
Oh! feliz de quem goza a liberdade,
Bem que venha por mãos da aleivosia !

Soneto XIII

*Feito quando o Autor acabou o Lugar
de Ouvidor de Vila-Rica e foi despachado
para Desembargador da Baía.*

Obrei quanto o discurso me guiava,
Ouví os Sábios, quando errar temia;
Aos bons no gabinete o peito abria,
Na rua a todos como iguais honrava.

Julgando os crimes nunca voto dava
Mais duro, ou pio do que a Lei pedia;
Mas podendo salvar o justo, ria,
E devendo punir ao réu, chorava.

Nem foram, Vila-Rica, os meus intentos
Meter em férreo cofre cópia d'oiro,
Que chegue aos filhos e que passe aos netos:

Outras são as venturas, que me agoiro:
Ganhei saüdades, aquirí afetos,
Vou fazer dêstes bens melhor tesoiro.

Soneto XIV

Quando o torcido buço derramava
Terror no aspecto ao Português sisudo,
Quando, sem pó nem óleo, o pente agudo
Duro, intonso, o cabelo em laço atava.

Quando contra os Irmãos o braço armava
O forte Nuno, opondo escudo a escudo;
Quando a palavra, que prefere a tudo,
Com a barba arrancada João firmava.

Quando a mulher à sombra do marido
Tremor se via; quando a Lei prudente
Zelava o sexo do civil ruído;

Feliz então, então só inocente
Era de Luso o Reino. Oh! bem perdido!
Ditosa condição, ditosa gente!

Soneto XV

*Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor
Marquês de Pombal, reformando a Uni-
versidade de Coimbra.*

Sombras ilustres dos varões famosos,
Que à Grécia e Roma destes Leis um dia,
Vós, que do Elísio na região sombria
Respirais entre os zéfiros miniosos.

Grande Licurgo, ó tu, Sólon, que honrosos
Louros cingís, que egrégia companhia
Fazeis aos Mazarinos, eu queria
Adorar vossos vultos majestosos.

Vós fizestes da vossa Pátria a glória;
Por vós hoje é feliz a humanidade:
Que dignos sois de uma imortal história !

Cesse, cesse porém vossa vaidade;
Que basta a escurecer vossa memória
Um Carvalho, que adora a nossa idade.

Soneto XVI

As moles asas a bater começa
Entre as palhas o tenro passarinho,
E largos dias por deixar o ninho
Se cansa, se fadiga, se arremessa.

Um impulso, outro impulso; em vão se apressa;
Já se firma no pé, já no biquinho,
Nas fôlhas se tem, passa ao raminho,
Té que a pena se esforce e se endureça.

Quando, enfim, é capaz de movimento,
Deixa os arbustos, vaga pelos ares,
E sôbre as altas faias toma assento:

Êstes sejam, Salício, os exemplares
Em que a vossa virtude anime o alento,
Por que um dia da Fama honre os Altares.

Ode

*Ao Ilustríssimo Senhor Luiz
Beltrão de Gouveia.*

Se entre as louras areias
Do meu Jaquitinhonha, um Gênio erguido
 Às regiões alheias
Manda que em doce metro repetido
 Hoje o teu Nome leve,
Tanto à virtude, meu Beltrão, se deve.

Vejo a sórdida inveja
De ira morder-se, e as serpes sacudindo,
 Por se tragar forceja;
De pejo e de vergonha em vão cobrindo
 Co'as frias mãos ao rosto,
Geme a calúnia no mortal desgosto.

Vós, Gênios fortunados,
Que do Templo da Glória honrais a estância,
 Os méritos sagrados
Cantai do bom Ministro: é a constância,
 A sábia fortaleza
É quem o guia na maior emprêsa.

Se os rígidos palmares
Da Idumeia consulto, o bravo Noto,
 Os tormentosos ares
Não podem mais dobrá-los: zomba, imoto,
 Nem às ondas tem medo,
Sobranceiro ao Egeu, firme penedo.

Tal a constância tua
Em meio foi dos pérfidos rumores;
A verdade, que, nua,
Derramava em teu rosto as vivas côres,
Sôbre as aras decentes
Viu por triunfo mil troféus pendentés.

A vigilância, o zêlo,
A retidão do espírito, elevada
Ao grau mais rico e belo,
Essa virtude, que nos traz provada
Em meio dos Tesouros
A sã virtude, que enobrece os Louros:

Tudo, tudo aparece,
Sábio Ministro, da vitória ao lado;
Atenas, que me oferece
No seu público Erário acreditado
Aristides, o Justo,
Em ti acena o seu modêlo augusto.

Mil vezes orgulhosa
Negra calúnia o seu destêrro tenta;
A virtude preciosa
Contra o fero Temístocles sustenta,
Não há fôrça que baste,
Não há poder que o peito lhe contraste.

Feliz o Rei, o Povo,
Feliz também de Temis a balança;
De um modo raro e novo
Nas tuas mãos eu vejo que descansa;
Aos prêmios, ao castigo
Se reparte sem queixa o braço amigo.

Ah! sinta a nossa idade
De um sangue ilustre, de um talento raro
A próspera igualdade!
Melhor do que nos mármore de Paro,
Em memória aos vindouros
T'ergue o Sêro um Padrão nos seus Tesouros.

Ode

Imitando o Sonho de Cipião.

Já vou tocando, ó Lício,
De Lustrós dez o fatigado têrmo;
E já meu corpo enfêrmo
Se avezinha da morte ao duro ofício:
Que cedo o meu destino me promete
Calcar as sombras do medonho Lete !

Eu descerei contente
A ver os Manes dos Avós amados;
Que bem-aventurados,
Se outro mundo trataram, se outra gente !
Não viram êles, como eu, triste, vejo,
O velho mundo piorar sem pejo.

Passaram da inocência
Pela cândida estrada os pés levando:
Inda a fera violência
Não corrompia da Justiça o mando;
Praticava-se a próvida igualdade
Entre a Santa Virtude e a vil maldade.

A pura fé do Amigo,
Renovava de Orestes a memória:
Comum era o perigo,
Recíproca também a pena, a glória:
Que traições e que enganos tem disposto
Em nossos dias um fingido rosto !

Tudo se vê mudado
Nesta idade fatal, em que de ferro
O Ídolo adorado
Tôrpemente protege o crime, o êrro:
Como de susto e de vergonha cheia
Se retira de nós a bela Astreia !

Ah! e quem de teus laços
Deve ao pêso gemer, ó mundo cego ?
Rotos em mil pedaços
Os teus grilhões a pendurar já chego;
Não mais os teus encantos me deleitem,
Êstes míseros restos se aproveitem.

Que diferentes climas
Já me finjo habitar ! Os brandos ares,
Que tu, Zéfiro, animas,
Que prazeres me inspiram ! Dos pesares,
Das mágoas, do desgosto e do tormento
Aquí não soa o trágico lamento.

Sôlto do mortal manto,
Cuido que o centro dos Elísios piso !
Oh ! quanto é bela, quanto
A margem dêste Lago ! Em fresco riso
Lírios e rosas, quais não colhe Flora,
Aquí saúdam a perpétua Aurora.

Adorável ciência,
Que encheste as noites e esgotaste os dias,
Da humana inteligência,
Agora sei quão longe te desvias !
Êste o seio da luz, aonde tudo
Sem fadiga se alcança e sem estudo !

O número, a distância
Dos Orbes Celestiais, já sábio, admiro:
Noto a eterna constância
Do Planeta da Luz; observo o giro
Da Terra, que regula a vária face
Com que a próxima Lua ou morre ou nasce.

Certa e firme a carreira
Já marco de Saturno, Marte ou Jove,
Da esfera derradeira
Contemplo a fôrça, que os mais Orbes move;
A harmonia me encanta, acorde e rara,
Que de Samos o Sábio já notara.

Aquí se patenteia
Dos errados sistemas o conceito;
E longe a minha idéia
De vacilar, já firma o mais perfeito.
Quem senão tu, ó Gênio sobrehumano,
Libertar me pudera dêste engano !

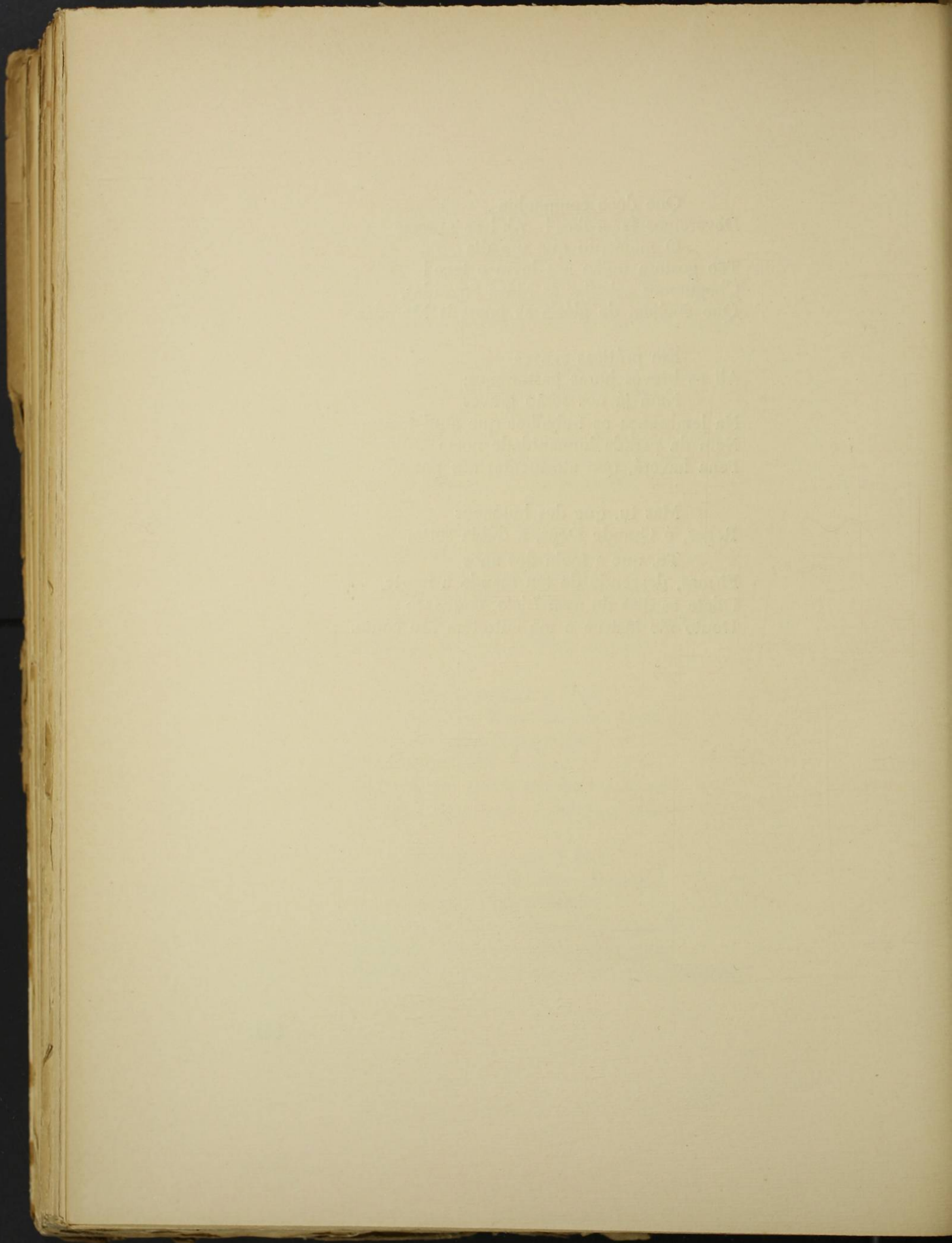
De Massinissa o Paço
De Cartago ao Herói tal cena pinta;
Ao soberbo ameaço
Da Fortuna, êle vê clara e distinta,
Qual o meu Gênio me retrata agora,
A bela Pátria, onde o descanso mora.

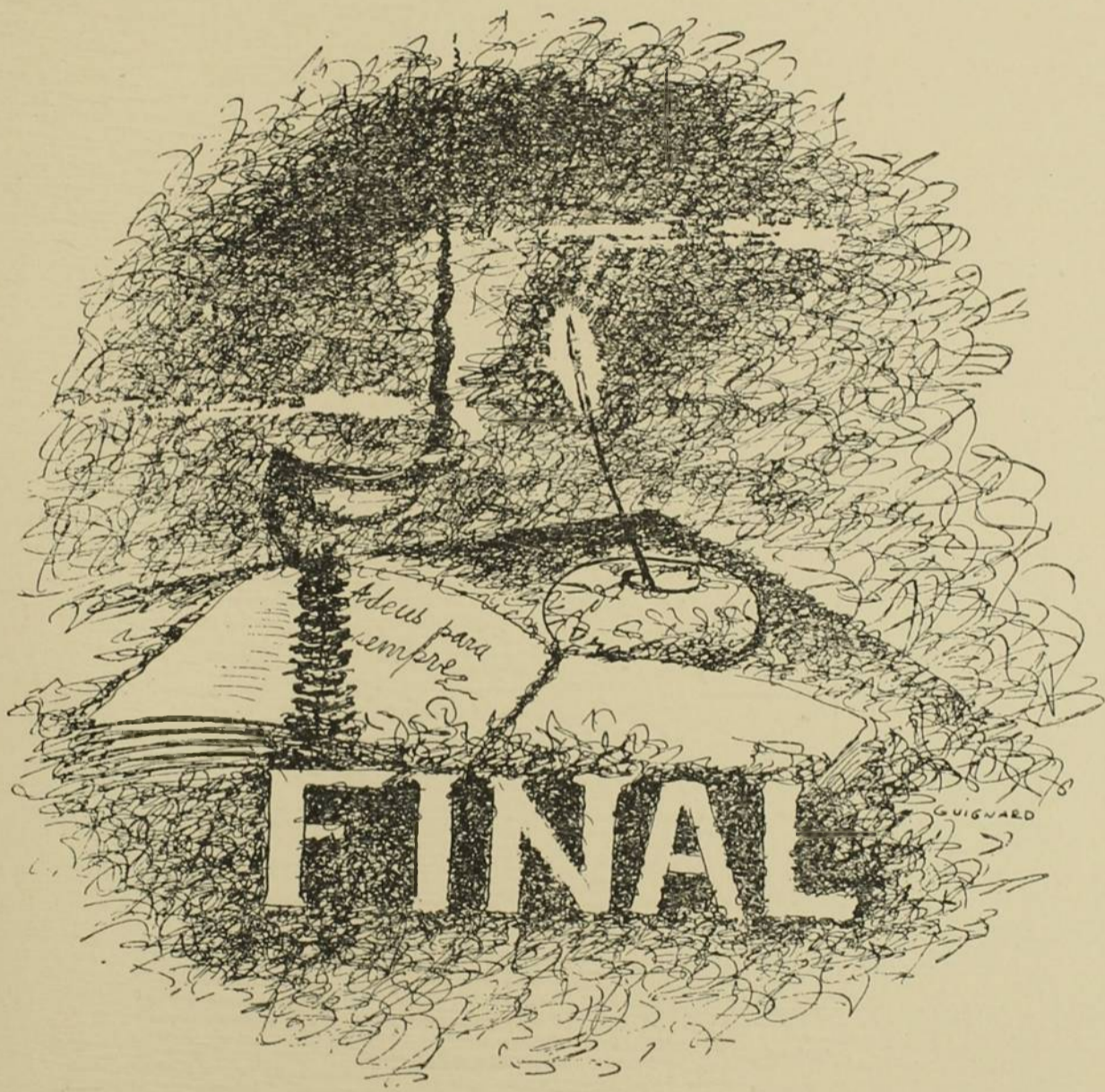
É êste, ó Lício, é êste,
Sem dúvida, o País belo e sereno,
Aonde a paz celeste
Não respira da inveja o atroz veneno,
E aonde, livres da infeliz mudança,
Descansa o teu e o meu bom Pai descansa.

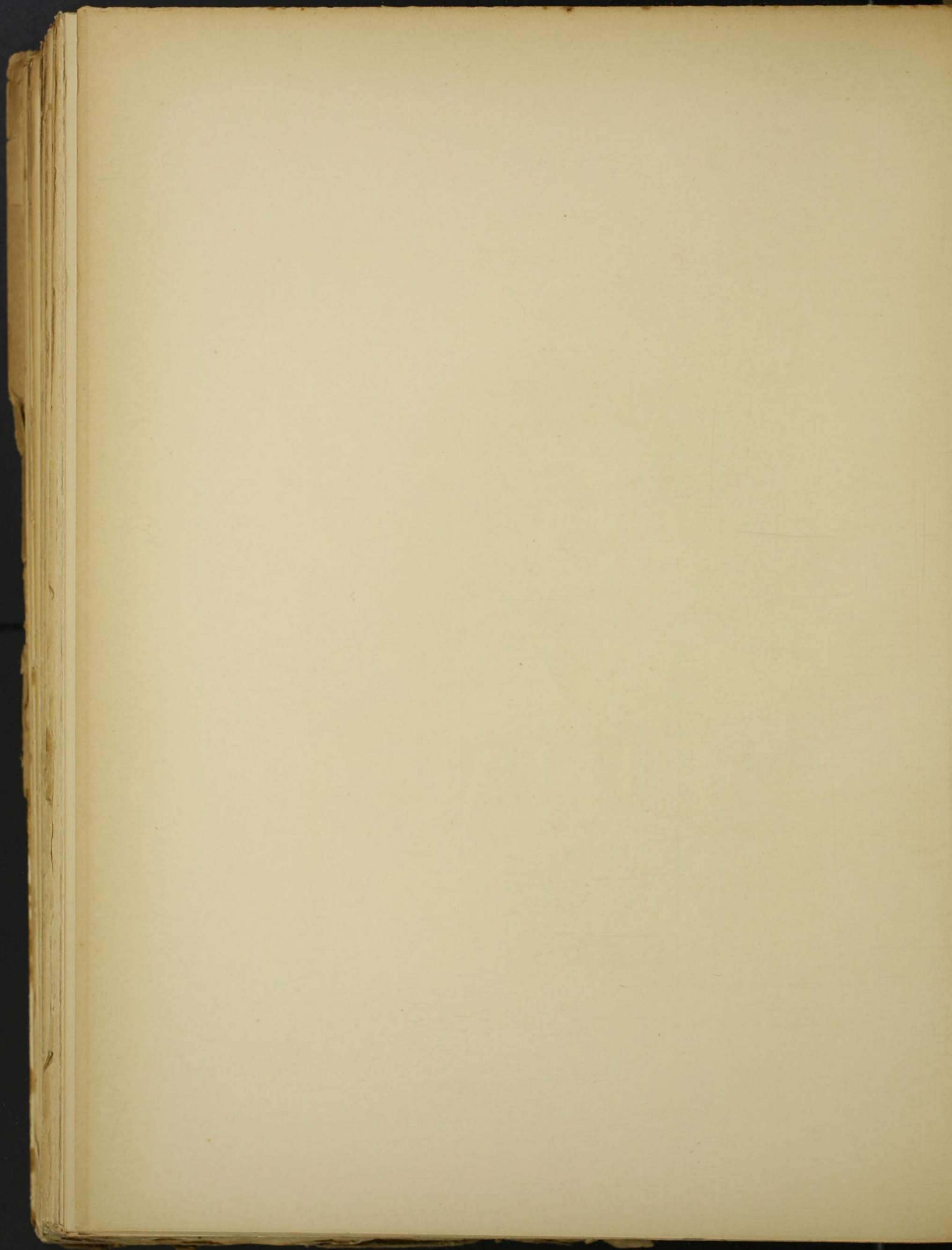
Que doce companhia
Deveremos fazer-lhes ! Ah ! se apresse
O momento que um dia
Tão gostosa união nos lavra e tece !
Cheguemos a beijar as Mãos Sagradas,
Que enchem de glória as imortais Moradas.

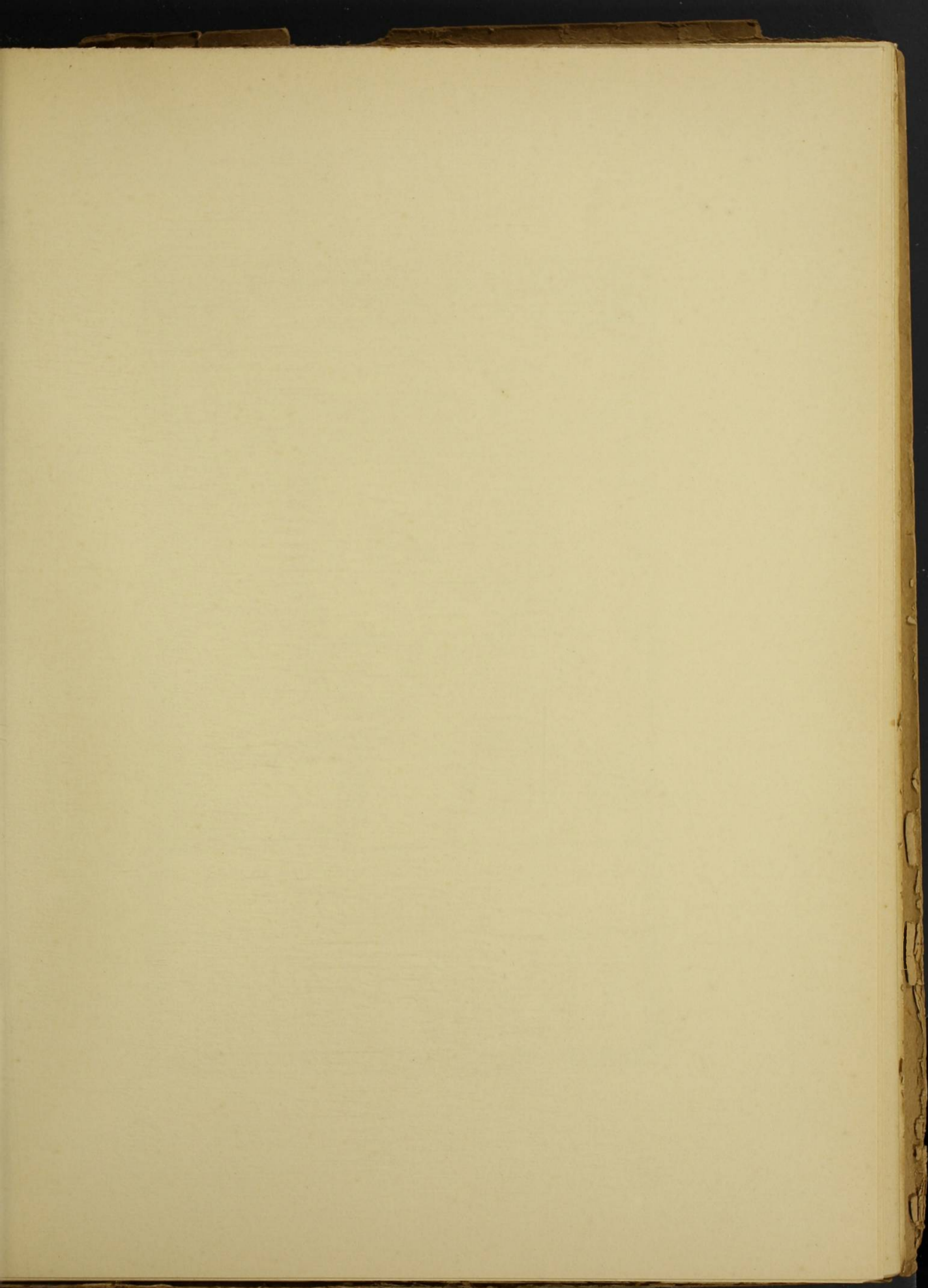
Em práticas suaves
Alí as breves horas gastaremos;
Nem já nos serão graves
Na lembrança os trabalhos que aquí temos;
Nem da pesada humanidade nossa
Pena haverá, que atormentar-nos possa.

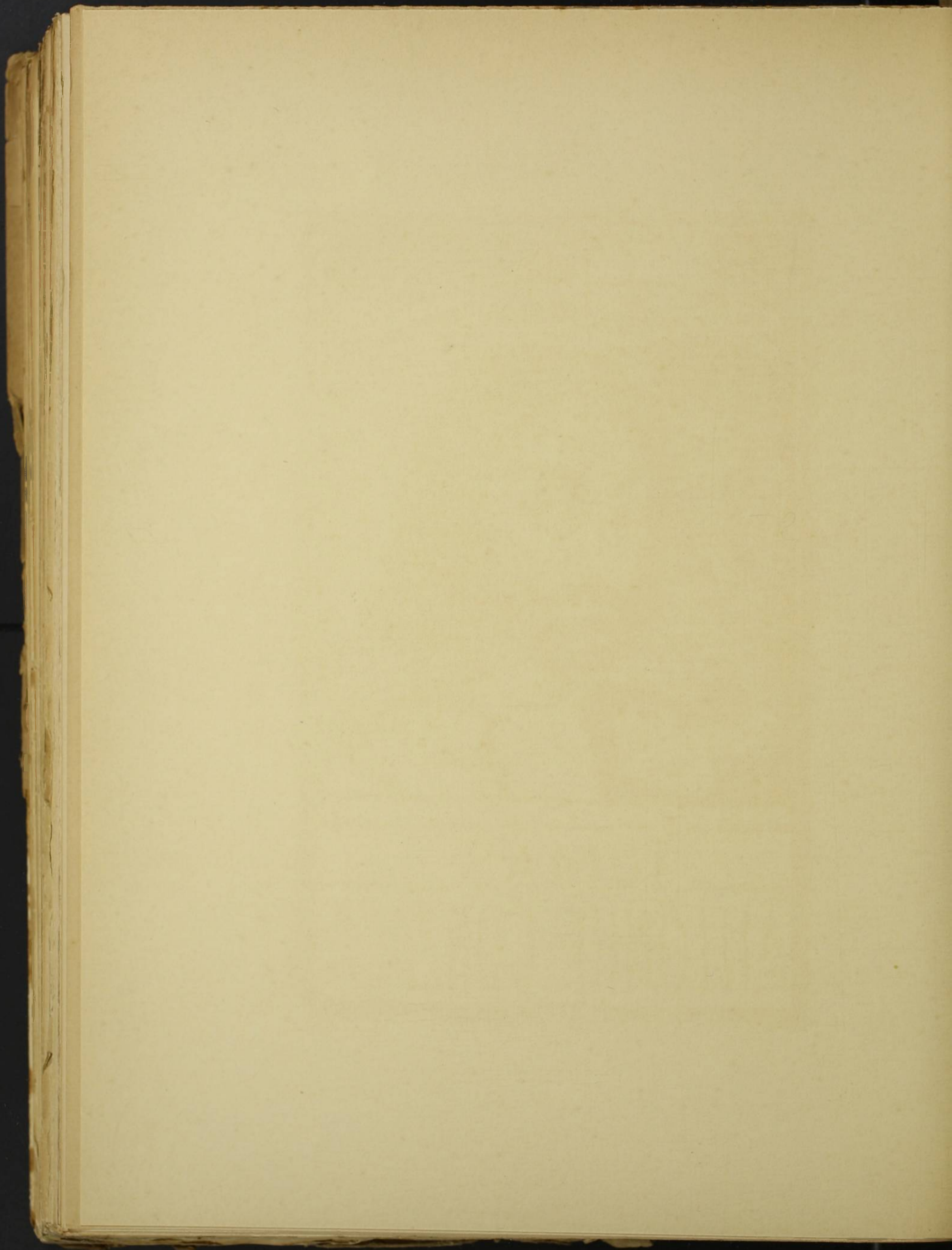
Mas tu, que dos humanos
Reges, ó Grande Deus, a dúbia sorte;
Tu, que a meta dos anos
Firmas, descendo de teu mando a morte,
Dilata os dias do meu Lício, enquanto
Douto me instrue e me entretém seu canto.

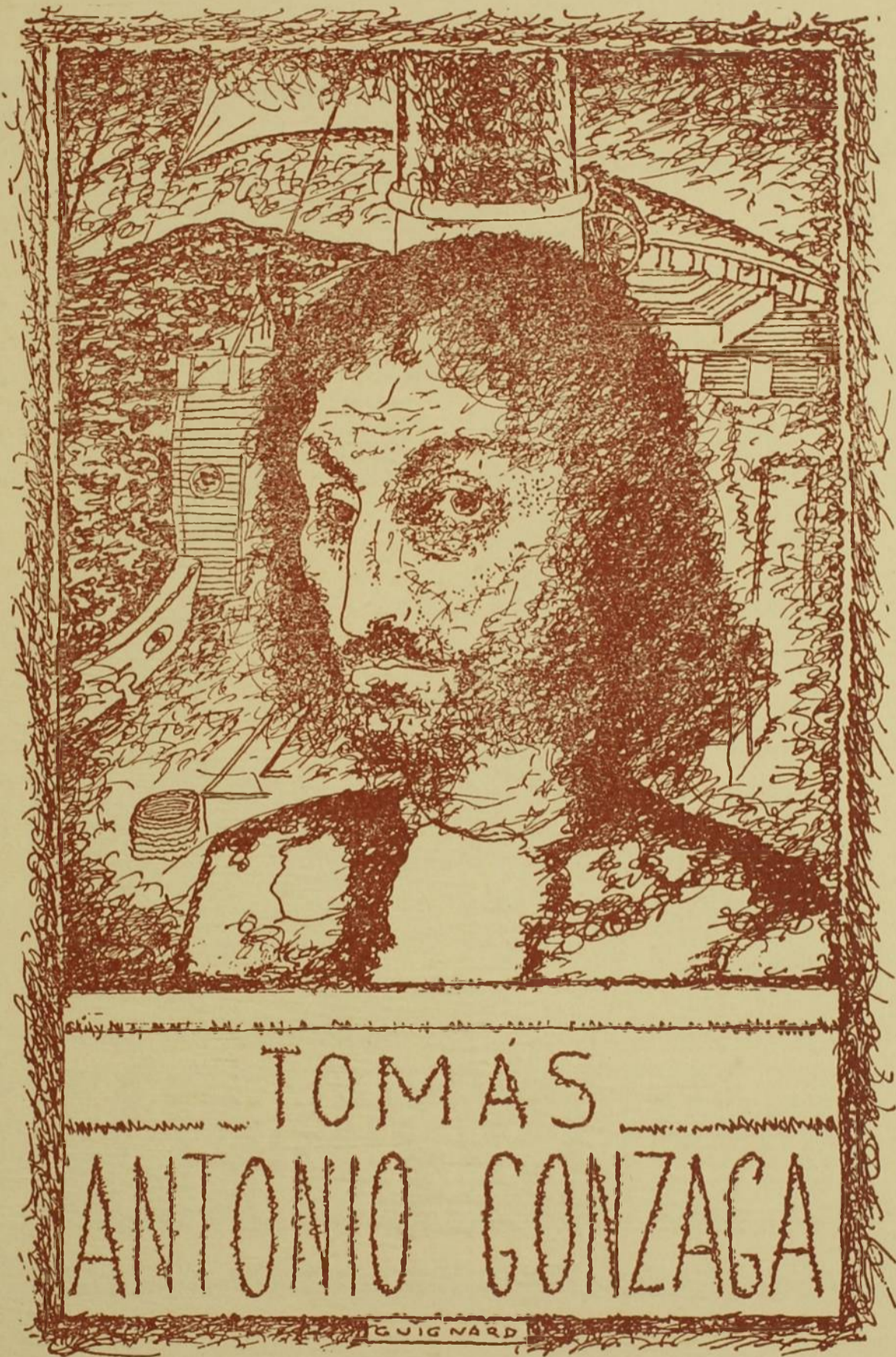






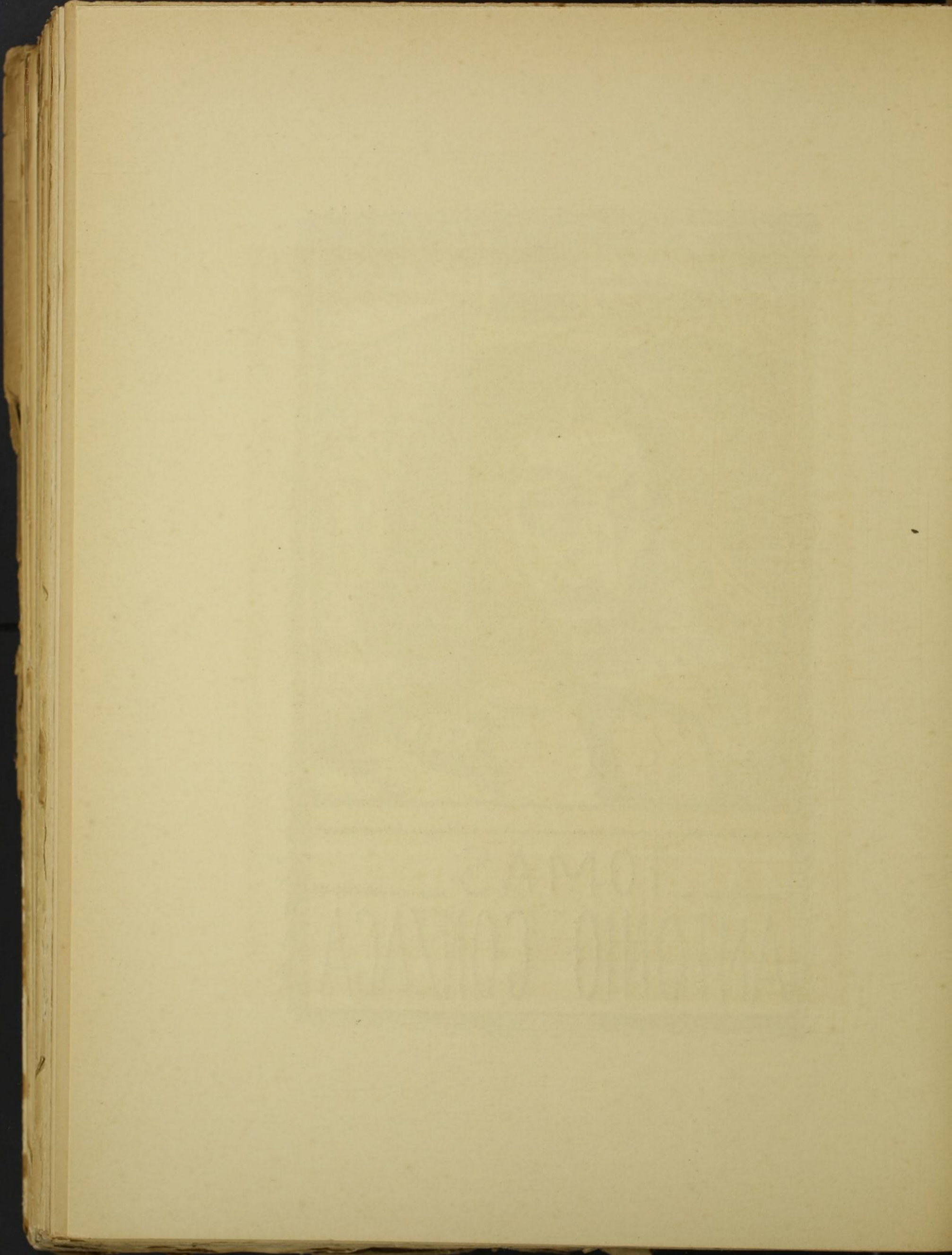






TOMÁS
ANTONIO GONZAGA

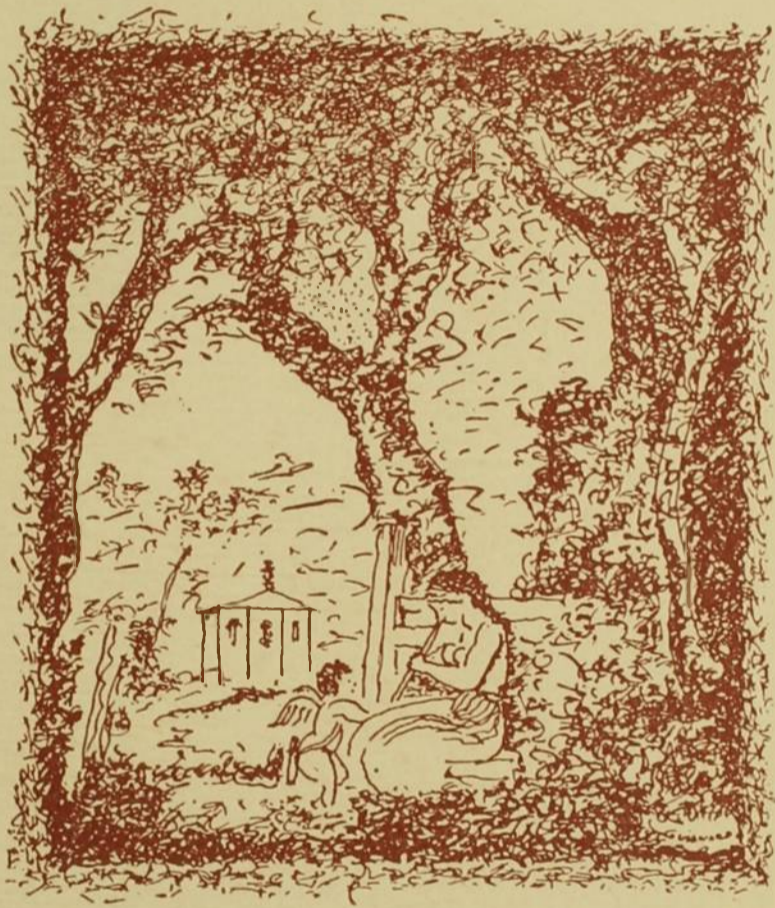
GUIGNARD





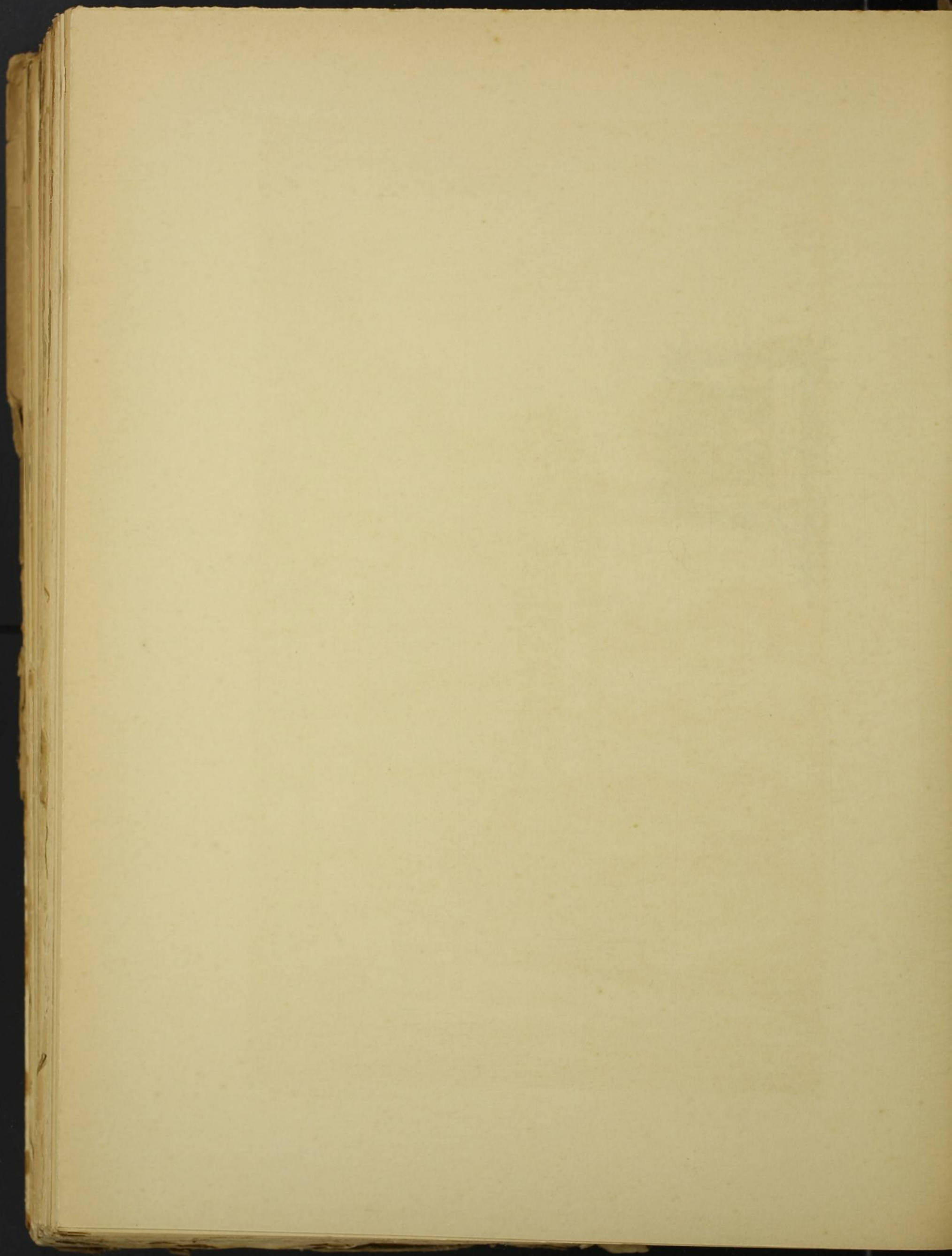
MARILIA DE DIRCEU





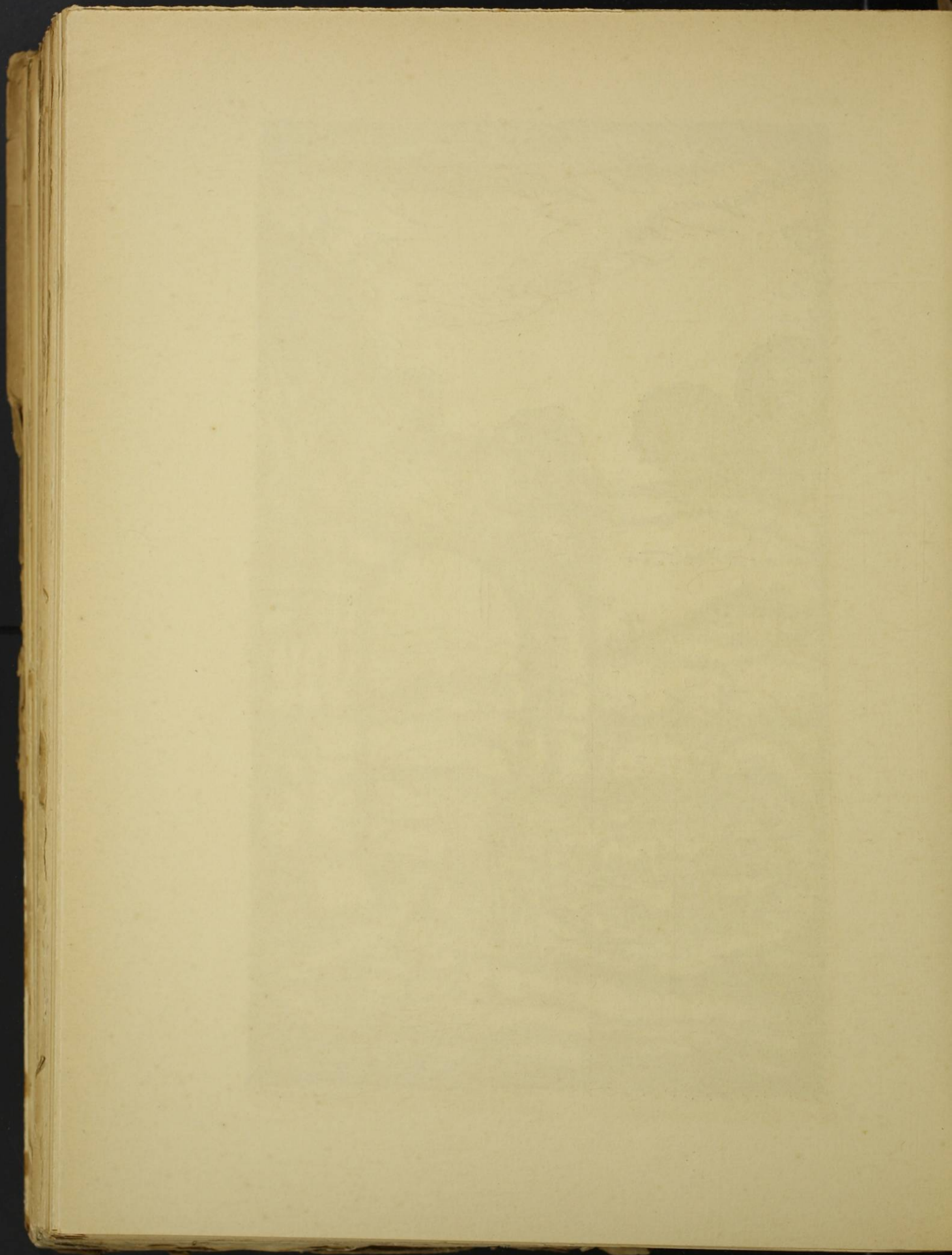
PRIMEIRA PARTE





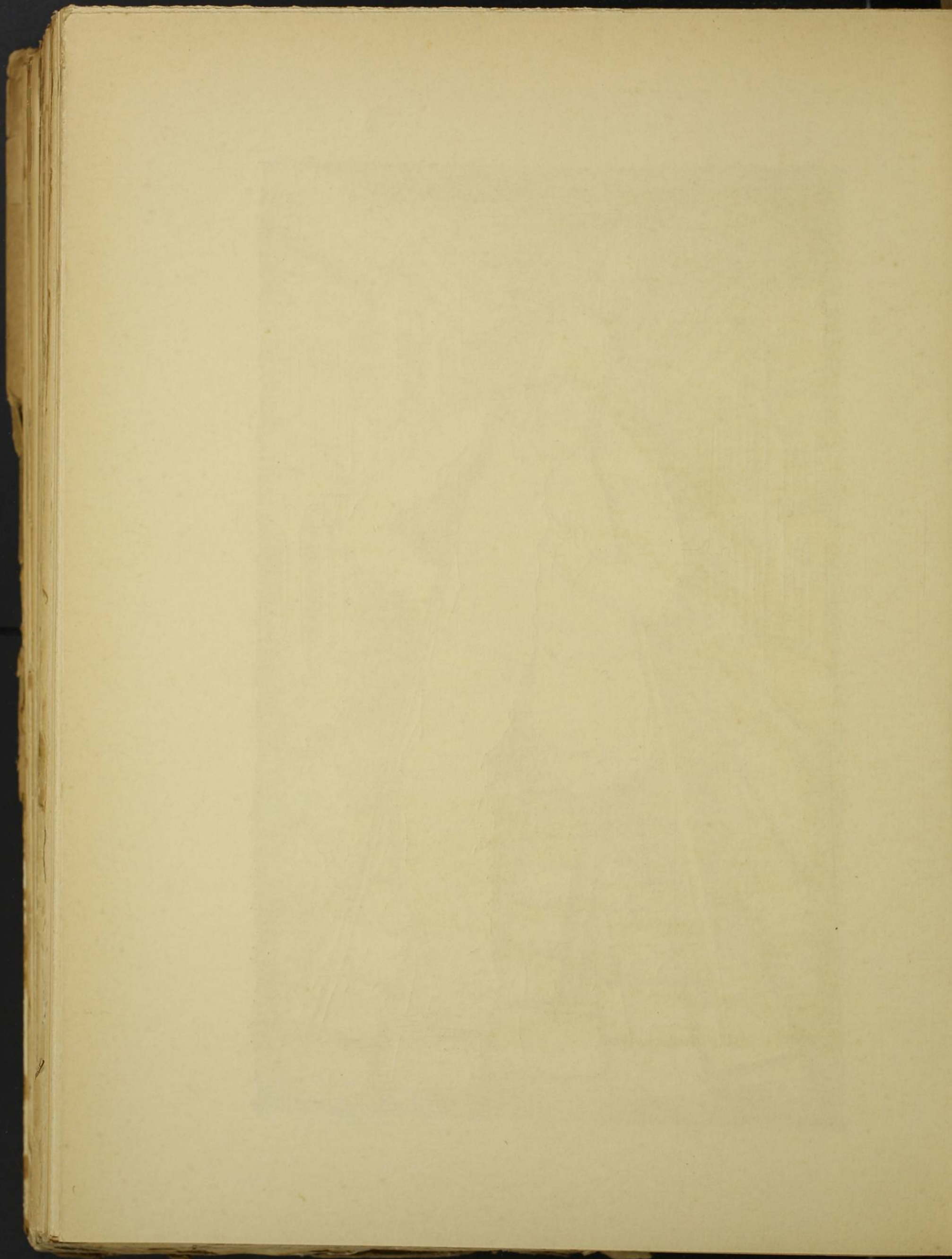


COLEMAN



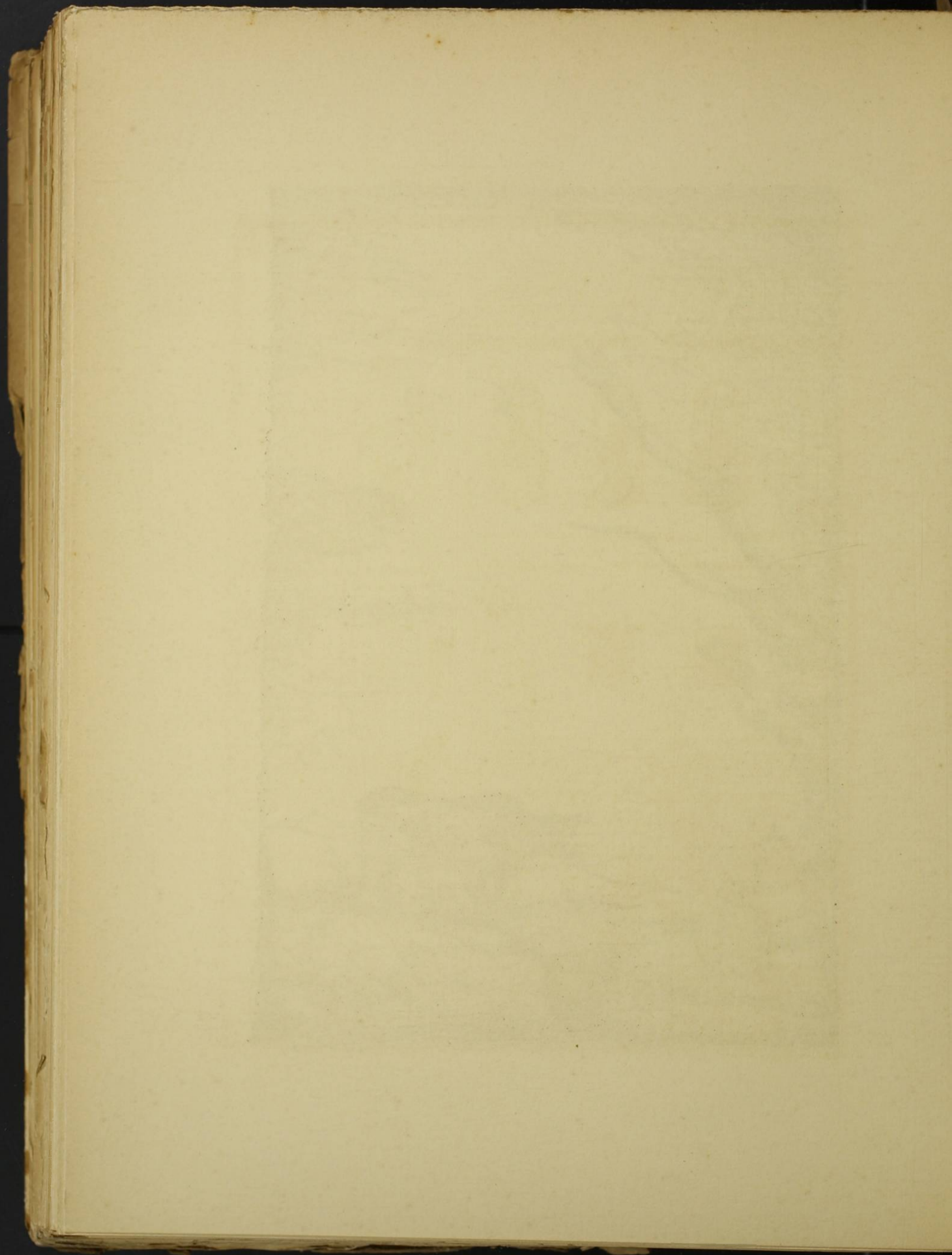


GIGNARD

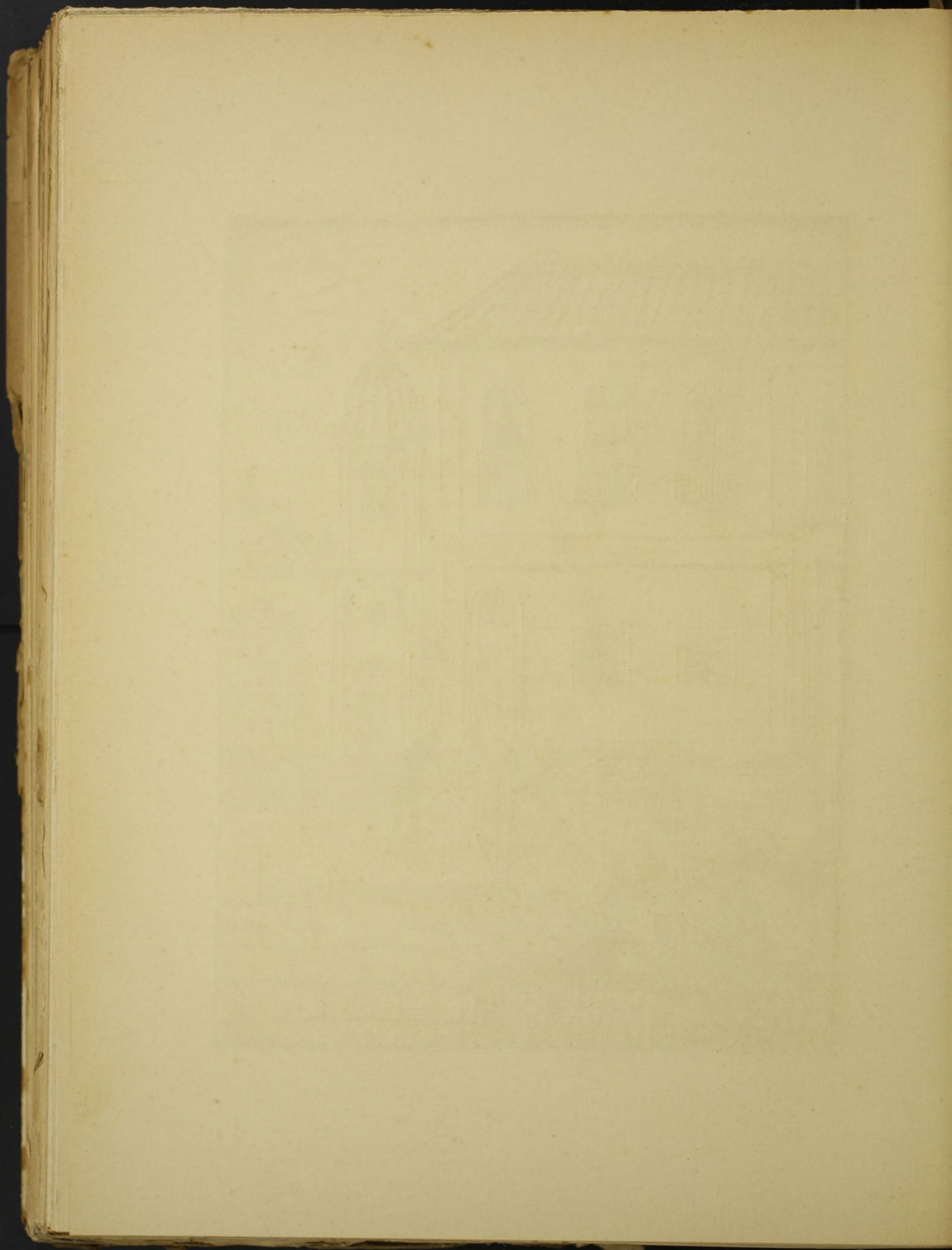




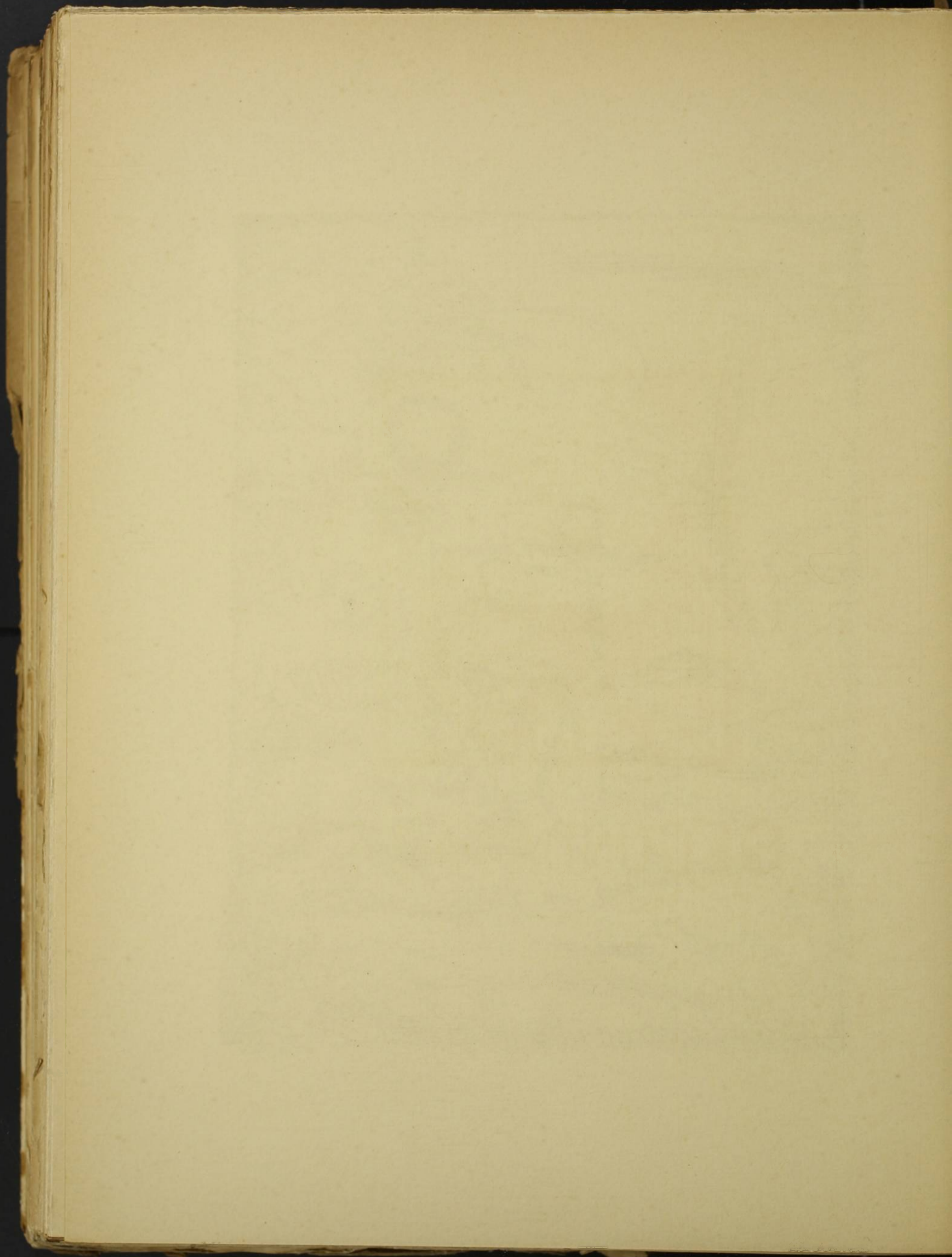
GUIGNARD





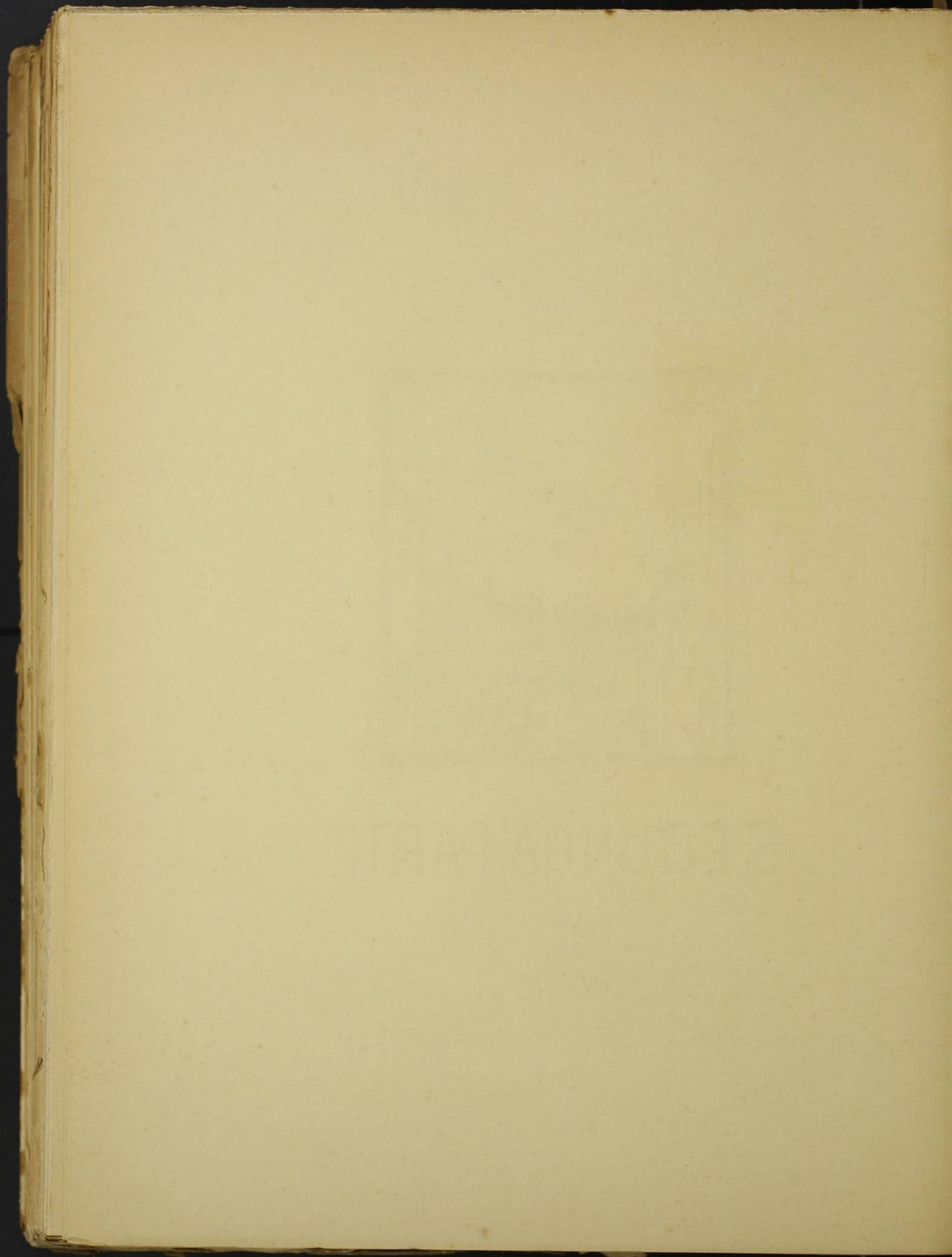




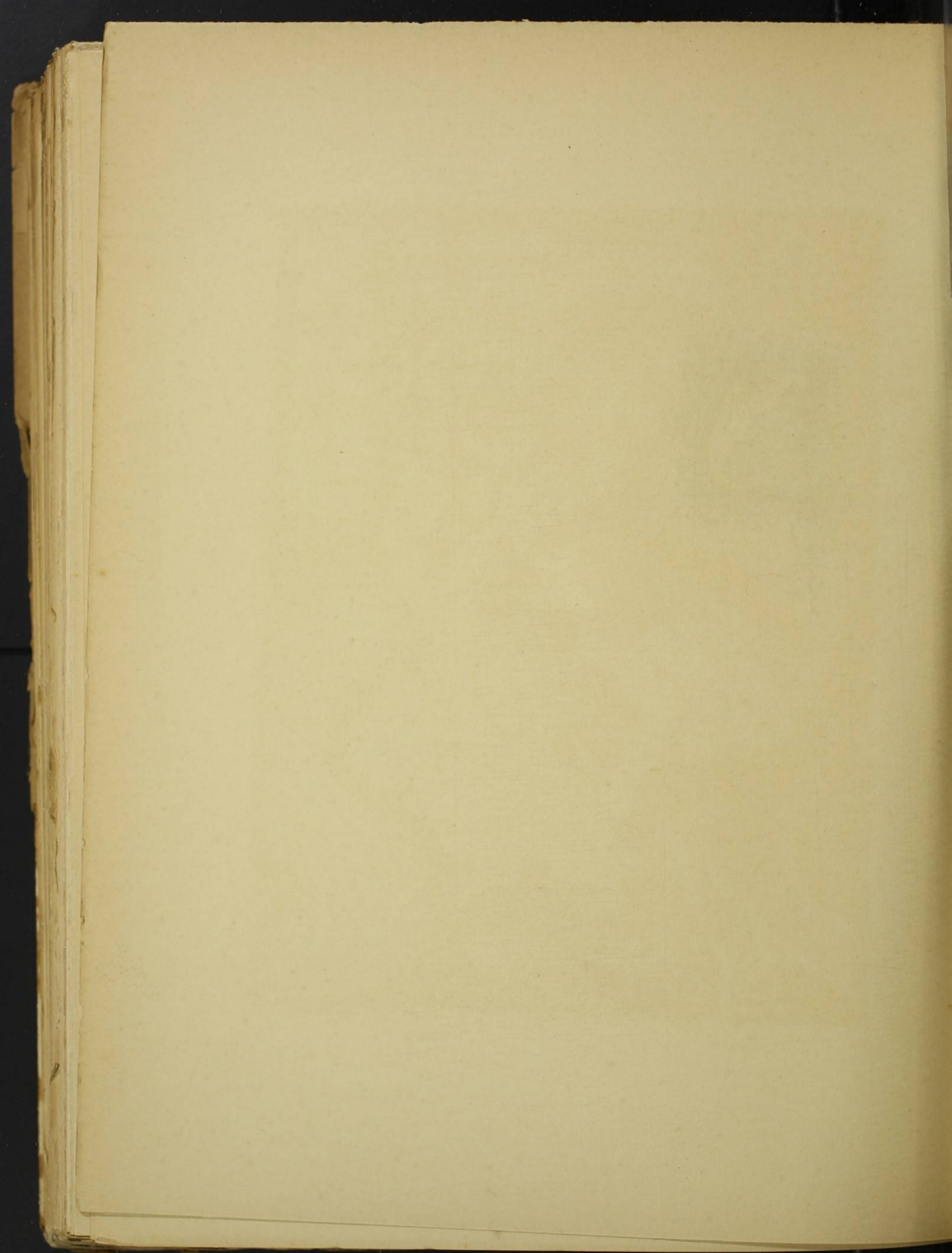




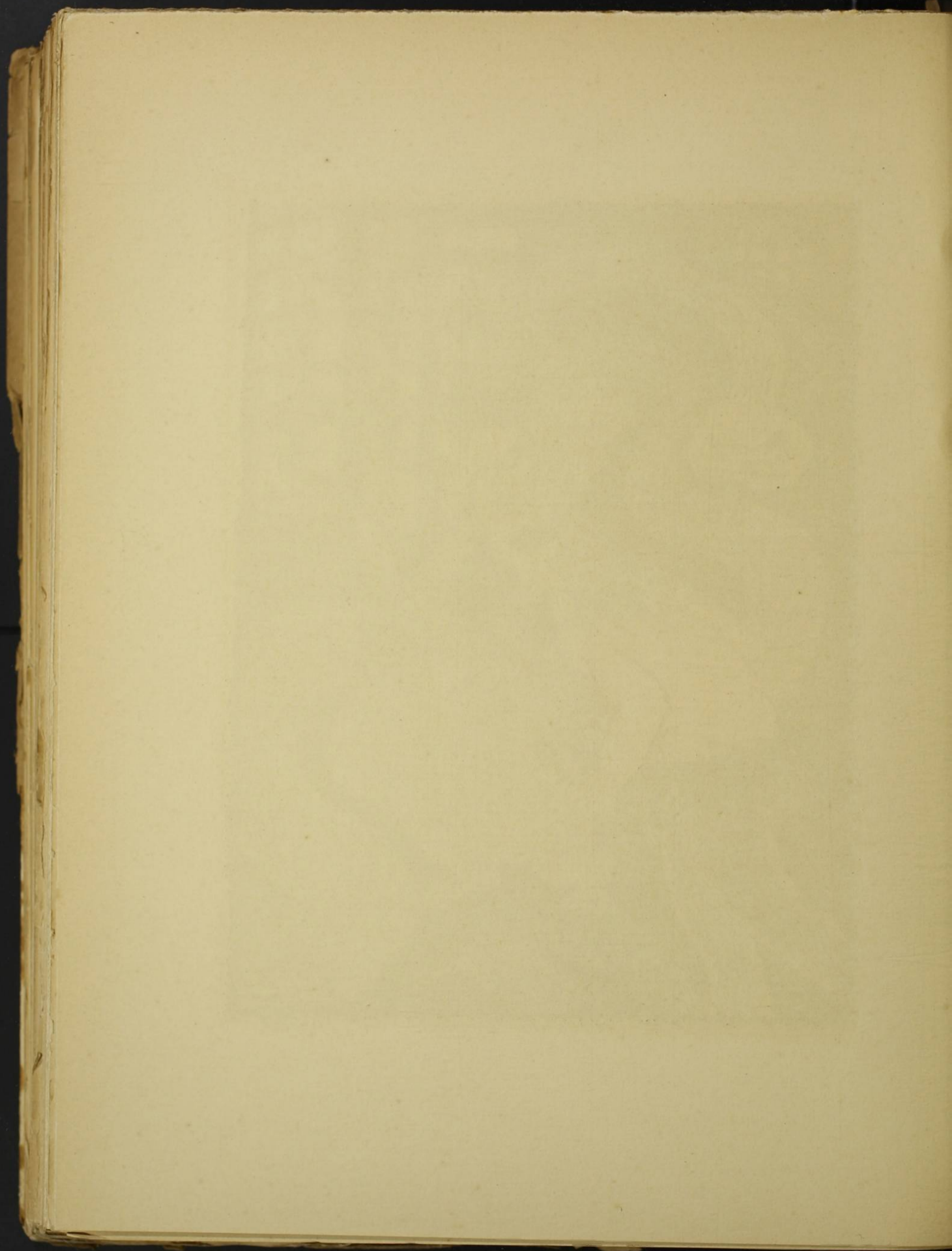
SEGUNDA PARTE





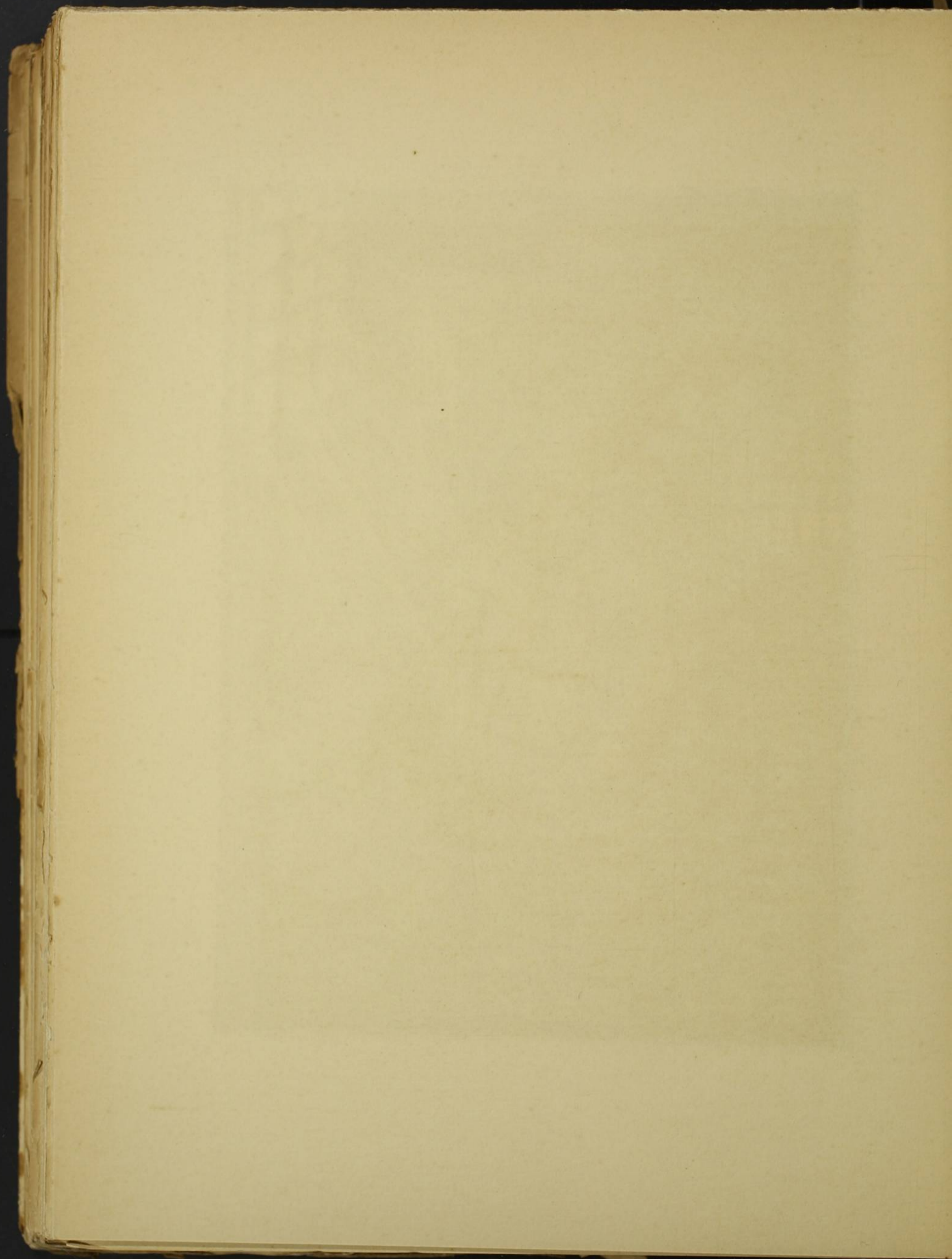






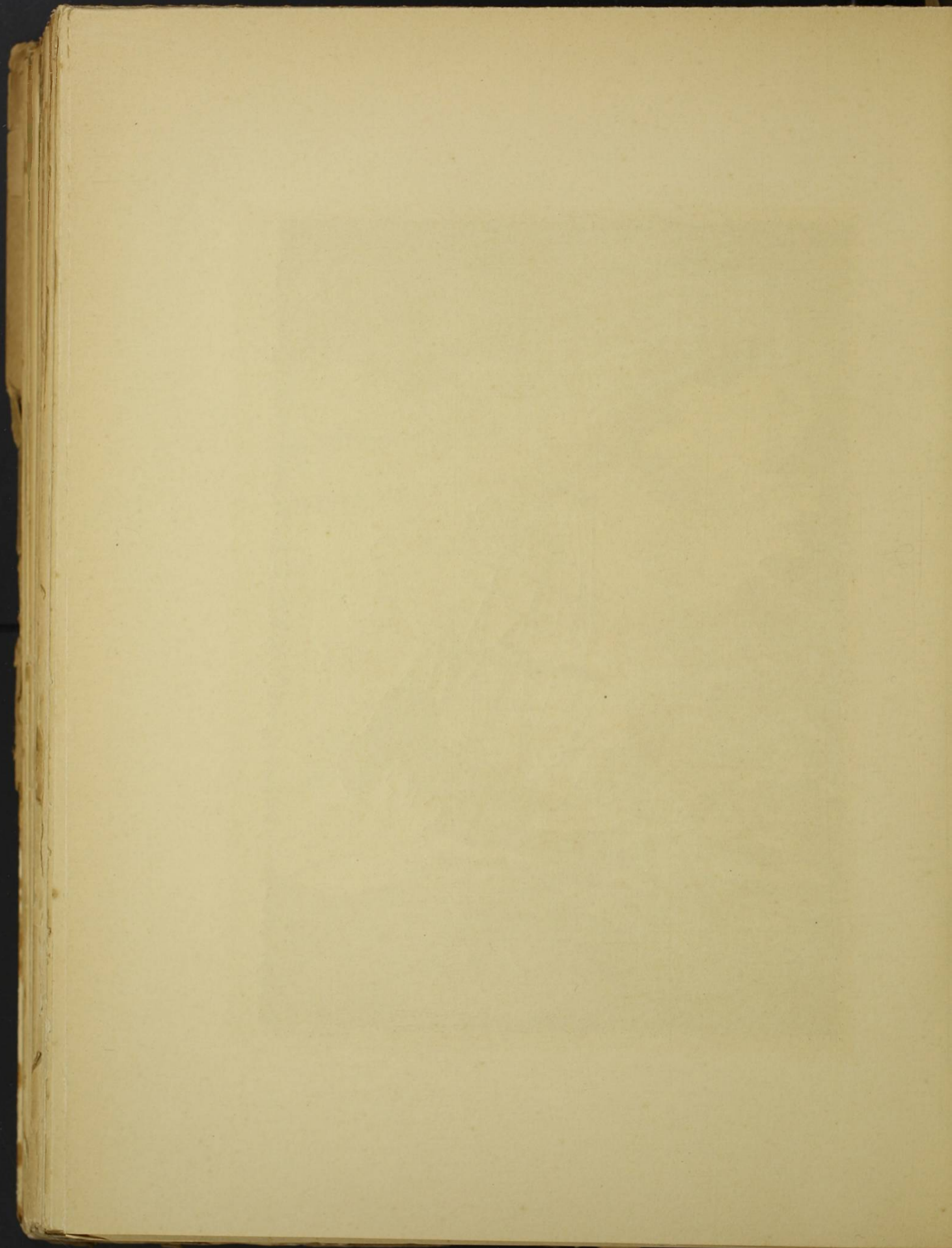


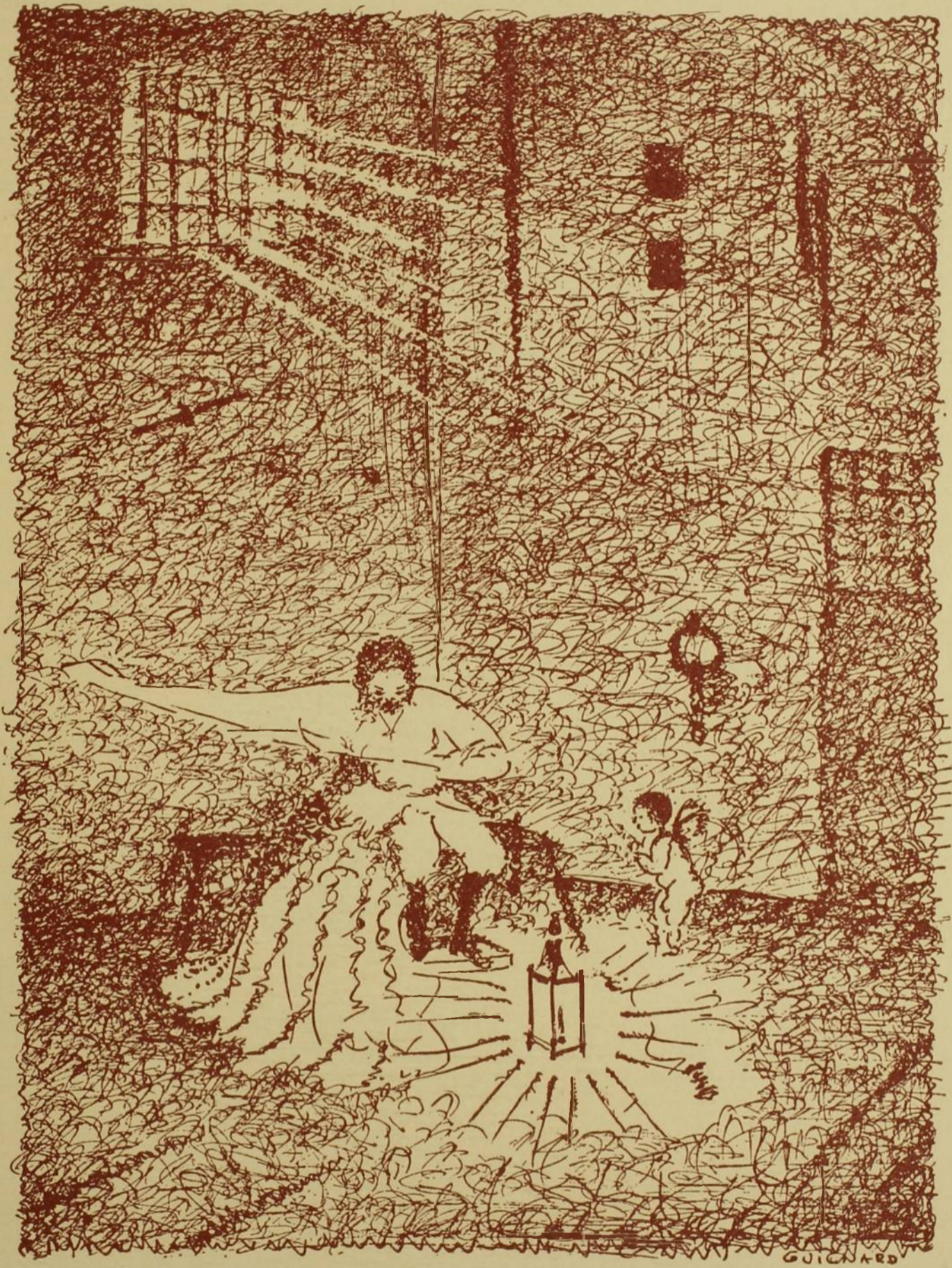
DUIGNARD

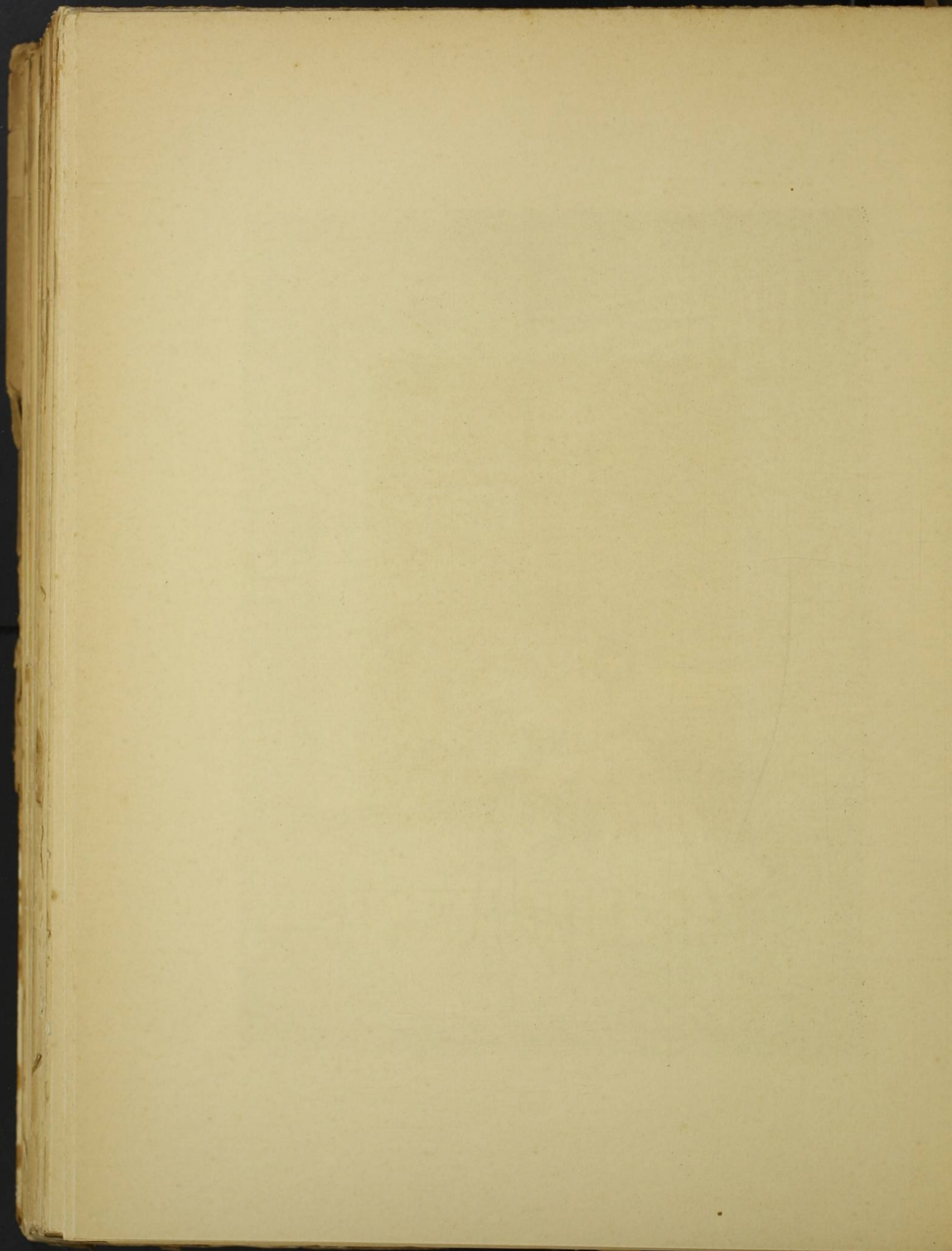


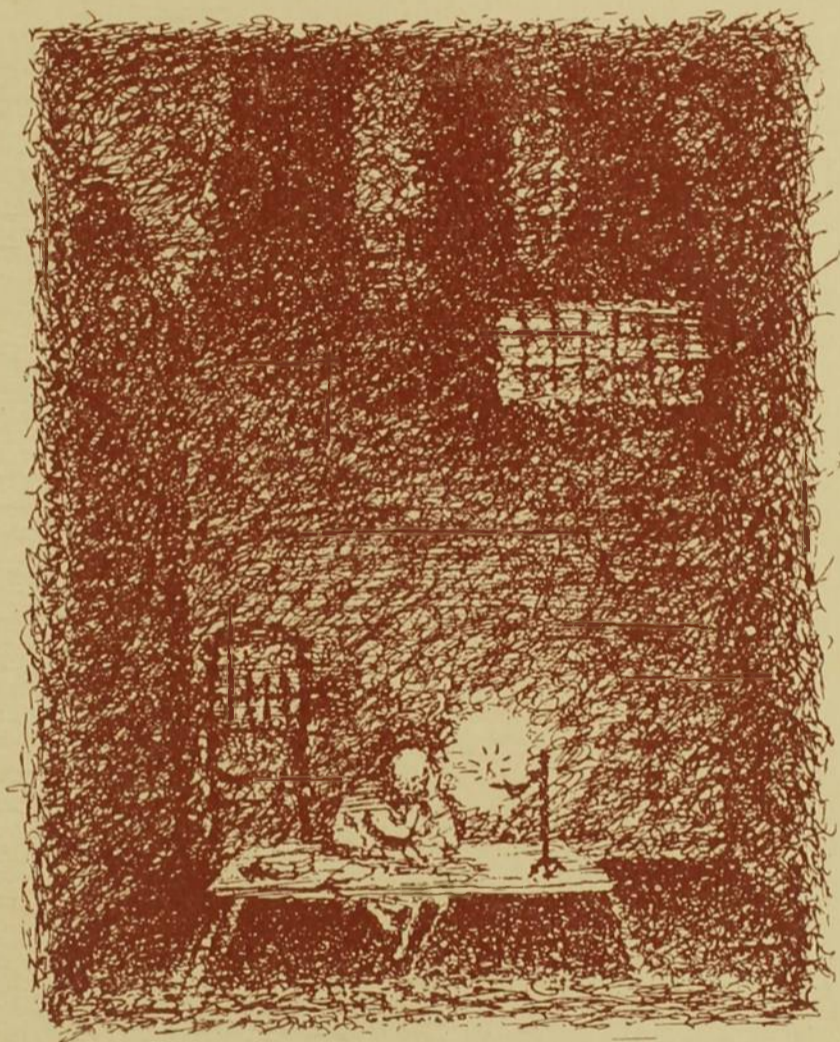


© 1904

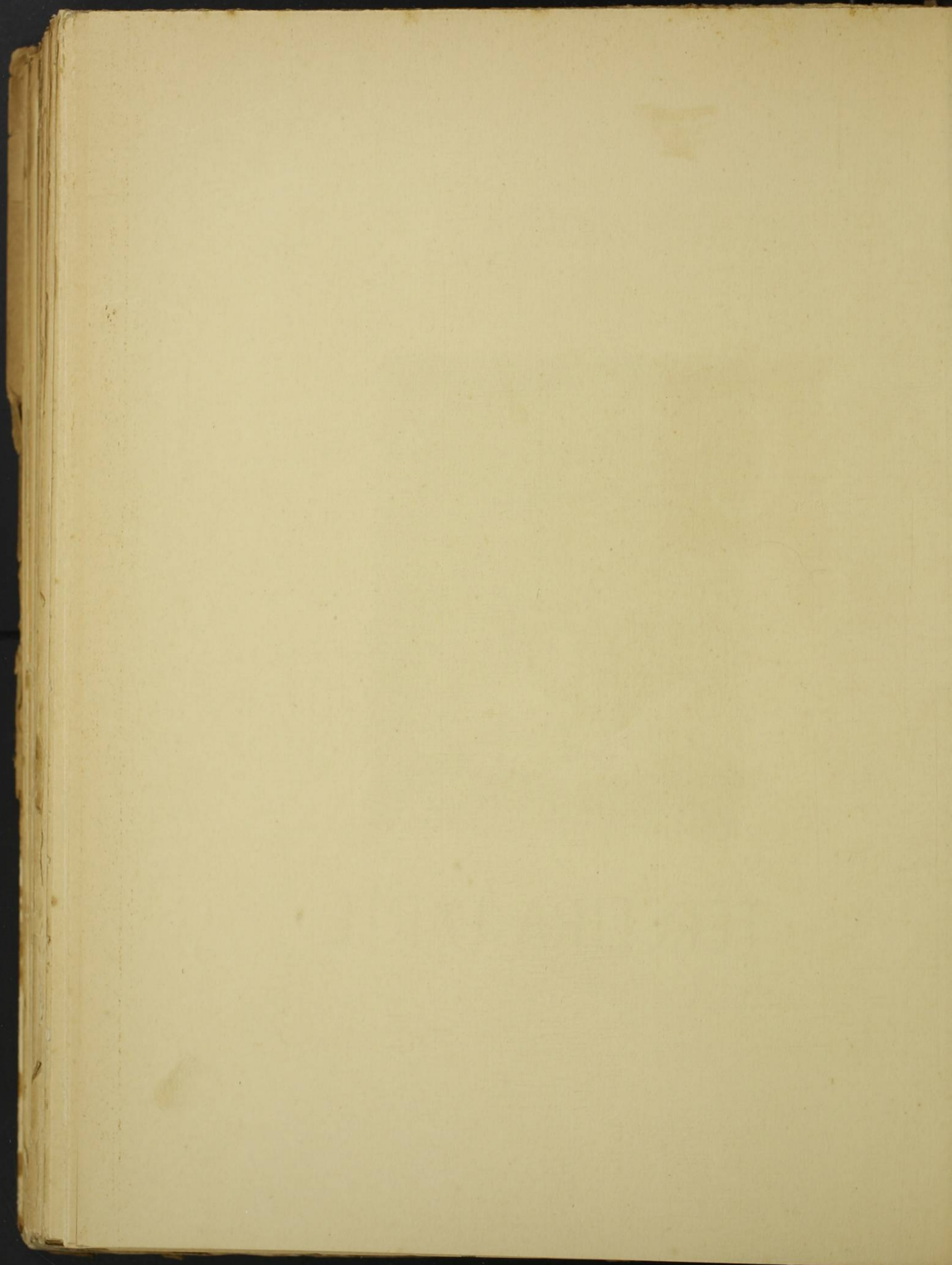




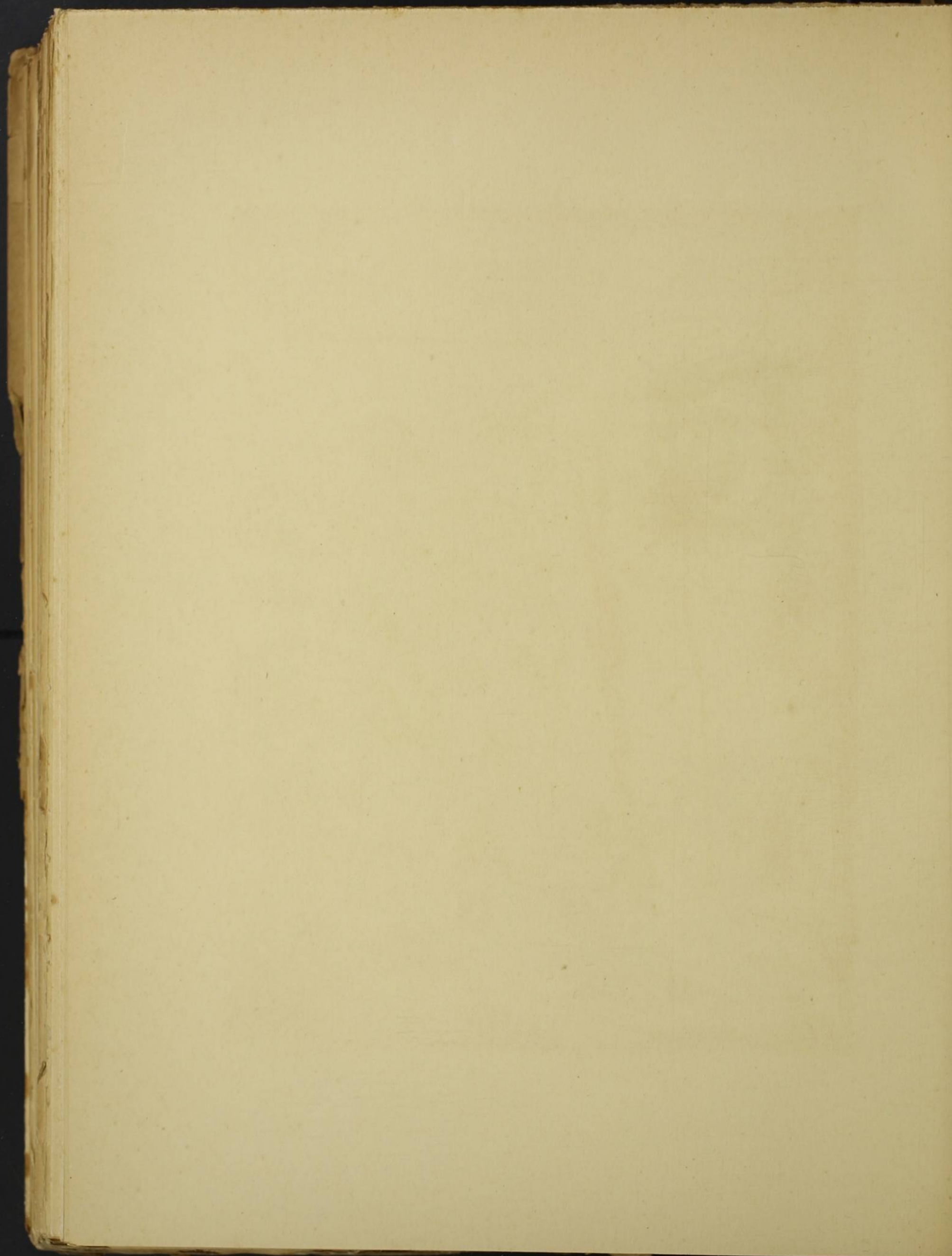




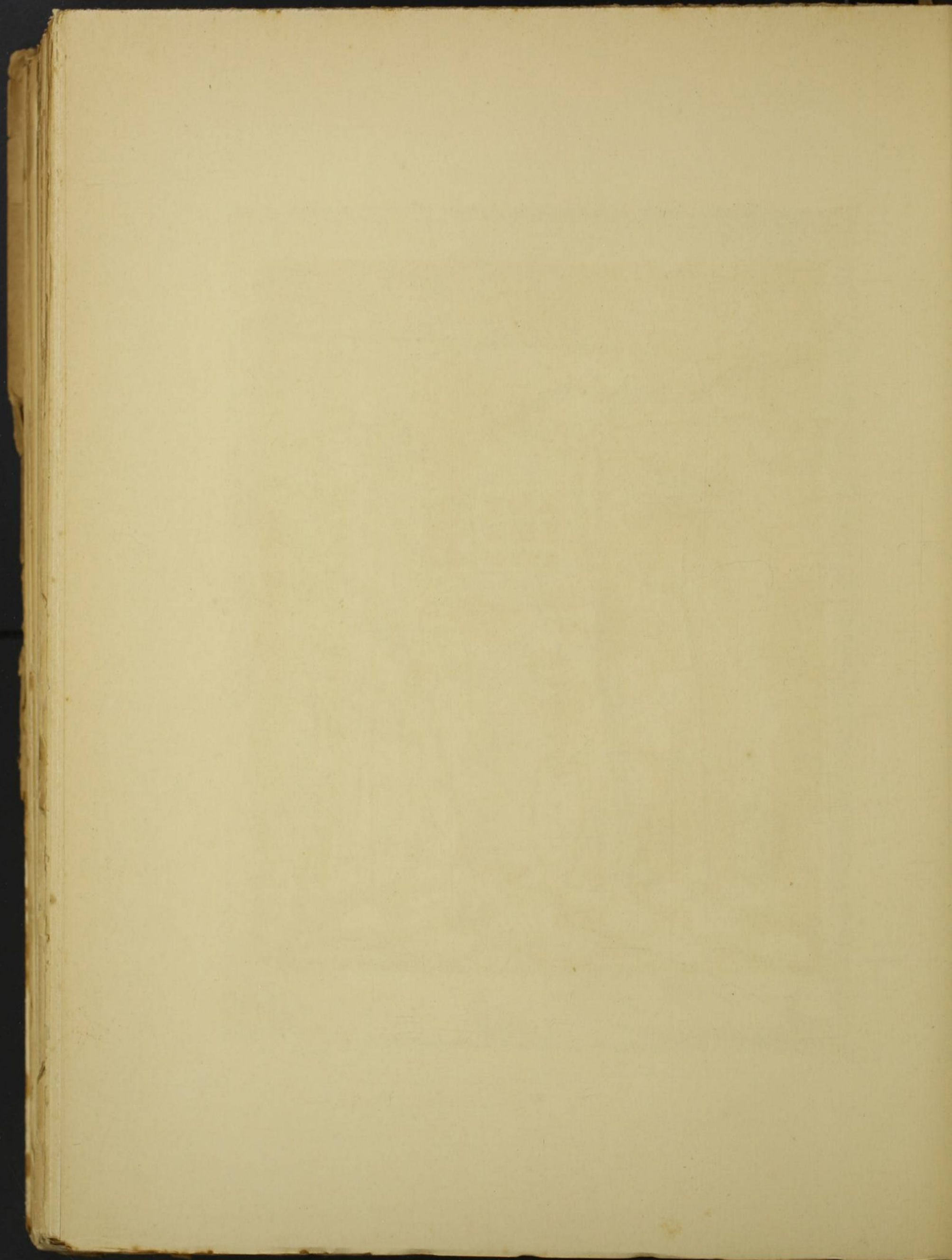
TERCEIRA PARTE



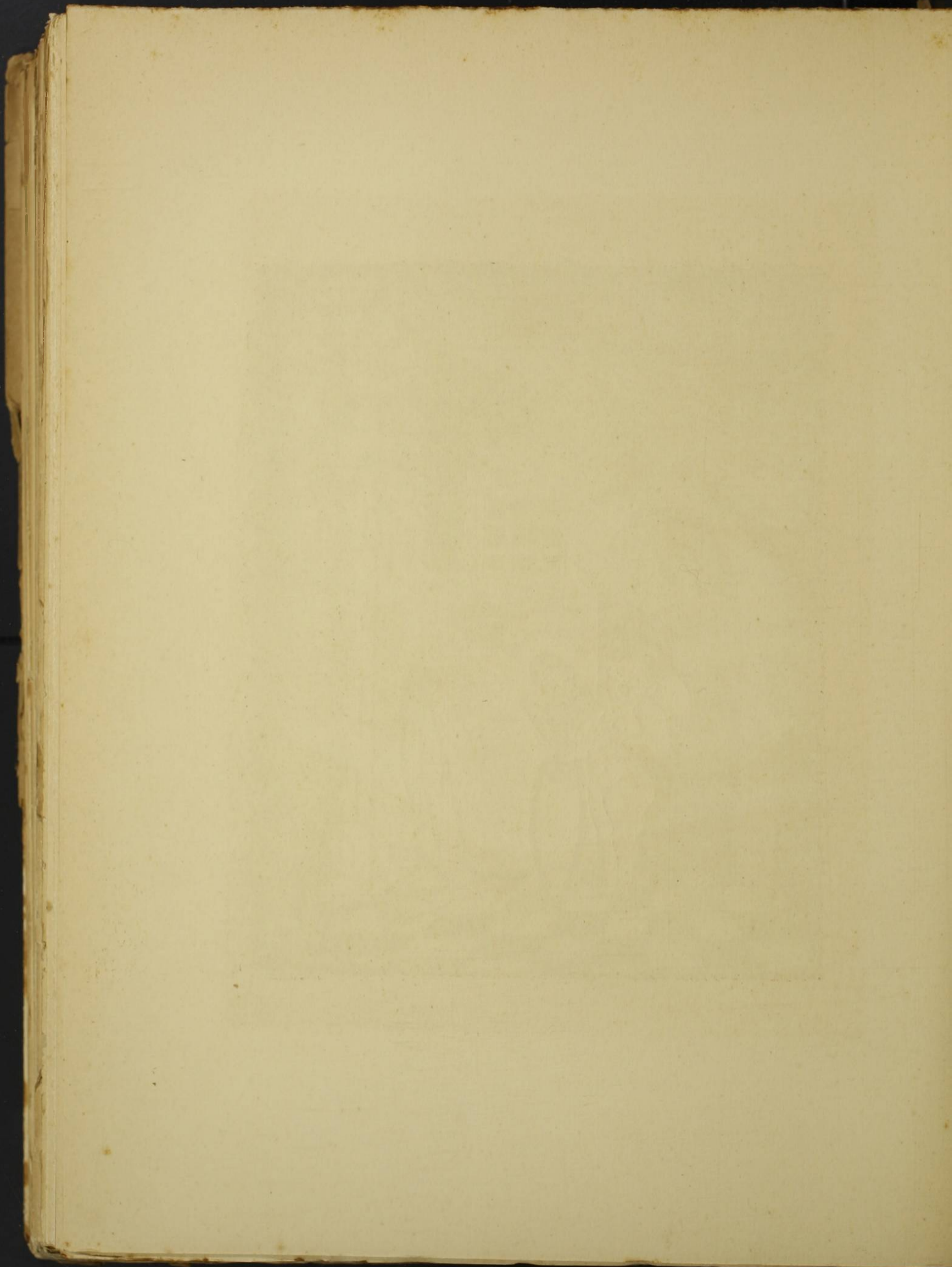




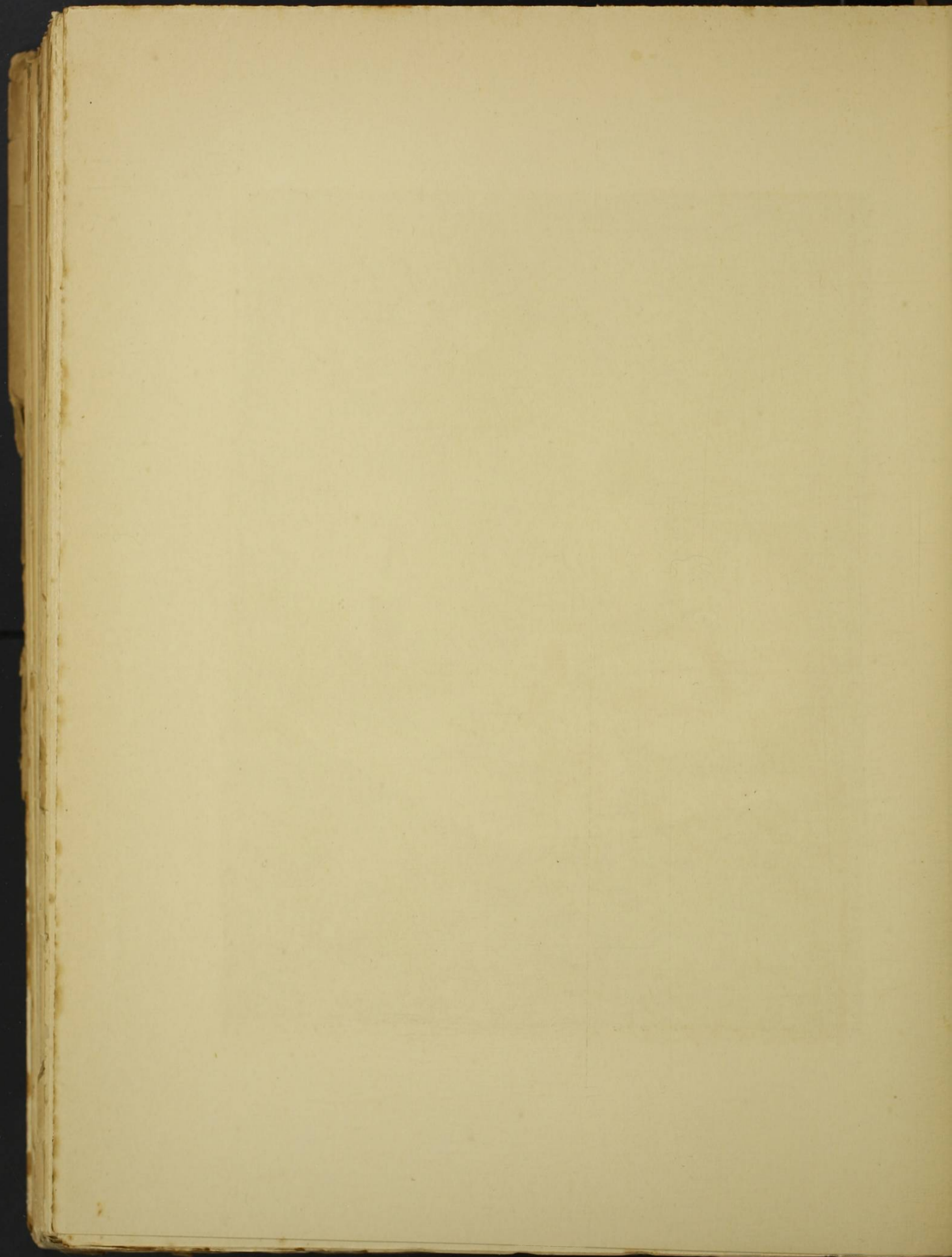






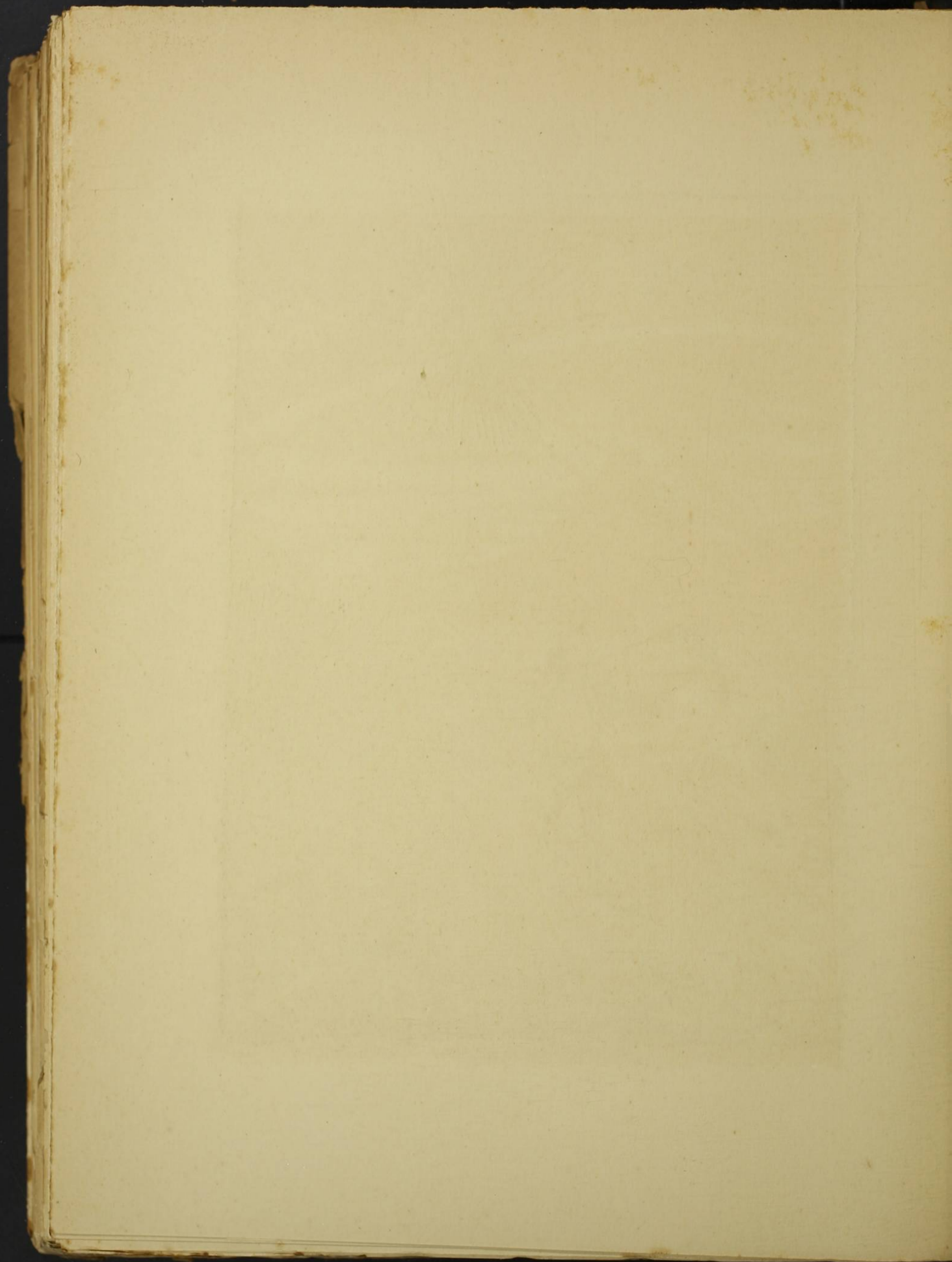




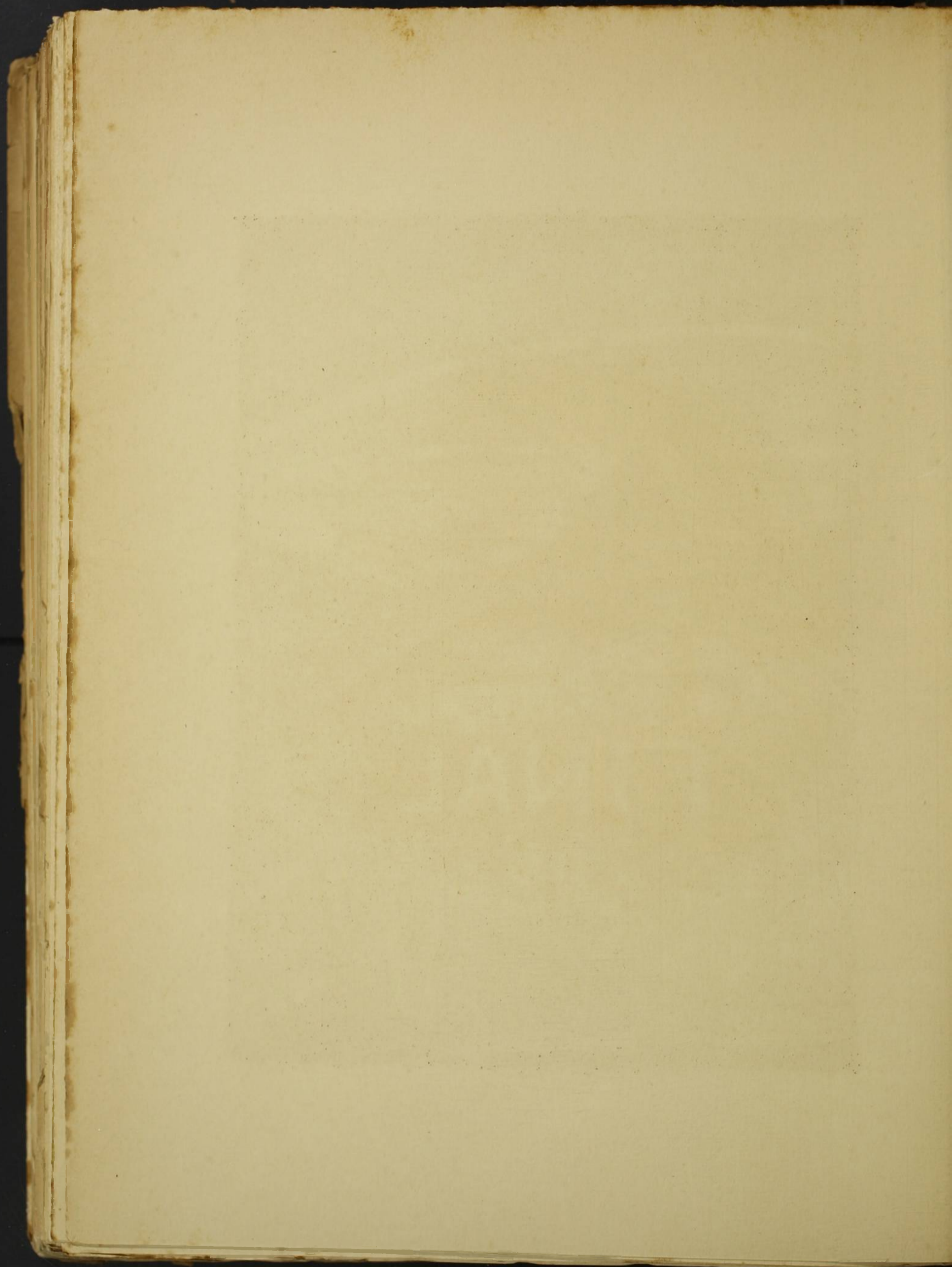


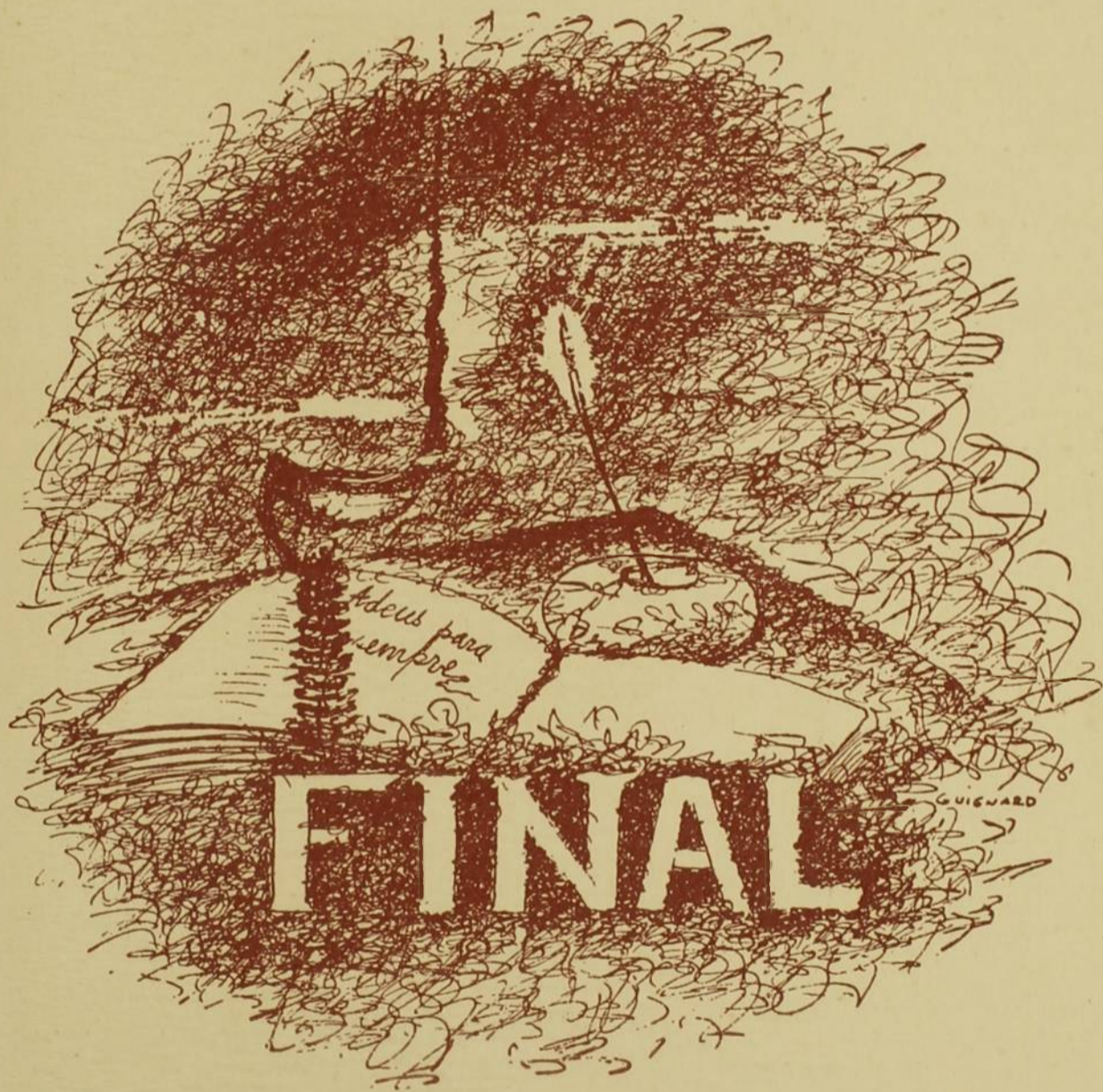


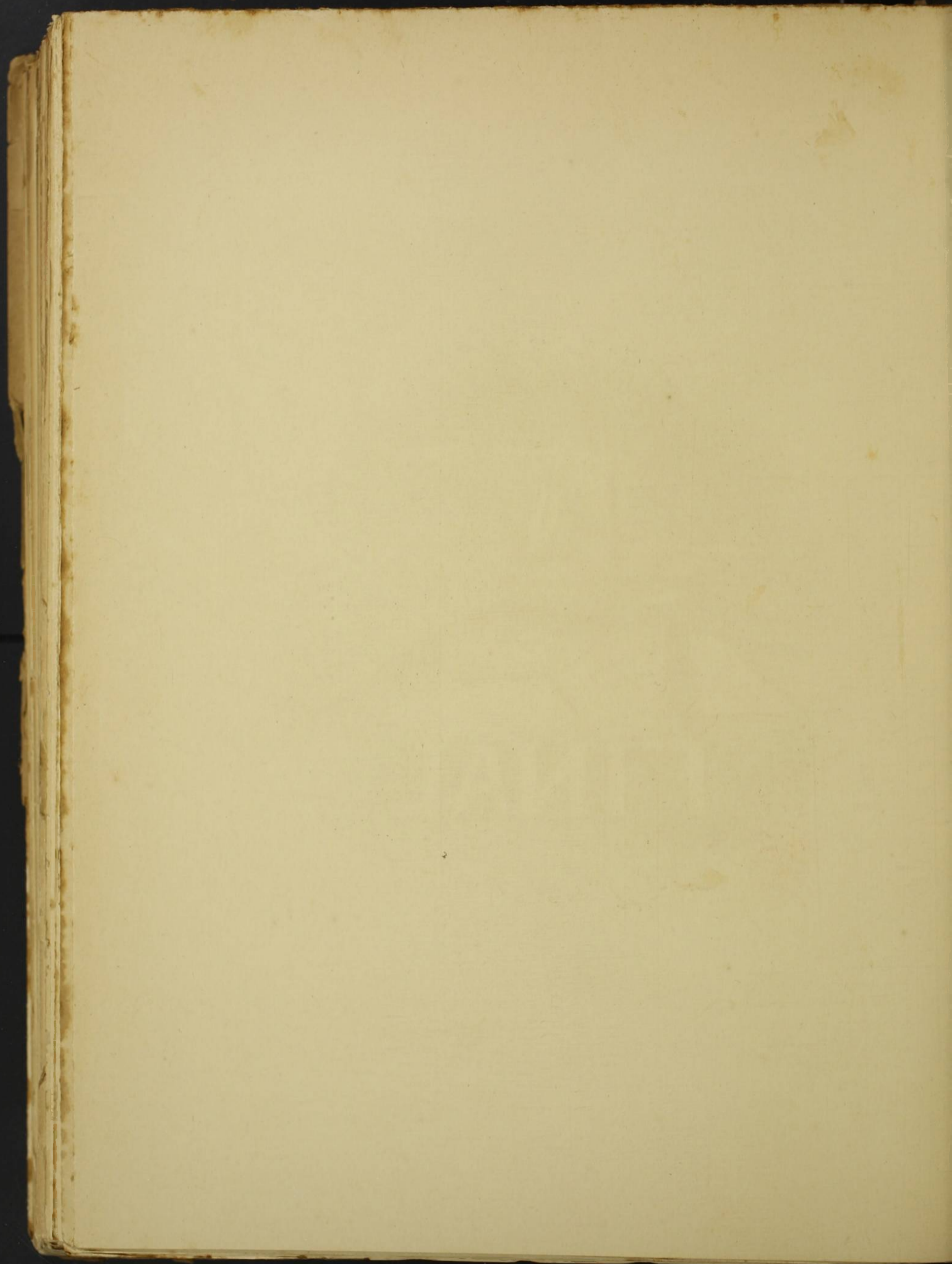
GULIARD











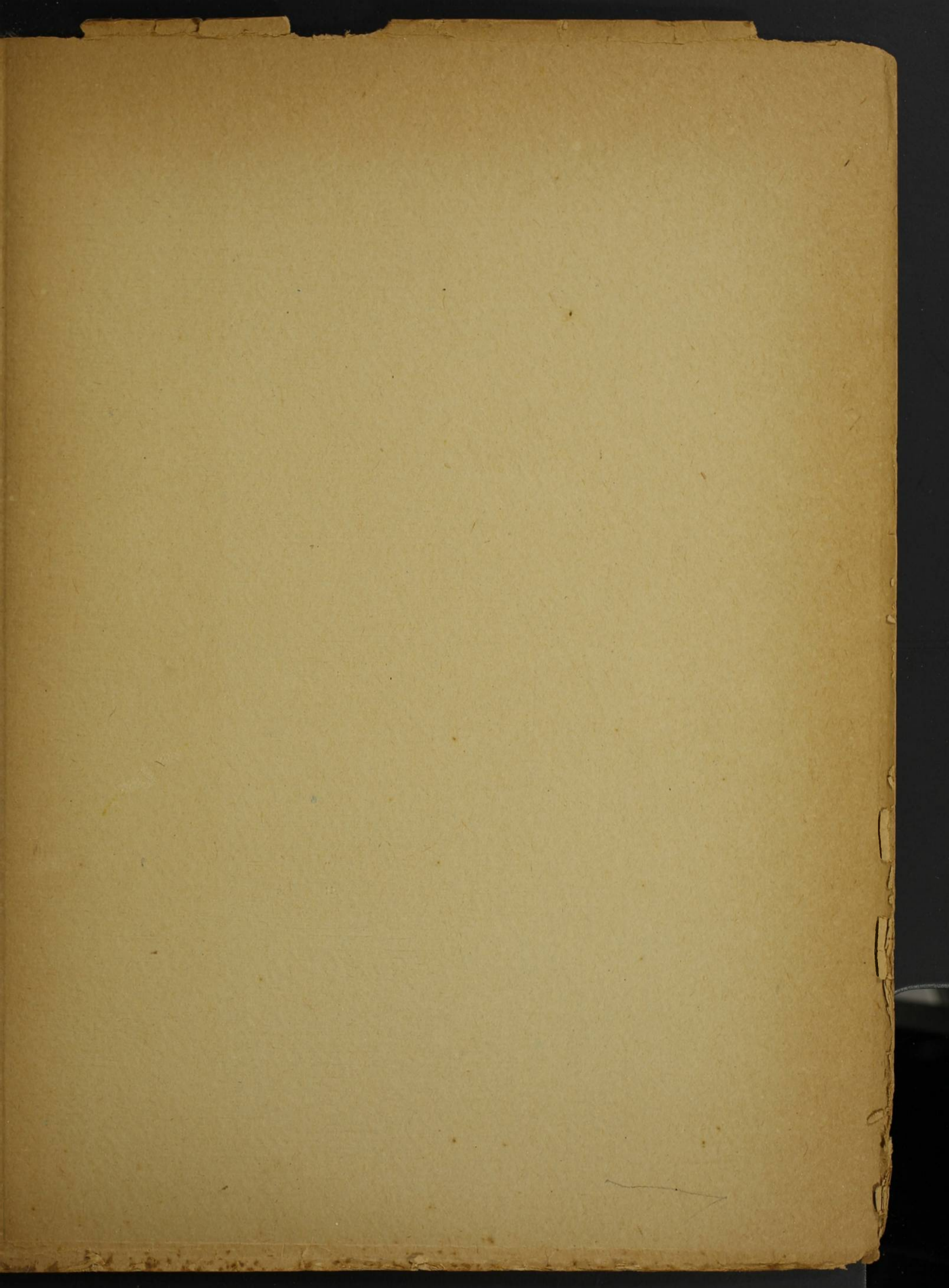


Este livro foi composto e impresso
nas oficinas da
Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda.,
à
rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo
para a
LIVRARIA MARTINS EDITORA
à rua 15 de Novembro, 135
em março de 1944.



250

23192





Impresso na
E. G. "Revista dos Tribunais" Ltda.
São Paulo